**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA**

TÁLI PIRES DE ALMEIDA

**As imigrantes sul-americanas em São Paulo:
o trabalho feminino na construção de trajetórias transnacionais**

Versão Corrigida

**SÃO PAULO
2013**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA

As imigrantes sul-americanas em São Paulo:
o trabalho feminino na construção de trajetórias transnacionais

TÁLI PIRES DE ALMEIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Mestre em Ciência para análise da Integração da América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Sedi Hirano

Versão Corrigida

São Paulo
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: Almeida, Táli Pires.

Título: As imigrantes sul-americanas em São Paulo: o trabalho feminino na construção de trajetórias transnacionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Mestre em Ciência para análise da Integração da América Latina.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof.Dr: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço à Universidade de São Paulo, por manter seu caráter público e gratuito, garantindo meu ingresso no curso de Ciências Sociais e permitindo que eu tivesse acesso ao mundo da excelência de saber e rigor científico. Mais que isso, onde conheci o sonho da universidade plural, livre e democrática.

Ao Programa de Pós Graduação e Integração da América Latina, por me receber, incluindo a temática das migrações internacionais como um dos aspectos da desafiante integração latino-americana.

Ao meu orientador Prof. Dr. Sedi Hirano, pelo acolhimento e alegria com que recebeu meu projeto de pesquisa e me orientou durante o mestrado.

À Prof^a Maria Cristina Cacciamali, pelo conhecimento transmitido e pelas contribuições na banca de qualificação, também agradeço sua paciência ao lidar com as discussões e dúvidas em sala de aula.

À Prof^a Mônica Arroyo, pela leitura, críticas e sugestões em minha banca de qualificação e pelo entusiasmo com a pesquisa desenvolvida.

A Regina Garofalo, Guilherme Fernandes e Marcelo Fragano, sou grata pela companhia na pós - graduação, por dividirem as manhãs e tardes ensolaradas na Cidade Universitária, entre a sala de aula e biblioteca.

Ao Renato Sérgio de Lima, professor que sempre me incentivou no caminho da pesquisa, obrigada também pela amizade.

Para as amigas de trabalho e pesquisa sobre migrações internacionais, Camila Baraldi e Tatiana Waldman, obrigada pela fundamental companhia! Paulo Illes, Tavi Mônaco, Tania Bernuy, Wilbert Rivas e Gloria Salinas, em muito colaboraram para o resultado deste trabalho.

Amigas de graduação Tais Freitas, Tica Moreno e Natalia Lago, obrigada pelo carinho à nossa amizade, e por partilharem dúvidas e conselhos da vida universitária. À Juliana Terribili pelo ombro amigo e presença de tantos anos.

Jessika Martins e Carolina Moreno, agradeço a amizade e o cotidiano compartilhado.

Agradeço aos meus pais pelo apoio e confiança que depositaram em minhas escolhas. A Keila, minha irmã mais velha, pelo exemplo de esforço e dedicação aos estudos universitários.

Claudia e Flávio, meus primos - irmãos, obrigada por terem oferecido alegria, companhia e amizade na cidade de São Paulo.

Ao Luis Augusto Saliba, obrigada pelo carinho, apoio incondicional e compreensão pelo meu trabalho e pesquisa.

Resumo

O foco deste trabalho é a reconstituição das trajetórias de mulheres imigrantes e de suas famílias, originárias da Bolívia, do Paraguai e do Peru com destino ao Brasil, e tem como objetivo analisar as relações sociais transnacionais no processo de migração internacional. Foi possível observar que as relações sociais se expandem para além de um único território nacional. Entre países de origem e destino são mantidas múltiplas conexões, seja por meio do envio de remessas, do contato com familiares ou da manutenção da língua e da cultura. O aumento da participação de mulheres nas migrações internacionais é analisado levando em conta suas motivações e as diferentes redes que mobilizam no processo de migração internacional. Nesse caso, interessa também para a análise investigar como os seguintes fatores têm influenciado neste processo: as relações sociais de sexo, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a organização produtiva da indústria da confecção, a legislação sobre migrações internacionais e os fluxos midiáticos e financeiros no contexto de globalização.

Palavras- chave: migração internacional, migração feminina, transnacionalismo, mercado de trabalho, indústria da confecção, emprego doméstico.

Summary

The focus of this study is the reconstruction of the pathways of immigrant women and their families, from Bolivia, Paraguay and Peru to Brazil, and aims to analyze the transnational social relations in the process of international migration. From interviews conducted in the city of São Paulo it was possible to capture the different pathways of international migration by giving voice to the subjects involved in this process. It was observed that, in the context of international migration, social relations expand beyond a single country. Between countries of origin and destination, migrants keep multiple connections, either through remittances, the contact with relatives or the maintenance of their native language and culture. The increased participation of women in international migration is analyzed by taking into account their different motivations and the networks they mobilize in the process of international migration. In this case, is interesting as well for the analysis how such factors that have influenced this process: social relations of gender, the participation of women in labor market, the productive organization of the clothing industry, the international migration legislation and the financial and media flows in the context of globalization.

Keywords: international migration, female migration, transnationalism, labor market, clothing industry, domestic employment.

Resumen

El foco de este trabajo es la reconstrucción de las trayectorias de las mujeres inmigrantes y sus familias, originarias de Bolivia, Paraguay y Perú con destino a Brasil, y tiene como objetivo analizar las relaciones sociales transnacionales en el proceso de la migración internacional. A partir de las entrevistas realizadas en la ciudad de São Paulo, se tomaron distintas trayectorias de la migración internacional, dando voz a los sujetos involucrados en este proceso. Se observó que, en el contexto de la migración internacional, las relaciones sociales se expanden más allá de un solo país. Entre los países de origen y de destino se mantienen múltiples conexiones, sea a través de las remesas, el contacto con los familiares o el mantenimiento de la lengua y la cultura. El incremento de la participación de las mujeres en la migración internacional se analiza teniendo en cuenta sus diferentes motivaciones y las redes que movilizan en el proceso de la migración internacional. En ese caso, interesa también para el análisis como los siguientes factores han influenciado en este proceso: las relaciones sociales de género, la inclusión de las mujeres en el mercado de trabajo, la organización productiva de la industria de confección, la legislación sobre migración internacional y los flujos mediáticos y financieros en el contexto de la globalización.

Palabras clave: migración internacional, migración femenina, transnacionalismo, mercado de trabajo, industria de la confección, empleo doméstico.

Lista de Figuras e Quadros

Figura 1: Cadeia Produtiva da Indústria da Confecção	72
Figura 2: Cadeia Produtiva da Indústria da Confecção	73
Figura 3: Estrangeiros nacionais de países da América do Sul com Registro Ativo no Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros	89
Quadro 1: América Latina: países selecionados. Taxa de participação das mulheres nas zonas urbanas, 1990 e 2002 (em porcentagem)	43
Quadro 2: América Latina: Países selecionados. Composição da força de trabalho feminina e masculina ocupada no setor informal, 2002 (em porcentagem)	44
Quadro 3: América Latina: países selecionados. Taxa de desemprego urbano por sexo, 1990 - 2004 (em porcentagem)	45
Quadro 4: Imigrantes no Emprego Doméstico	50
Quadro 5: Brasil: População Estrangeira segundo País de Nascimento e Sexo, 1991 e 2000	87
Quadro 6: Total de estrangeiros nacionais de países do Mercosul, com registros ativos no Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros	89
Quadro 7: Remessas para Países da América Latina em milhões de dólares	105

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: DESTERRITORIALIZANDO A SOCIEDADE	15
1.1. GLOBALIZAÇÃO: UM CAMPO DE EXPLORAÇÃO	22
1.2. PARA ALÉM DO NACIONALISMO METODOLÓGICO	29
1.3. TRANSNACIONALIDADE, REDE MIGRATÓRIA E GRUPO DOMÉSTICO: PROPOSTA DE ANÁLISE	34
2. RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO: UM POSSÍVEL VIÉS ANALÍTICO PARA O ESTUDO DA MIGRAÇÃO FEMININA	37
2.1. MULHERES E TRABALHADORAS NA AMÉRICA LATINA.....	42
2.2. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS FEMININAS	51
2.3. DESTINO: BRASIL – TRAJETÓRIAS ENTRE O TRABALHO DOMÉSTICO E A COSTURA	57
3. A INDÚSTRIA DA CONFECÇÃO NO BRASIL E AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS.....	65
3.1. AS OFICINAS DE COSTURA E OS TRABALHADORES IMIGRANTES LATINO-AMERICANOS.....	79
4. IMIGRANTES LATINO-AMERICANOS NO BRASIL: SOBRE NÚMEROS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS.....	87
4.1 A DISCUSSÃO SOBRE TRÁFICO DE PESSOAS NO CENÁRIO INTERNACIONAL: UMA AGENDA ATUAL	90
4.2. LEGISLAÇÃO MIGRATÓRIA NO BRASIL: BREVE DESCRIÇÃO	97
5. REMESSAS FINANCEIRAS: RECURSOS DE QUEM?.....	103
5.1. A AMÉRICA LATINA NO DEBATE ACERCA DOS FLUXOS FINANCEIROS E DA REDUÇÃO DA POBREZA	103
5.2. AS MULHERES E AS REMESSAS	110
6. CONCLUSÕES.....	115
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é a reconstituição das trajetórias de mulheres imigrantes e de suas famílias, originárias da Bolívia, do Paraguai e do Peru com destino ao Brasil, e tem como objetivo analisar as relações sociais transnacionais no processo de migração internacional. No Brasil, é comum que mulheres imigrantes advindas de países latino-americanos se insiram em setores da indústria da confecção, atuando como costureiras, trabalhem como empregadas no serviço doméstico, cuidem de crianças, ou ainda, atuem como passadeiras e empacotadoras de peças de roupa, quase sempre trabalhando para outro imigrante, seja ele coreano, boliviano, peruano ou colombiano.

Procurou-se apresentar diferentes trajetórias de migração internacional envoltas em situações de pobreza, em relações de poder e de desigualdade, assim como discutir as múltiplas estratégias encontradas para transformar essa realidade, dando voz e visibilidade aos sujeitos envolvidos nos processos de migração internacional. Durante a pesquisa, foram realizadas entrevistas com imigrantes de diferentes nacionalidades, na tentativa de não essencializar a cultura e a origem nacional enquanto fatores explicativos para as condições de trabalho e desigualdade, e com o cuidado de não reproduzir afirmações generalizantes, apoiadas especialmente na justificativa de uma suposta homogeneidade das condições de migração devido à nacionalidade do imigrante.

Neste trabalho, busca-se compreender a migração internacional a partir de uma perspectiva transnacional que não limita o olhar a um território delimitado, mas que entende-a como um processo que envolve motivações ligadas às trajetórias e condições de vida dos imigrantes no país de origem, às redes de cooperação e à sua inserção na sociedade de destino. Ainda que a pesquisa tenha sido realizada na cidade de São Paulo, isto não significa que o processo observado tenha implicantes somente relacionados ao Estado e à sociedade brasileira. O trabalho buscou analisar também a maneira pela qual são mantidas as conexões entre as famílias e seus membros, mesmo que em países diferentes. No país de destino – neste caso, o Brasil –, os laços com o país de origem não são rompidos: as remessas financeiras são parte do compromisso e da preocupação com o bem-estar da família que permaneceu no país de origem. O imigrante que, ora está aqui, ora está lá, serve como exemplo na análise de relações sociais que se expandem para além de um único território nacional.

Para Alejandro Portes e John Walton (1981), nos últimos 150 anos, as migrações internacionais assumiram características comuns: não abarcam nações inteiras, mas apenas setores dessas, não acontecem de maneira coercitiva, mas envolvem persuasão e uma decisão

espontânea. Também não se trata de uma migração que abranja nações hostis, mas uma migração que ocorre fundamentalmente entre países articulados em um mesmo sistema internacional. Ao se pensar as migrações contemporâneas, não é mais possível desconsiderar sua relação com o trabalho - indivíduos que pretendem vender sua força de trabalho em áreas dispostas a recebê-la - e o papel econômico e social que esses atores, os migrantes, desempenham.

No Brasil, a migração de latino-americanos faz parte do cenário das migrações internacionais contemporâneas na América Latina. Não se trata de um fenômeno recente, pesquisas demonstram (SILVA, 1995; FREITAS, 2010) que o fluxo de bolivianos com destino à cidade de São Paulo remonta à década de 1950. A novidade presente na chegada de bolivianos, paraguaios e peruanos ao Brasil é o seu número expressivo e a maneira como têm se inserido no mercado de trabalho, em especial, na indústria da confecção e no emprego doméstico.

As transformações ocorridas na indústria da confecção no Brasil desde o final dos anos 1980 são fruto de um intenso processo de reestruturação produtiva, o qual, na tentativa de enxugar os custos relacionados ao pagamento da mão-de-obra no setor da costura, optou pela terceirização da produção e pela flexibilização das relações de trabalho. A mudança na estrutura produtiva da indústria da confecção ocorreu de maneira semelhante na Argentina (RIZEK; GEORGES; SILVA, 2010), também um destino de muitos imigrantes latino-americanos. A costura é uma etapa de trabalho que vem sendo realizada em inúmeras oficinas em condições de trabalho e de segurança precárias. A principal mão-de-obra empregada constitui-se de imigrantes, em geral, vindos de países como Bolívia, Paraguai e Peru.

O setor da confecção no Brasil foi tradicionalmente ocupado por imigrantes: libaneses, sírios e judeus advindos de países da Europa (TRUZZI; SACOMANNO NETO, 2009). Os recursos que os imigrantes mobilizam no processo migratório estão relacionados com uma intensa e ativa rede de cooperação étnica que pode ter início já no país de origem, por meio de um contato familiar, de vizinhança, e até mesmo de um contato comercial – há agências na Bolívia que oferecem emprego no Brasil. A cooperação, portanto, é fundamental para o estabelecimento do imigrante no país de destino, e para a busca por trabalho e moradia, uma vez que, nesse processo, são ativadas redes de solidariedade capazes de oferecer a acolhida necessária e imediata.

A literatura recente sobre a migração internacional (SASSEN, 2003; GREGORIO GIL, 1998; HIRATA, 2008; CASTELLANOS, 2005) aponta para o aumento do número de mulheres envolvidas no processo de migração. Elas mobilizam redes de contatos no momento

de migração e de busca por trabalho além da esfera familiar, acionando acompanhantes, maridos ou filhos. No país de destino, essas mulheres assumem a responsabilidade de enviar dinheiro ao país de origem, com o objetivo de contribuir com o sustento familiar. Nesse aspecto, a migração internacional de mulheres oferece um campo de análise para a compreensão acerca de como as relações sociais transnacionais se sustentam por meio do assíduo compromisso afetivo e econômico de mulheres migrantes com a família que permaneceu no país de origem.

A compreensão de que vivemos em um mundo onde eventos que ocorrem em escala global influenciam o cotidiano das famílias, produzindo conexões por meio do avanço dos meios de comunicação e transporte, permite afirmar que as migrações internacionais participam deste cenário, assim como são influenciadas por ele. Dessa forma, também analisou-se neste trabalho o processo pelo qual as relações sociais são intensificadas no tempo e no espaço, através da circulação de bens, mercadorias e mão de obra. Procurou-se levar em consideração as condições estruturais da migração internacional, a situação do setor de trabalho em que os imigrantes se inserem e as possibilidades de regularização migratória.

A metodologia utilizada para encontrar as evidências empíricas explicativas do processo de migração internacional com destino ao Brasil partiu da reconstituição de trajetórias sociais de migração de indivíduos e suas famílias. O *corpus* de análise da pesquisa é composto por doze entrevistas realizadas com imigrantes. As questões trabalhadas na pesquisa de campo se dividiram em: a) características gerais dos entrevistados (país de origem, idade, situação conjugal, número de filhos, experiência de trabalho, nível educacional); b) processo de migração (motivação/decisão, redes de apoio, financiamento da viagem, entrada no Brasil); c) vida e trabalho no país de destino (trajetória laboral, local de moradia, acesso a educação, saúde, serviços sociais ou redes de apoio) e; d) relação/contato entre país de origem e destino - maneiras encontradas para manutenção do vínculo (remessas, chamadas telefônicas, possibilidades de regresso ou permanência).

As entrevistas não são relatadas neste texto de maneira linear e cronológica como uma série única de acontecimentos sucessivos. Os relatos são construídos a partir da noção de trajetória definida por Pierre Bourdieu (1998):

como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. [...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o **envelhecimento social** que, embora acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se

desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 1998, p. 190, grifo próprio).

Na tentativa de colaborar para a compreensão das trajetórias, a análise das entrevistas levou em conta dois aspectos no processo de migração: a rede migratória e o grupo doméstico. O primeiro refere-se às diversas relações sociais que fazem parte da circulação de trabalho, capital, bens e serviços, informação e ideologia entre as comunidades emissoras e receptoras de migrantes. O grupo doméstico é definido como um grupo de pessoas, vivendo em lugares ou países diferentes, que garantem a manutenção e reprodução da família por meio da geração de recursos utilizados de maneira coletiva (GREGORIO GIL, 1998).

Dessa maneira, procurou-se colaborar com a compreensão da migração internacional de latino-americanos ao Brasil, através do estudo de aspectos referentes às redes sociais - parentesco, vizinhança, amizade e trabalho - que se constituem em diferentes países, e que geram valores e imaginários a respeito da migração, manifestos no âmbito econômico, afetivo e cultural. O grupo doméstico é analisado levando em conta sua articulação com o mundo capitalista: onde se estabelecem as relações que garantem a reprodução social e econômica de seus membros, e de forma as migrações internacionais surgem como alternativa frente às limitações impostas pelo contexto do qual o indivíduo é parte são questões que a presente investigação pretende responder.

1. Migrações internacionais: desterritorializando a sociedade

A necessidade de se quantificar e classificar os estrangeiros fez com que o estudo das migrações internacionais, ou seja, o deslocamento de pessoas através do espaço físico, fosse tradicionalmente reconhecido como um objeto de estudo da geografia e da demografia (SAYAD, 1998). Foi na Escola de Chicago¹ que diversos sociólogos construíram uma metodologia para o estudo das migrações, tendo como campo de análise as comunidades de migrantes, suas práticas e estratégias de apropriação do território urbano e os processos de aculturação e segregação. A expressão “minorias étnicas” é, assim, utilizada como referência a um grupo, não necessariamente pequeno, em relação à população total, porém, diferenciado de acordo com sua origem e cultura. Geralmente, esse grupo encontra-se em posição política e econômica subalterna a uma elite tradicional. As pesquisas centravam-se na condição do migrante enquanto mão-de-obra barata e explorada, em suas condições de vida, e seus problemas de saúde, de escolaridade e de acesso à justiça e moradia. Todos esses problemas, segundo Catherine Quiminal (2009), contribuíram para uma forte estigmatização dessa população, relacionando a migração como um problema de ordem social.

Atualmente, o cenário das migrações internacionais se tornou mais complexo e diversificado. A criação de dispositivos legais e regulatórios para a circulação de pessoas nos diversos países e organizações internacionais parece ter aumentado, acompanhando a tendência do incremento de novos atores nesse processo. Da mesma forma, os movimentos populacionais ganham relevância nos debates e fóruns internacionais. Desde a Conferência sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo, em 1994, as migrações internacionais marcam a agenda de instituições como as Nações Unidas (ONU), o Banco Mundial, a Organização Internacional para o Trabalho (OIT) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM).

De acordo com o Centro Latino Americano e Caribenho de Demografia (CELADE)²,

¹ Tendo como objetivo subsidiar políticas públicas, a Escola de Chicago surgiu no início do século XX, fruto da iniciativa de professores do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. Caracterizou-se pela tentativa de diagnosticar os problemas sociais decorrentes do crescimento dos grandes centros urbanos, gerados em grande parte pela chegada de imigrantes europeus. Esse período foi marcado pela incorporação do método etnográfico (característico da Antropologia) na Sociologia, promovendo um diálogo entre as duas áreas.

² O Centro Latino Americano e Caribenho de Demografia (CELADE), integrado desde 1975 à CEPAL, tem um programa específico para o levantamento de dados sobre a migração internacional chamado *Investigación sobre Migración Internacional de Latino América* (IMILA). Esse projeto realiza análises a partir de informações censitárias, e conta com a colaboração de diversos países.

existem 180 milhões de migrantes internacionais no mundo, sendo que aproximadamente a metade são mulheres: fenômeno que vem sendo chamado de feminização da migração (PAJNIK; BAJT, 2010). Dados revelam que, nas últimas três décadas, na América Latina e no Caribe, a migração intra-regional tem aumentado, com predomínio da participação de mulheres.

No país de destino, esses imigrantes estão distantes de serem sujeitos que rompem com o país, com a comunidade e o lar de origem, e/ou que passam por um processo doloroso de assimilação (GLICK SCHILLER; BASCH; BLANC, 1995). Pesquisas qualitativas mais recentes demonstram que o sujeito ativo do processo de migração mantém múltiplos contatos com seu país de origem, por meio do envio de remessas, e mantém viva sua identidade com esse país, por meio da manutenção de práticas culturais, como o uso corrente da língua materna e da culinária, e a celebração de festas típicas (KEARNY, 1986; GREGORIO GIL, 1998).

Pesquisas etnográficas (SILVA, 1995, 1998) têm revelado que, no país de destino, o imigrante busca sua regularização migratória e o cumprimento da legislação local. Ele trabalha para garantir o pagamento dos impostos em dia e mantém a esperança de um futuro próspero. Também é comum a pretensão de permanecer indefinidamente naquele país. Esses sujeitos tomam decisões e desenvolvem subjetividades e demandas sustentadas por redes que perpassam as fronteiras nacionais, estejam elas no país de origem ou de destino. Essas experiências servem para desafiar alguns dos conceitos estabelecidos no campo das Ciências Sociais, os quais confinam a identidade social de um determinado grupo de pessoas ao espaço geográfico no qual elas vivem (BASCH; GLICK SCHILLER; SZANTON BLANC, 1994).

Aristide Zolberg (1994) nos pergunta: por que a circulação de pessoas de um país a outro requer uma análise diferenciada dos outros tipos de movimento? Para esse autor, essa diferença ocorre pelo fato de existir uma divisão do mundo, ou do espaço mundial, em territórios soberanos. A partir do período moderno, momento em que a organização territorial e política estabeleciam-se, predominantemente, por meio de soberanias, a migração internacional passa a constituir-se como um fenômeno a ser compreendido de maneira distinta dos outros deslocamentos populacionais.

International migration is distinct from the process whereby individuals constantly redistribute themselves across space by moving short or long distances within the confines of the State to which they belong. The distinctive feature of international migration arises not from the nature of the movement, but rather from the fact that it entails a transfer from the

jurisdiction of one sovereign to another (ZOLBERG, 1994, p. 153)³.

A migração internacional está relacionada à existência de Estados nacionais e a uma mobilidade humana para além das fronteiras políticas desses. A partir do século XX, o tema da migração internacional ganha vários matizes por parte dos Estados, desde programas de incentivos à imigração até do controle rígido das fronteiras e da entrada de pessoas em seus territórios (BARALDI; VENTURA, 2012).

Zolberg (1994) contribui para uma reflexão sobre o aparato conceitual que sustenta as ciências sociais e o estudo das migrações internacionais, isto é, a noção de “sociedade” enquanto um sistema social fixado em um determinado território por um período indefinido. A naturalização dessa concepção de sociedade remonta às origens da constituição do Estado - entidade política soberana sobre determinado território. O Estado-nação constrói-se a partir de uma ideia de comunidade, cujos membros partilham do mesmo repertório social sobre sua origem e seu futuro almejado.

Os deslocamentos demográficos para além das fronteiras territoriais de um Estado-nação são um dos aspectos que conferem uma “anomalia”/“distúrbio” (BECK, 1999) nessa forma de organização política, em que a cidadania dos indivíduos é estabelecida por meio de sua vinculação e fidelidade somente a uma única nação. O desafio encontra-se em desnaturalizar essa noção de sistema social, e os estudos das migrações internacionais oferecem um caminho para esse objetivo.

Hannah Arendt (2004) em seu livro “As Origens do Totalitarismo”, ao criticar o nacionalismo surgido na Europa no final do século XIX e início do século XX, aponta que esta ideologia conduziu a ações violentas pelo fato de vincular o pertencimento das pessoas a uma determinada nação, não em termos de filiação política, mas baseada na unidade e nas qualidades homogeneizantes, como uma filiação étnica comum. No período analisado por Arendt, a política conduz à violência e à repressão, por isso torna-se inviável, pois não permite a ascensão da diferença e da pluralidade. Assim, o direito individual e a proteção dos direitos humanos só seriam respeitados e protegidos de acordo com o pertencimento a uma nação em específico.

Durante o século XX, a cristalização da entidade política Estado-nação, a qual, segundo Arendt (2004), está fundamentada na tríade “Estado–povo–território”, favoreceu o

³ “A migração internacional é distinta do processo pelo qual os indivíduos constantemente se distribuem pelo espaço, movendo-se por curtas ou longas distâncias, limitadas ao Estado aos quais pertencem. A característica distinta da migração internacional surge não da natureza do movimento, mas do fato de que vincula-se a uma transferência de jurisdição de uma soberania a outra” (ZOLBERG, 1994, p. 153, tradução própria).

surgimento dos “sem lar”⁴, ou dos “sem lugar no mundo”, que se tornam uma anomalia, uma vez que a lei não os abarcava.

O ser abstrato ao qual se refere a Declaração Universal dos Direitos Humanos não existe em lugar algum, pois está atado ao pertencimento a uma nação. A humanidade é organizada ou dividida em povos e etnias situados em distintos territórios, rigidamente fechados, e que se relacionam com base nos acordos e tratados entre seus Estados soberanos. Ou seja, um Estado pode deixar de considerar que determinado grupo é parte do povo que compõe seu território, tornando possível um homem ou um grupo ser expulso dessa “humanidade”.

A novidade surgida durante os movimentos nacionalistas do século XX, para Hannah Arendt (2004), não é a perda do lar, mas a impossibilidade em se encontrar um novo lar. Cada vez mais, um número maior de pessoas não encontra uma comunidade disposta a lhe conferir qualquer direito. Ser “humano”, então, significa possuir direitos e deveres, ser membro e cidadão de uma sociedade em particular, incluída em um território específico, nos marcos de um sistema de governabilidade.

Quando, na década de 1970, a Organização das Nações Unidas organizou um fórum de discussões sobre o tema das migrações internacionais o resultado foi a “Convenção sobre a Proteção de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de suas Famílias”. O processo de negociação desse instrumento foi árduo, levando quase vinte anos para sua aprovação, somente em 1990. A dificuldade para a elaboração de uma Convenção foi conseguir compatibilizar a proteção dos direitos humanos dos trabalhadores imigrantes e as possibilidades de punição para a imigração irregular.

O resultado das discussões gerou um texto com “duas ideias aparentemente incompatíveis: a dos direitos humanos dos imigrantes e a da prerrogativa estatal de determinar quem pode ser incluído e quem deverá ser excluído da comunidade nacional” (BOSNIAK, 1991 apud BARALDI; VENTURA, 2012). A autoridade do Estado em determinar quem pode ou não entrar em seu território contraria a ideia de que a migração seja um direito humano, pois, para que ela ocorresse, não haveria necessidade de negociação entre Estados (BARALDI; VENTURA, 2012).

A Sociologia, enquanto ciência das sociedades modernas, juntamente com outras

⁴ Pierre Bourdieu (1998) refere-se ao imigrante como *atopos* - aquele que não é cidadão nem estrangeiro, não está do mesmo lado, tampouco totalmente do outro lado. Esse fato produz um embaraço na sociedade de origem, em seu destino, e inclusive na ciência, devido à dificuldade em classificá-lo, nos obrigando a pensar sobre “os fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade” (BOURDIEU, 1998, p.12).

disciplinas, tem como objeto de estudo a efetivação da governabilidade sobre essa suposta indissociabilidade entre os cidadãos e a sociedade (BECK, 1999; URRY, 2000). A maneira pela qual a migração internacional - e os diversos sujeitos políticos decorrentes desse processo: apátridas, imigrantes, emigrantes e refugiados – foi sendo considerada pelas Ciências Sociais é fruto de um processo histórico que coincide com a institucionalização do Estado-nação enquanto unidade político territorial e soberana.

Schiller e Wimmer (2002) afirmam que os principais dispositivos de políticas migratórias surgem após a Segunda Guerra Mundial, após a consolidação do Estado-nação e construção do Estado de Bem-Estar Social. Nesse contexto, tornou-se necessário delimitar quem teria acesso aos direitos sociais (trabalho, saúde, previdência, ...). A participação política dos indivíduos – direito de votar e ser votado – está vinculada à nacionalidade, que, por sua vez, dá acesso à cidadania e aos direitos a ela associados. Nesse aspecto, é importante problematizar a prevalência desse modelo como forma universal de organização política. Como aponta Saskia Sassen (2008):

Where citizenship is a lens into the question of rights, immigration is a lens through which we can understand the strains and contradictions in nation-state membership (SASSEN, 2008, p. 293)⁵.

Por meio da compreensão do que é a cidadania e de sua vinculação emblemática com o Estado-nação, Saskia Sassen (2008) revela as vulnerabilidades e os limites desse pacote unitário. Para a autora, os imigrantes e suas práticas discursivas e operacionais produzem contestações a esse aparato político que nacionaliza a cidadania.

A nacionalidade e a cidadania são conceitos que fazem referência ao Estado-nação, e, apesar de pertencerem a um quadro legal diferenciado, ambas remetem ao *status* legal do indivíduo em termos de “pertencimento”. A relação legal entre o indivíduo e a política se dá no âmbito da cidadania, confinada a uma dimensão nacional, enquanto a nacionalidade refere-se ao sistema legal internacional, em um contexto entre estados. O *status* legal do indivíduo define quem o Estado reconhece como seu cidadão e quais as formalidades para que ele tenha acesso a seus direitos, assim como estabelece suas responsabilidades para com esse Estado. No Estado moderno, a cidadania está baseada na obrigação do indivíduo com o pagamento de impostos, dentro de um sistema de provisões. A definição de quem é ou não cidadão está fundamentada em leis definidas em âmbito nacional, e que variam de país para país. O

⁵ “Onde a cidadania é uma lente para as questões relacionadas aos direitos, a imigração é uma lente pela qual podemos entender as relações e contradições entre Estado-nação e pertencimento” (SASSEN, 2008, p. 293, tradução própria).

“estrangeiro”, por outro lado, é construído legalmente, por meio de políticas específicas, como sujeito à parte.

No contexto atual de globalização, as transformações econômicas e sociais e as práticas dos indivíduos nesse meio podem trazer novos significados para a ideia de cidadania. Os laços de identificação e solidariedade mantidos entre grupos em diferentes partes do mundo vão além de suas nações, podendo configurar um ativismo transnacional. Também podemos identificar comunidades sociais e políticas que surgem devido aos processos migratórios, e com as quais os imigrantes mantêm vínculos de identidade e solidariedade que perpassam as fronteiras (SASSEN, 2008).

Nesse aspecto, o estudo das migrações internacionais é desafiador para as diversas disciplinas das ciências sociais, pois lida com Estados que partilham populações e constroem sua fidelidade e identidade para além das fronteiras de um único Estado. As categorias dicotômicas (cidadão/estrangeiro, rural/urbano, moderno/tradicional, nacional/internacional) utilizadas para analisar os processos migratórios podem não dar conta de explicar o envolvimento das pessoas na vida social e política de mais de um Estado-nação, ou mesmo as diferentes conexões (políticas, econômicas e afetivas) entre aqueles que ficam e os que se vão (KEARNY, 1986). Por sua vez, é o Estado que tem a autoridade soberana para decidir quem pode ou não circular livremente em seu território. É por meio das leis nacionais que se regulam as medidas as quais delimitam o *status* legal, o acesso a direitos e o pertencimento de um sujeito a uma comunidade política.

O que autores como Schiller e Wimmer (2002) problematizam é o isomorfismo entre sociedade e Estado-nação, este último enquanto unidade de análise delimitada que se naturaliza. A ideia de uma nacionalidade e de uma solidariedade circunscritas ao território nacional está ancorada nas Ciências Sociais (WALLERSTEIN, 1995), e acabou por gerar uma agenda de pesquisas em que o migrante é categorizado/medido a partir dessa construção epistêmica. Ao naturalizar as fronteiras do Estado-nação, o nacionalismo metodológico delimita e define a unidade de análise a partir de um limite territorial. O estudo dos processos sociais vincula-se, nesse caso, às fronteiras políticas e geográficas de um Estado-nação em particular.

John Urry (2000) critica essa visão da sociedade enquanto um conjunto de relações sociais – economia, política, cultura, classes, gênero - confinadas às fronteiras territoriais de um Estado-nação, e, concordando com Wallerstein, comenta:

it is futile to analyze the process of the societal development of our multiple (national) “societies” as if they were autonomous, internally evolving

structures, when they are and have been in fact primarily created by, and taking form in response to world- scale process (WALLERSTEIN, apud URRY, 2000, p.9)⁶.

As discussões da Sociologia giram em torno da ideia de pertencimento e solidariedade pensadas dentro de um campo delimitado, ou seja, de um Estado-nação (WALLERSTEIN, 1995). Para Ulrich Beck (1999), a Sociologia, enquanto ciência da sociedade moderna, na qual o controle do espaço territorial se dá através do Estado, formula categorias para pensar as políticas sociais e econômicas a serem implementadas. Essas categorias são baseadas em uma suposta homogeneidade interna, por meio da língua e/ou da cultura. Para o autor, essa ideia de unidade é uma invenção do controle estatal, que necessita de classificações para normatizar e delimitar as práticas sociais.

John Urry (2000) pontua que as sociedades constituem-se mutuamente, logo, é necessário entender as relações entre elas, pois são constituídas por sujeitos e objetos que perpassam suas fronteiras, dificultando a delimitação dos limites de sua influência. Da mesma maneira, a constituição das Relações Internacionais enquanto disciplina específica dentro do campo das Ciências Sociais determina o Estado-nação como uma entidade básica para o entendimento do espaço internacional. O pressuposto de uma “anarquia” internacional baseia-se na possibilidade da guerra/conflito entre Estados. Assim, o campo de análise na disciplina das Relações Internacionais, ou seja, os atores e processos, são estudados a partir do ponto de vista da segurança, em que o ator-chave é o Estado-nação. Afirma-se que existem outras maneiras de os Estados se relacionarem, porém, essas maneiras não são tão importantes quanto a existência ou a possibilidade da guerra. A força dessa formulação gera dificuldades para a incorporação de métodos de pesquisa que levem em conta processos que são globais, porém, que não necessariamente passam por esse sistema entre Estados.

A world-system perspective assumes, by contrast, that social action takes place in an entity within which there is an ongoing division of labor, and seeks to discover *empirically* whether such an entity is or is not unified politically or culturally, asking *theoretically* what are the consequences of the existence or non-existence of such unity (WALLERSTEIN, 1995, p. 155)⁷.

⁶ “É inútil analisar o processo de desenvolvimento social de nossas múltiplas ‘sociedades’ (nacionais) como se elas fossem autônomas, estruturas evoluídas internamente, quando elas, na verdade, foram primeiramente criadas por, e tomando forma, em resposta a um processo em escala global” (WALLERSTEIN, apud URRY, 2000, p.9, tradução própria).

⁷ “Uma perspectiva do sistema-mundo assume, em contraste, que a ação social ocorre em uma entidade na qual está em curso uma divisão do trabalho, e almeja descobrir, empiricamente, como tal entidade é ou não unificada politicamente ou culturalmente, perguntando-se, teoricamente, quais as consequências da existência ou não de tal unidade” (WALLERSTEIN, 1995, p. 155, tradução própria).

A pesquisa sobre migração internacional pode trazer um olhar sobre a sociedade para além do território delimitado pelo Estado. O imigrante, o qual ora está aqui, ora ali, revela que a ação social acontece em âmbitos que ultrapassam fronteiras (BECK, 1999). Desconsiderando o limite do Estado-nação como campo empírico de análise, inúmeras experiências podem ser captadas e teorizadas. Para tanto, não podemos deixar de lado os jogos de poder e as desigualdades. Ou seja, apesar de nos desvencilharmos da ideia de uma sociedade territorialmente delimitada, não podemos perder de vista a importância do Estado. Cabe considerar que o Estado estabelece campos de poder e instituições demarcadas, os quais não podem ser inteiramente desconsiderados. Pode-se citar como exemplo a autoridade para emitir regularidade migratória aos indivíduos, estabelecida a partir das leis e critérios de cada Estado. Essa condição interfere de maneira prática no cotidiano dos imigrantes, que têm sua mobilidade limitada no local de destino, no caso de irregularidade migratória.

1.1. Globalização: um campo de exploração

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A *transformação local* é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores — tais como dinheiro mundial e mercados de bens — operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão (GIDDENS, apud IANNI, 1994, p. 151).

Ao reconhecer que a globalização está presente dentro dos territórios nacionais, nos quais mesclam-se redes e atores conectados a um processo global, abre-se um campo fértil de exploração em que o Estado-nação não é necessariamente o ator-chave (SASSEN, 2007). Apesar de a esfera nacional ser o cenário em que a sociedade se transforma, submete-se às leis, trabalha e, enfim, vive, o objeto de estudo passa a ser constituído a partir uma sociedade que interage globalmente. O desafio está em reconhecer que o local e o global constituem-se e articulam-se em um processo de interdependência (IANNI, 1994).

De acordo com Fatiha Talahite (2009), o processo multiforme de intensiva circulação mundial de bens, capitais e mão-de-obra, incluindo a troca de mercadorias entre nações, pode servir como categoria analítica dos fenômenos sociais, sendo, ao mesmo tempo, normativa, na

medida em que tem capacidade para propagar normas institucionais e padrões de comportamento na sociedade. Isto é, esse sistema é capaz de influenciar o desenvolvimento de sociedades nacionais inseridas em uma estrutura global.

Anthony Giddens (2000) compreende que a globalização influencia a vida cotidiana tanto quanto eventos que ocorrem em uma escala global. Percebemos suas consequências e seu impacto não apenas nos grandes sistemas distantes de nossa realidade, mas na vida pessoal de cada um. O conceito de globalização pode não ser suficientemente claro, mas percebemos que se relaciona com o fato de vivermos em um mundo único. Para o autor, a tentativa de compreender a globalização deve ir além das análises e de seus efeitos sobre a economia, pois a globalização tem consequências sobre a política e a cultura, e está diretamente influenciada pelo desenvolvimento tecnológico da área de comunicação.

A globalização, enquanto conjunto de processos complexos, opera de maneira contraditória e antagônica. Da mesma maneira que as nações perdem sua capacidade de influenciar incisivamente sobre a economia, as comunidades locais não conseguem mais resolver seus problemas sem levar em conta o que ocorre na arena global (GIDDENS, 2000). Porém, é importante ressaltar que as mudanças não ocorrem naturalmente, mas por meio de processos históricos:

Essas mudanças estão sendo impelidas por uma série de fatores, alguns estruturais, outros mais específicos e históricos. Influências econômicas estão certamente entre as forças propulsoras – especialmente o sistema financeiro global. Elas não são, contudo, como forças da natureza. Foram moldadas pela tecnologia e pela difusão cultural, assim como pelas decisões tomadas pelos governos para liberalizar e desregulamentar suas economias nacionais (GIDDENS, 2000, p.24).

Giddens (2000) ressalta que é necessário pontuar as evidências de que a globalização não se desenvolve de uma maneira igualitária, tampouco integralmente benéfica. As empresas multinacionais, as quais exercem grande influência econômica sobre as regiões onde atuam, têm sua origem nos países ricos, e não em áreas pobres do mundo. De maneira análoga, um pequeno número de pessoas da população mundial caminha para a prosperidade e bem-estar, enquanto outra imensa parte está relegada à miséria (GIDDENS, 2000).

Para Ulrich Beck (1999), a globalização é o processo pelo qual se produz novas conexões, criando um espaço transnacional e social capaz de revalorizar culturas locais e tradicionais por meio das redes de comunicação, imagens e signos. Por ser um processo tão específico, do qual redes de relação regionais e globais são partes constitutivas, ainda assim, não é capaz de dissolver as sociedades nacionais, mas sim, de remeter a uma multiplicidade social e cultural, que, no entanto, não se integra. Para o autor, é necessário distinguir as

formas de globalização, sem pretender encontrar sua exatidão ou completude absoluta, mas para que se possa avaliar suas diversas dimensões e impactos.

Globalização significa a experiência cotidiana da ação sem fronteiras nas dimensões da economia, da informação, da ecologia, da técnica, dos conflitos transculturais e da sociedade civil, e também o acolhimento de algo a um só tempo familiar, mas que não se traduz em um conceito, que é de difícil compreensão mas que transforma o cotidiano com uma violência inegável e obriga todos a se acomodarem a sua presença e a fornecer respostas. Dinheiro, tecnologia, mercadorias informações e venenos “ultrapassam” as fronteiras como se elas não existissem. Até mesmo objetos, pessoas e ideias que os governos gostariam de manter no exterior (drogas, imigrantes ilegais, críticas a violação dos direitos humanos) acabam por encontrar seu caminho” (BECK, 1999, p. 47).

As experiências do cruzamento de fronteiras podem ser reveladas por meio das análises demográficas de entradas e saídas populacionais, e nos permitem identificar que as migrações internacionais são parte constitutiva da história e da formação de qualquer país do globo. Ao compartilhar um nível de análise internacional conjuntamente com esses dados, podemos perceber que os fluxos migratórios nos últimos trinta anos seguem os níveis de investimento e concentração de capital. O capitalismo e suas corporações transnacionais definem sistemas de produção em um nível global, afetando os fluxos migratórios.

Alejandro Portes e John Walton (1981)⁸ pontuam a importância de se analisar as migrações internacionais a partir de uma perspectiva global, pois são muitos os fatores que levam à emigração, tornando difícil estabelecer um único motivo padronizado como explicação ou teoria que se sustente por um longo período de tempo, ou que preveja qual o tamanho e o destino definidos desse fluxos. Entender o capitalismo como um modo de produção centrado na relação entre a classe detentora dos meios de produção e a classe trabalhadora permite analisar as migrações internacionais por meio das classes sociais, e a maneira pela qual as transformações globais interferem na conformação de fluxos e redes migratórias, e ainda, nas motivações e condições em que os indivíduos realizam esses deslocamentos.

Para autores como Basch, Glick Schiller e Szantonis Blanc (1994), a perspectiva de

⁸ A análise desses autores está centrada na tentativa de encaixar as migrações como uma das alternativas encontradas pelas pessoas para lidarem com as adversidades econômicas. Sendo assim, a migração internacional de trabalhadores não acontece de maneira individual, por meio da análise racional das vantagens econômicas que se pode adquirir entre nações que são independentes e autônomas, mas requer a entrada das instituições políticas e econômicas das áreas centrais em áreas periféricas. A efetiva utilização da mão-de-obra migrante depende de instâncias concretas em uma deliberada manipulação política destinada a garantir uma condição de vulnerabilidade desses trabalhadores frente ao capital (PORTES; WALTON, 1981).

uma análise global deve compreender o papel e as tensões geradas pela hegemonia do capitalismo internacional, assim como seus mecanismos de competição e a dominação exercida pelas forças dominantes em relação aos países periféricos. Essa análise deve compreender também as atividades exercidas pelas pessoas no mundo enquanto mantêm suas vidas “estendidas” para além das fronteiras nacionais. Ou seja, ela parte da premissa de que a migração internacional mantém vínculos com as mudanças do capitalismo global, portanto, as relações entre capital e trabalho devem ser levadas em consideração.

As experiências transnacionais talvez não sejam uma novidade nas migrações internacionais ao longo da história. Porém, a influência das dinâmicas do capitalismo global nos meios de produção, a desregulamentação do Estado e a flexibilização das políticas sociais e econômicas acabaram por diferenciar as migrações do presente e do passado. Para Alejandro Portes e John Walton (1981), a migração é menos uma decisão individual em mover-se a distintos lugares, mas um processo através do qual trabalhadores buscam vantagens e oportunidades econômicas distribuídas desigualmente pelo espaço. A migração internacional, desse ponto de vista, é parte de um único sistema econômico, no qual os imigrantes constroem redes entre diferentes grupos, a fim de maximizar as oportunidades econômicas por meio da ajuda mútua e de múltiplos deslocamentos.

The microstructures thus created not only permit survival of the exploited, but often constitute a significant undercurrent, running counter to dominant structures of exploitation. Migration as a network building process is not a contemporary phenomenon, nor one restricted to peripheral countries. It is, on the contrary, a constant in spontaneous movements of the laboring class—urban workers and peasants (PORTES; WALTON, 1981, p. 60)⁹.

A partir da pesquisa das trajetórias de vida de homens e mulheres que migram de outros países da América do Sul (especialmente, Bolívia, Peru e Paraguai) para a cidade de São Paulo, no Brasil, a fim de realizarem atividades no setor de confecção, pode-se ter um exemplo de como as transformações sociais – tanto na esfera da produção econômica como da reprodução social – possibilitam apontar elementos explicativos para a compreensão das migrações internacionais e de seu impacto sobre homens e mulheres. O enfoque da análise não são as diferenças étnicas ou sua (possível) marginalidade em relação à sociedade de acolhida, mas seus atores, envolvidos por um processo que aglutina pessoas de diferentes

⁹ “As microestruturas deste modo criadas não permitem apenas a sobrevivência dos explorados, mas, com frequência, constituem uma tendência significativa, funcionando contrariamente às estruturas dominantes de exploração. Migração como um processo de construção de redes não é um fenômeno contemporâneo, tampouco restrito a países periféricos. É, ao contrário, um constante e espontâneo movimento da classe trabalhadora – trabalhadores urbanos e camponeses” (PORTES; WALTON, 1981, p. 60, tradução própria).

regiões e países, e que tem incidência tanto no país de origem – através do envio de remessas ou da participação política – quanto no de destino.

De acordo com Schiller e Wimmer (2003), as relações dos migrantes com seus países de origem demonstram uma versão de nacionalismo e de solidariedade que não necessariamente estão vinculados a um limite territorial. Parte desta pesquisa busca compreender as diversas relações com que os imigrantes latino-americanos no Brasil mantêm com seus respectivos países de origem. Como exemplo dessas múltiplas relações, traz-se experiências de imigrantes a partir de seus relatos.

Há mais tempo vivendo no Brasil do que em seu país de nascimento, o paraguaio D.J.¹⁰ chegou ao Brasil com 19 anos para trabalhar como costureiro. Atualmente, é dono de uma oficina de costura no bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo. É casado com uma paraguaia que conheceu no Brasil, têm três filhos, todos trabalham juntos na oficina de costura. Quando perguntado sobre como se sentia em relação a sua identidade, responde enfaticamente: “Yo soy paraguay, pero... me siento más brasileiro que paraguay. Todo lo mejor de mi vida pasó aquí” (informação verbal)¹¹.

D.J. sabe que, pelo fato de haver nascido no Paraguai, sua nacionalidade está vinculada a esse país, situação que ele não pretende mudar, ainda que se “sinta” brasileiro, uma vez que fatos marcantes de sua vida ocorreram no Brasil. Mas essa trajetória essa poderia ter sido diferente, se tivesse permanecido no Paraguai. O entrevistado mantém um vínculo estreito com sua comunidade de origem, com sua família e a de sua esposa, viaja duas vezes ao ano com a família para o Paraguai, durante as festas de fim de ano, no Dia das Mães (em maio), no dia do aniversário de sua mãe, quando considera pertinente, no caso de uma emergência ou quando há o barateamento do transporte por meio das promoções das companhias aéreas. Por conta desse contato constante, acabou comprando um terreno e construindo “uma boa casa”, segundo ele, em uma cidade próxima a sua cidade natal. Mesmo assim, a dúvida se permanecerá indefinidamente no Brasil ou voltará ao Paraguai é persistente:

Aunque tenga casa allá en Paraguay, piense en volver allá en Paraguay, tengo mis compadres, toda la comunidad, todo eso, ¿qué voy hacer ahí?

¹⁰ D.J., 53 anos, paraguaio dono de oficina de costura. Entrevista realizada em 1º de abril de 2012.

¹¹ Entrevista concedida por D.J. **Entrevista II**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Creo que vuelvo solamente a paseo (informação verbal)¹².

A presente pesquisadora comentou com ele que, apesar de sua identidade com o Brasil, ainda assim segue tomando tereré – bebida tipicamente paraguaia, semelhante ao chimarrão -, e prontamente D.J. responde:

¡Pero, eso nunca voy a dejar de hacer! [...] Como toda mi familia es paraguaya, comida paraguaya es lo que más se come en casa. [...] En casa hablamos guaraní, español y portugués. Mis nietos entienden todo [referindo-se a seus dois netos, de 5 e 2 anos, que nasceram no Brasil] (informação verbal)¹³.

O desafio ao tentar compreender as trajetórias de imigrantes está em considerar a unidade de análise para além dos limites territoriais, considerando que os processos sociais não estão necessariamente vinculados às fronteiras políticas e geográficas de um único Estado-nação. O relato de D.M., 52 anos, paraguaia dona de oficina de costura em São Paulo, demonstra que o vínculo que ela e sua família mantêm com o Paraguai é permanente, assim como o sentimento de pertencimento a ambos os países.

Cuando vine, cuando conocí Brasil me gustó mucho, después de que me hijo nació, el más grandecito, cuando él iba a la escuela, nos mudamos a Paraguay. Y ahí luchamos para la casa, vivíamos ahí. Cuando terminaron ellos su colegio venimos acá. Porque ellos querían conocer, siempre la historia que nosotros contamos es que aquí es lindo, que hay mucha playa, que hay muchas cosas que conocer. Entonces ellos siempre ‘mamá, me voy un día a conocer’. Vino (ao Brasil) mi primero hijo, quince días después nos venimos todos, de paseo supuestamente y ahí nos quedamos, no más, otra vez a probar (risos). Ahí ellos se decidieron, ‘no mamá, acá es lindo, quiero entrar acá en la escuela’. Era la nena (menina) y el caçula, el último. (...) Yo siempre digo a mi marido, uno no quiere abandonar a su familia, abandonar a su país eternamente también no pienso, entiendes? Porque tengo a mi familia, a mi mamá, todo eso allá. Alguna vez creo que vamos a volver, pienso, yo no sé (informação verbal)¹⁴.

D. M. preocupa-se com os filhos, pois mesmo crescidos, cursando faculdade, fazendo estágios, ainda dependem financeiramente da ajuda dos pais e do trabalho na oficina de costura. Segundo seu relato, ela e o marido ainda estão no Brasil especialmente para manter a

¹² Entrevista concedida por D.J. **Entrevista II**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

¹³ Entrevista concedida por D.J. **Entrevista II**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

¹⁴ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

família (filhos e netos). Assim que os filhos tiverem mais autonomia, ela e o marido irão avaliar se permanecem no Brasil ou regressam ao Paraguai.

Da mesma maneira, a boliviana E.¹⁵, que está no Brasil desde 1989, manifesta suas dúvidas sobre voltar definitivamente para a Bolívia. Por enquanto, pretende permanecer no Brasil, pois é onde estão seus filhos e netos, e acredita ser necessário estar perto deles:

Está mi familia aquí (Brasil) pienso que...Por ejemplo, mi hijo del medio quería conocer Bolivia, ha ido hasta Santa Cruz, hasta el clima es parecido. Le ha gustado. Pero ha ido a La Paz, donde yo nací, y allá hace frío y él no ha estado ni tres días. “Como vives ahí, mami! Hace alto frío, no da ni para tomarse un baño! Uno tiene que estar bien agasajado, no, no, no, yo no quiero volver a La Paz.” Yo pienso que...No sé! Porque ellos ya están bien estabilizados, entonces es difícil yo cambiarles la vida. Y si ellos están, yo también tengo que estar, no? No puedo... Pero voy a ir, no? Este fin de año voy a salir de vacaciones, pienso ir (informação verbal)¹⁶.

Como nos relatos citados, o autor Abdelmalek Sayad (1998) afirma que o imigrante manifesta uma oscilação entre as circunstâncias de estar provisoriamente em um país (condição de direito de estrangeiro que o define) e estar em uma situação duradoura (que ocorre de fato). Nesse aspecto, a condição da imigração é contraditória: “ignorada enquanto provisória e, ao mesmo tempo, não confessada enquanto transplante definitivo” (SAYAD, 1998, p. 46)¹⁷.

Levando em conta a perspectiva de uma solidariedade que perpassa fronteiras nacionais, autores como Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc (1995) trabalham com um marco analítico transnacional, compreendido por eles como “o processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam relações sociais multi-estendidas que os conectam a sociedades de origem e de estabelecimento” (tradução própria) (BASCH; GLICK SCHILLER; SZANTON BLANC, 1995, p. 48).

A globalização na vida dos indivíduos pode ser discutida por meio de inúmeros exemplos de imigrantes que se sentem bem em um país, assim como no outro, e que são também capazes de realizar suas críticas tanto ao país de origem quanto ao de destino. Esse

¹⁵ E., 57 anos, boliviana e costureira. Entrevista realizada em 24 de março de 2013.

¹⁶ Entrevista concedida por E. **Entrevista III**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

¹⁷ O autor explica que o estudo do processo social da migração deve ocorrer levando em conta a dupla condição do migrante, pois aquele que é imigrante para a sociedade de destino é um emigrante para o país de origem: “a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal (...)” (SAYAD, 1998, p. 14).

envolvimento entre lugares distintos revela que os contatos não se dissolvem ou são rompidos, ainda que haja um momento passado de vida marcado por tristezas e dificuldades no país de origem.

O global não espreita e ameaça sob a forma de um poder Todo Exterior – ele faz seu ninho e chama atenção no espaço de origem da vida das pessoas. (...) A vida dos indivíduos deixou de ser uma vida presa a um lugar, uma vida de residência estabelecida (BECK, 1999, p.136).

Um fenômeno social que ocorre dentro do território do Estado-nação não significa que seja, necessariamente, um processo nacional. Nesse contexto, cabe entender as relações sociais no cotidiano, os mecanismos pelos quais são mantidas as conexões entre famílias, instituições, organizações políticas e como ocorrem os investimentos financeiros. É parte dos objetivos desta pesquisa colaborar com especificações teóricas e empíricas para a melhor compreensão do que comumente chamamos de globalização.

1.2. Para além do nacionalismo metodológico

A construção do Estado-nação enquanto unidade político territorial soberana ocorre simultaneamente ao processo pelo qual a categoria do “imigrante” passa a ser percebida pelas Ciências Sociais. De acordo com Schiller e Wimmer (2002), o nacionalismo metodológico é: “the assumption that the nation/state/society is the natural social and political form of the modern world” (SCHILLER; WIMMER, 2002, p. 302).

Os conceitos territorializados de cultura, raça e etnia são construções sociais historicamente delimitadas, e refletem as concepções de poder e dominação de um determinado grupo sobre outro em um contexto específico. A conjuntura de intensificação de fluxos midiáticos e de circulação de pessoas suscita reflexões sobre a formação de grupos delimitados e culturalmente homogêneos, desafiando as ciências sociais em moverem-se para além dessa visão.

De acordo com Ulrich Beck (1999), o nacionalismo metodológico é o pensamento que analisa a sociedade e o Estado a partir de uma vivência comum e limitada, implicada na fixação e no controle político-estatal do espaço. O nacional é aquilo que abrange direitos fundamentais, sistema educacional, políticas sociais, impostos, idiomas e leis a partir de um território delimitado. As populações circulantes ou com dupla nacionalidade são percebidas nesse horizonte do arcabouço do nacionalismo metodológico como “ameaças”.

Dialogando com essa ideia, Schiller, Basch e Blanc (1995) denominam transmigrantes aqueles “imigrantes cuja vida cotidiana dependem de múltiplas e constantes interconexões para além das fronteiras internacionais, e cuja identidade pública são configuradas em mais de um Estado-nação” (tradução própria). Ou seja, a manutenção das migrações internacionais ativa uma série de redes de contatos que formam parte de diversas relações sociais – parentesco, amizade, vizinhança. Por meio dessas redes, circulam informações, bens e serviços materiais ou simbólicos e recursos financeiros, operando por meios informais e formais, como é o caso das empresas de transferência de remessas.

A vida e as ações cotidianas são implicadas pela diminuição da distância: os imigrantes encontram seu caminho e visualizam uma vida possível em outro país, sem necessariamente cortar os laços com o país e local de origem (BECK, 1999). Seu cotidiano é marcado por fatos corriqueiros que ocorrem em seu país de origem, como uma doença de um parente querido, uma festa familiar ou o compromisso com as tradições locais (festas religiosas ou patrióticas).

O caso da peruana M.E.¹⁸ pode ser ilustrativo de como podem se estabelecer múltiplas conexões de fidelidade e pertencimento entre as comunidades de origem e destino. M.E. é peruana e empregada doméstica, vive no Brasil desde dezembro de 2008. Veio a convite de uma tia, que lhe garantiu que haveria trabalho em São Paulo. Depois de um ano trabalhando “cama adentro” em uma casa de família, conseguiu recursos suficientes para alugar um imóvel e trazer para ao Brasil o marido e seus três filhos. Em seguida, convenceu os irmãos e a mãe a virem também. M.E. é muito religiosa e sente-se grata por suas conquistas no país, pois recentemente adquiriu um pequeno terreno em São Paulo. Foi por isso que decidiu enviar dinheiro para sua comunidade em Lima, no Peru, para a realização de uma “chocolatada”¹⁹. A maneira encontrada para agradecer o “sucesso” que ela acredita ter obtido no Brasil foi compartilhar sua “vitória” por meio de uma festa com os membros de sua comunidade de origem.

Conforme dito, o processo de imigração de M.E. ocorreu por meio do convite de uma tia, já estabelecida no Brasil. Sua decisão não foi aleatória e, levando em conta a existência de todos os outros países do globo, foi tomada por meio de um contato previamente constituído e pela promessa de um emprego. M.E. não pôde participar da chocolatada que promoveu em seu bairro de origem, entretanto, pode-se supor que a festa, enquanto manifestação de sua

¹⁴ M.E., 34 anos, é peruana e trabalhadora doméstica. Entrevista realizada em 11 de março de 2012.

¹⁹ A chocolatada é uma celebração tipicamente peruana, em que alguns membros mais afortunados de uma região ou comunidade - nem sempre os mais ricos - oferecem à comunidade de seu bairro ou região chocolate quente e pães doces. O evento acontece comumente no Natal, ocasião em que, além do chocolate, são oferecidos brinquedos às crianças.

conquista, não passou despercebida a seus vizinhos, parentes e amigos, despertando expectativa e imaginação a respeito do que pode ser a vida e o trabalho no Brasil.

Nesse aspecto, pode-se concordar com Arjun Appadurai (1996), ao afirmar que, em torno do movimento de pessoas, se configura um repertório de experiências, artefatos e maneiras de construir o mundo à distância que geram vínculos. Esses vínculos são capazes de gerar mobilidade, o que coloca em xeque o objeto de uma sociologia que se concentra em populações sedentárias.

As redes de contato entre imigrantes no país de destino e sua família no país de origem, assim como os “fluxos midiáticos”, alteram o processo de identidade e também as migrações. É a partir de um repertório que indivíduos constroem o ideal de nação. São práticas, imagens, símbolos e histórias que contribuem para a concepção de um território. No mundo contemporâneo, há mobilidade e deslocamentos de populações, mas também de imagens e ideias. Ainda que abordem-se os mesmos problemas, é necessário mudar o posto de observação e explorar outros detalhes para além do grupo localizado/estático, desterritorializando o objeto e repensando os dispositivos metodológicos.

Para Ulrich Beck (1999), o atual estágio de globalização oferece os mecanismos e formas de contato entre diferentes locais que desafiam o poder do Estado nacional sobre seu espaço. O autor aponta que, em meio a esse contexto de globalização – interferência no poder dos Estados e emergência da pluralidade, porém, sem integração social –, o objeto de estudo da Sociologia passa por transformações, pois há a necessidade de considerar o impacto dos efeitos do surgimento da globalização sobre o local.

O Estado nacional é um estado territorial, isto é, seu poder está baseado no vínculo com um determinado espaço (no controle sobre associações, determinação das leis vigentes, defesa das fronteiras, etc.). A sociedade mundial, que tomou nova forma no curso da globalização – e isto não apenas em sua dimensão econômica – relativa e interfere na atuação do Estado nacional, pois uma imensa variedade de lugares conectados entre si cruza suas fronteiras territoriais, estabelecendo novos círculos sociais, redes de comunicação, relações de mercado e formas de convivência (BECK, 1999, p.18).

As conexões entre diferentes espaços e a difusão de imagens ocorrem por meio da tecnologia e dos mercados, que promovem novas paisagens e uma imaginação de muitas vidas possíveis. A mídia de massas contribui para a suposta proximidade entre espectadores, e vende mercadorias a partir da ideia de uma vida possível. A imaginação dessa vida almejada (sonhos, ambições e ideais) não está mais colocada em termos de etnia, ou numa divisão entre

classes sociais, entre ricos e pobres, mas na lógica de uma nova sociedade mundial, não mais envolta por um espaço geopolítico e a uma única identidade cultural (BECK, 1999).

More people than ever before seem to imagine routinely the possibility that they or their children will live and work in places other than where they were Born: this is the increased rates of migration at every level of social, national, and global life. (...) But in every case, these diasporas bring the force of the imagination, as both memory and desire, into the many lives of many ordinary people, into mythographies different from the disciplines of myth and ritual of the classical sort. (...) Here the images, scripts, models and narratives that come through mass mediation (in the realistic and fictional modes) make the difference between migration today and in the past (APPADURAI, 1996, p.175)²⁰.

Diferentemente das migrações internacionais no final do século XIX e início do século XX, as tecnologias de transporte e informação (telefonía e internet) e o barateamento dos custos para as viagens internacionais permitem uma maior aproximação entre as pessoas que estão conectadas em diferentes territórios nacionais.

Em entrevista realizada por uma imigrante paraguaia no Brasil, podemos notar essa conexão e importância das tecnologias de informação para a manutenção de laços permanentes com a família que está no país de origem. A costureira D.M., 52 anos, visita sua família periodicamente no Paraguai e mantém contato com seus familiares por meio das tecnologias de telefone e internet:

Yo voy a Paraguay cada un año. Por ejemplo, ahora que mi mamá está de edad también (...) ahora catorze (de abril) es su aniversario y ahí pienso en irme. Después, fin de año hablamos, nos vemos por internet. Como mi hermana vive ahí, tiene todo (equipamento), no se casó y vive ahí con mi mamá. (...) Hablamos, mirámonos. Mi mamá siempre nos alienta 'no te preocupes, estoy bien, estoy bien de salud'. Entonces, nos dá más posibilidad de estar más tranquila (informação verbal)²¹.

No Brasil há mais de vinte anos, a boliviana E.²² está aprendendo a utilizar o

²⁰ “Mais do que nunca as pessoas parecem imaginar a possibilidade de cada um ou seus filhos viverem e trabalharem em lugares diferentes de onde nasceram: essa é as taxas cada vez mais altas de migração em cada nível da vida social, nacional e global. (...) Mas, em cada caso, as diásporas trazem a força da migração, a memória e ao desejo, para as muitas vidas de pessoas comuns, em mitografias diferentes das disciplinas do mito e do ritual dos tipos clássicos. (...) Aqui as imagens, os roteiros, modelos e narrativas que vem mediante a mídia de massas (no modo real e em ficção) fazem a diferença entre a migração atual e do passado”(APPADURAI, 1996, p.175, tradução própria).

²⁰ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

²² E., 57 anos, boliviana e costureira. Entrevista realizada em 24 de março de 2013.

computador. De acordo com a entrevistada, a internet é o meio mais usado para manter contato com a família que ficou na Bolívia, em especial por meio da rede social *Facebook*.

Por el *Facebook*. Ayuda mucho también. Me mandan mensajes mis sobrinas, mi sobrino, por medio de ellos. E yo mando para mis hermanas, para poder enviar así... Preciso aprender, no sé, a veces digo, "ay que hago?"²³.

O interesse de muitos imigrantes no Brasil também pode estar relacionado com o imaginário de prosperidade despertado pelos veículos de comunicação brasileiros presentes nos países de origem. No caso de M.²⁴, imigrante paraguaia, trabalhadora doméstica que vive no Brasil desde abril de 2011, ao assistir as novelas brasileiras transmitidas no Paraguai, imaginava que a vida das pessoas no Brasil era semelhante ao que via na televisão: um local de facilidades para se conseguir um bom emprego e com possibilidades de rápida ascensão social:

Quien venía acá decía que se ganaba mucho dinero y se vivía muy bien. (...) Había dos o tres paraguayos que se fueron y vivieron aquí (Brasil), como un año. Pero ellos no trabajaron como domésticas, trabajaron en la costura y ganaban bien. (...) Después se fueron a Paraguay poner su negocio. (...) Pensaba que era como yo vía en la televisión, un país grande, mucho más rico, pensaba algo bueno de Brasil²⁵.

A mobilidade acaba criando vínculos e formas de lealdade transnacionais através das quais os indivíduos envolvidos na migração - sejam os que partem, ficam ou retornam - constroem seus repertórios dentro da esfera do que é transmitido pela mídia ou por meio de contatos com os que já partiram (por telefone, correio ou internet). "For migrants, both the politics of adaptation to new environment and the stimulus to move or return are deeply affected by a mass-mediated imaginary that frequently transcends national space (APPADURAI, 1996, p.6)"²⁶.

Diante dessas condições, a investigação do significado da vida humana por meio da Sociologia conta com novos elementos e com o empenho por parte das disciplinas das

²³ Entrevista concedida por E. **Entrevista V**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

²⁴ M., 22 anos, paraguaia e trabalhadora doméstica. Entrevista realizada em 10 de março de 2012.

²⁵ Entrevista concedida por M. **Entrevista VI**, [março, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

²⁶ "Para os migrantes, ambas as políticas de adaptação a um novo ambiente e o estímulo a mover-se ou retornar são profundamente afetados por um imaginário midiático de massas que frequentemente transcende o espaço nacional" (APPADURAI, 1996, p.6, tradução própria).

Ciências Sociais. A conexão econômica, cultural e política entre as diferentes localidades significa que os acontecimentos não serão fenômenos possíveis de se delimitar no espaço, “mas o inverso: que todas as descobertas, triunfos e catástrofes afetam a todo o planeta e devemos redirecionar e reorganizar nossas vidas e nossas ações em torno do eixo “global-local (BECK, 1999, p.31)”.

1.3. Transnacionalidade, rede migratória e grupo doméstico: proposta de análise

Neste trabalho, pretendo considerar a migração internacional como parte de um processo que tem relação com as iniciativas desenvolvidas por um grupo doméstico na construção de relações com o ambiente econômico, social e político no qual está inserido. As relações estabelecidas no grupo doméstico e seu modo de organização podem demonstrar de que maneira são desenvolvidas estratégias de sobrevivência diante das limitações impostas pelo contexto econômico.

O grupo doméstico pode ser definido como:

un grupo de personas que asegura su mantenimiento y reproducción por la generación y disposición de un ingreso colectivo. Dentro de este modelo, la emigración pasa a constituirse en una estrategia más de mantenimiento y reproducción de los grupos domésticos, en respuesta a las oportunidades y limitaciones impuestas por el contexto social, político y económico más amplio (GREGORIO GIL, 1998, p. 31)²⁷.

O grupo doméstico tem entre seus membros uma combinação de trabalhadores²⁸ assalariados e não assalariados que conseguem diferentes formas de ingresso para garantir sua reprodução social e econômica (KEARNY, 1986). A relação entre os membros do grupo doméstico não ocorre por meios econômicos apenas, mas também afetivos e simbólicos, o que acaba por definir qual será o aporte, os benefícios e as atividades de cada um. No grupo doméstico, incluem-se as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho, assim como

²⁷ “Um grupo de pessoas que assegura sua manutenção e reprodução pela geração e disposição de um ingresso coletivo. Dentro deste modelo, a emigração passa a se constituir em uma estratégia a mais de manutenção e reprodução dos grupos domésticos, em resposta as oportunidades e limitações impostas pelo contexto social, político e econômico mais amplo (GREGORIO GIL, 1998, p. 31, tradução própria)”.

²⁸ O pesquisador Abedelmalek Sayad (1998) define o imigrante como uma força de trabalho em trânsito e provisória. Sua estadia, considerada provisória, está relacionada ao trabalho, que, por sua vez, é direcionado a imigrantes.

fenômenos de transnacionalidade. Ainda que tenham emigrado, o grupo se mantém por meio de relações estendidas e pela divisão de responsabilidades, pois a ausência de um de seus membros não significa uma ruptura. O contato com esse permanece, seja pelo envio mensal de dinheiro, pelo contato por meio de telefone e correio eletrônico ou pelo envio de mercadorias e presentes (GREGORIO GIL, 1998).

As redes de parentesco, vizinhança, grupos de autoajuda e intercâmbio trazem elementos que nos ajudam a compreender o conjunto de relações que organizam e dirigem a circulação do trabalho, do capital, de bens e serviços, de informação e de ideologia entre as comunidades de origem e as comunidades receptoras de migrantes. Ao examinar os contextos sociais e culturais das sociedades remitentes e receptoras, pode-se levantar um conjunto de crenças e um imaginário em torno da migração internacional.

Por meio das relações multiestendidas que os imigrantes estabelecem entre sociedade de origem e destino, é possível examinar esses contextos sociais não como entidades isoladas, mas como parte de um mesmo processo: o fenômeno das migrações internacionais.

As redes são estruturas que facilitam e dão continuidade ao processo de migração internacional, assim como nos aponta a autora:

La introducción del concepto de *red migratoria* va a significar que, para que se den y mantengan las migraciones internacionales, se hace necesaria la activación de una serie de contactos que forman parte de una red de relaciones preexistente – parentesco, amistad o vecindad. La activación y continua creación de esta red tiene relación con lo que algunos autores han denominado ideología o cultura de la inmigración para referirse a la preexistencia de un *patrón de creencias o valores sobre migración*. A través de estas redes fluirá información, recurso y todo tipo de bienes y servicios materiales y no materiales orientados a que la emigración se lleve a cabo” (GREGORIO GIL, 1998, p. 35)²⁹.

A ideia de transnacionalidade perpassa tanto o grupo doméstico como as redes migratórias: são as distintas formas cotidianas elaboradas pelos imigrantes para manter conexões para além das fronteiras nacionais que entrelaçam as sociedades de origem e destino, ultrapassando a ideia de identidade conectada a um único Estado-nação (BASCH; GLICK SCHILLER; SZANTON BLANC, 1994). Seja pela via econômica (envio de dinheiro

²⁹ “A introdução do conceito de rede migratória significa que, para que se deem y mantenham as migrações internacionais, se faz necessária a ativação de uma série de contatos que formam parte de uma rede de relações preexistentes – parentesco, amizade ou vizinhança. A ativação e contínua criação dessa rede tem relação com o que alguns autores denominam ideologia ou cultura da imigração para referirem-se a preexistência de um padrão de crenças ou valores sobre migração. Através de estas redes fluirá informação, recurso e todo tipo de bens e serviços materiais e não materiais a orientados a que a emigração aconteça” (GREGORIO GIL, 1998, p. 35, tradução própria).

e objetos), afetiva (chamadas telefônicas, viagens e correio eletrônico) ou pelo contato prévio entre as sociedades (relações políticas ou de colonialismo), os imigrantes constituem fixações simultâneas em mais de uma sociedade (GREGORIO GIL, 1998).

Segundo as autoras Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc (1994), nas Ciências Sociais, o termo transnacionalidade refere-se ao processo pelo qual a organização do capital em atuação global contribui para o esmaecimento do significado das fronteiras nacionais na produção e distribuição de ideias e objetos e na maneira como as pessoas circulam. O transnacionalismo recontextualizou as maneiras pelas quais o tempo e o espaço são vivenciados. As migrações internacionais também são parte desse fenômeno, que é capaz de transgredir fronteiras e limites entre nações.

Em um contexto de migração internacional, as relações sociais são afetadas pelas conexões que se estabelecem entre pessoas em diferentes países. O compromisso afetivo e financeiro que os indivíduos mantêm com seus familiares dispersos no espaço são conexões que influenciam na vida cotidiana e no local dos indivíduos (LEVITT, GLICK SCHILLER, 2004). Ao estudar as migrações internacionais, é possível perceber como processos transnacionais estão localizados nas experiências das famílias e dos indivíduos.

Para entender o conjunto de relações desse processo e suas possíveis transformações, Michael Kearny (1986) propõe a análise da região, da comunidade, do lar e do indivíduo. Para Kearny (1986), o espaço doméstico e da comunidade, ao articularem o espaço da produção econômica e da reprodução social, ocupam uma posição estratégica para o entendimento das relações sociais construídas em um contexto de migração internacional. Assim, pretende-se nesta pesquisa considerar o trabalho das mulheres e sua responsabilidade com o grupo doméstico também como um fator que contribui para o entendimento das migrações internacionais contemporâneas.

2. Relações sociais de sexo: um possível viés analítico para o estudo da migração feminina

Os diversos trabalhos acadêmicos que levaram em conta a perspectiva das relações sociais de sexo para análise das relações sociais tiveram a influência do momento histórico pelo qual passava o movimento de mulheres: a tomada de consciência de que uma grande quantidade de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres, o qual, por sua vez, era invisibilizado e justificado pela natureza do dever maternal. Dessa maneira, as feministas contribuíram com o meio acadêmico a partir do reposicionamento do espaço familiar (privado), dando lugar à ideia de que é um ambiente em que também se exerce o trabalho. E a esfera do trabalho assalariado, reconhecido como produtivo, foi analisado através da perspectiva de que este seria um local onde também se estabeleceriam relações de poder entre homens e mulheres, as quais, por sua vez, podem ser historicizadas.

É no modo de produção capitalista em que se demarcam e se separam os espaços nos quais ocorria a produção econômica (fábrica) e a reprodução social (âmbito privado e familiar). Assim, o trabalho gratuito realizado pelas mulheres (costura, preparação de alimentos, cuidado das crianças, limpeza, etc) garante a manutenção e o bem-estar da classe trabalhadora, pois o sujeito “universal” do trabalho assalariado é o homem, branco e livre - especialmente, das tarefas reprodutivas. Essa separação entre as responsabilidades familiares e o trabalho assalariado, apesar de servir como base para a organização social, não significou a permanência das mulheres dentro do lar. Ao contrário, vinculou a força de trabalho feminina a uma mão-de-obra barata e específica para determinados tipos de trabalho.

A historiadora Michele Perrot (2005), ao analisar o trabalho das mulheres no século XIX, afirma que esse foi o período em que a ideia de “profissão feminina” ganhou força. Estas seriam uma extensão das funções “naturais” das mulheres: trabalho doméstico e maternidade. Intuição, discrição, disposição e multifuncionalidade – saber datilografar uma carta, assim como preparar uma xícara de chá – são qualidades requeridas e esperadas das mulheres, fruto de um processo de socialização das mulheres que tem início em sua infância. O setor terciário garantiu o espaço conveniente para as mulheres: bancos, repartições públicas, comércio e agências de correios, onde as boas maneiras pequeno-burguesas foram colocadas em prática.

Assim, as profissões consideradas “próprias para as mulheres” seriam aquelas que

permitem o uso das aptidões de seu sexo. Para Perrot (2005), a construção da noção de “profissão feminina” resultou em uma maior aceitação da mulher no mercado de trabalho e, devido às qualificações obtidas através de uma formação que lhes é específica, permitiu a oferta de mão-de-obra a baixo custo. Não por acaso, as mulheres inserem-se no setor da confecção, caracterizado pela necessidade de grande quantidade de mão-de-obra e com pouca possibilidade de ascensão social e promoção salarial.

As mulheres desvalorizam tudo o que tocam: o exemplo das fiandeiras de Saint-Étienne é, a respeito dessa questão, muito significativo. Os setores em que elas entram são progressivamente desertados pelos homens que preferem reconstituir, em outros lugares, espaços masculinos intactos (PERROT, 2005, p. 258).

De maneira semelhante a Perrot, a também historiadora Joan Scott (1994), ao discutir a situação das mulheres trabalhadoras durante a Revolução Industrial, demonstra que a transferência da mão-de-obra feminina do trabalho em domicílio para o trabalho assalariado ocorreu em setores específicos, como na indústria de confecção e no setor de serviços. Essa nova configuração do trabalho feminino em diferentes ocupações pode ser caracterizada como uma mudança, porém, segundo a autora, não é possível afirmar que se tratou de uma ruptura daquilo que era considerado como trabalho de mulher. Esse tipo de trabalho deveria ser uma extensão das tarefas do lar: o manejo com linha e agulha na indústria da confecção, a organização nos escritórios, o cuidado com os doentes nas enfermarias, etc. Seja realizado dentro de domicílios ou fora dele, a característica comum do trabalho feminino ficou marcada, principalmente, por salários inferiores aos daquele recebidos pelos homens.

Para Joan Scott (1994), a ideia de que o trabalho de homens e mulheres têm valores diferentes foi legitimada por teorias econômicas de que o salário dos homens deveria ser suficiente para a subsistência de toda a família, enquanto o salário da mulher era necessário somente para seu sustento, ou era considerado até mesmo uma complementação dos ganhos familiares (seja dos pais ou do marido). A diferenciação dos salários, no entanto, não foi uma condição para que as mulheres fossem excluídas do trabalho fora do lar. Mesmo com restrições, elas saíram de casa para trabalhar, fosse por necessidade ou por terem sido recrutadas.

O aumento da participação de mulheres nas migrações internacionais traz questionamentos em relação a um fenômeno que não é neutro em relação ao sexo. No presente trabalho, a diferenciação do impacto das migrações internacionais sobre homens e

mulheres pretende realizar-se a partir da premissa de Daniele Kergoat (2003) de que a interação entre eles não é produto de sua condição biológica, mas de uma relação construída socialmente, designada por relações sociais de sexo, as quais têm sua base material na divisão sexual do trabalho.

De acordo com a divisão sexual do trabalho, aos homens é destinado o trabalho na esfera produtiva, e às mulheres o trabalho na esfera reprodutiva, ou seja, são formas de trabalho separadas de acordo com o sexo. O trabalho masculino tem valor social superior em relação ao feminino, o que ocasiona uma relação hierárquica de tensão e poder entre os sexos. Para Kergoat, a divisão sexual do trabalho e suas (re)configurações em cada sociedade permite problematizar os diferentes aspectos dessa divisão (KERGOAT, 2003)³⁰. A autora menciona dois princípios organizadores que contribuem para a análise das relações de trabalho:

o princípio da separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher). Eles são válidos para todas as sociedades conhecidas no tempo e no espaço- o que permite [...] afirmar que existem dessa forma desde o início da humanidade” (KERGOAT, 2003, p. 56).

A disciplina da Estatística, de acordo com Michele Perrot (2005), é uma área que durante muito tempo falhou em não levar em conta as mulheres. As atividades realizadas pelas mulheres dentro dos domicílios não eram consideradas “trabalho” pelos agentes de recenseamento e, portanto, tornaram-se invisíveis e destituídas de valor social. O recenseamento das famílias e os levantamentos estatísticos sobre agricultores, artesãos e até sobre o mercado de trabalho quase sempre resultaram em números assexuados. Ainda hoje é necessário um longo processo de debate para que novos elementos os quais consideram a dimensão de gênero (ou sexuada) sejam incorporados aos questionários. O mesmo ocorre com os dados a respeito das migrações internacionais.

A partir da compreensão desse contexto, algumas economistas, entre elas Cristina Carrasco (2004), sugerem novos instrumentos analíticos para compreender as características das atividades laborais femininas e os diferentes espaços e valores do trabalho (o trabalho de

³⁰ Joan Scott (1998), por sua vez, utiliza como categoria analítica o termo “gênero” para referir-se à organização social da diferença sexual, que deve ser analisada em seus diferentes contextos históricos, a partir dos discursos, ritos e relações de força que deram sentido a essa diferenciação. Por tratar-se de uma categoria estruturada em uma organização social, tem capacidade de transformar-se. O gênero não determina os papéis de homens e mulheres, mas é necessário historicizar as relações de poder nas quais está ancorado esse conceito.

mercado e o trabalho familiar doméstico), reconhecendo suas diferenças e diversidades. Para essa pesquisadora, os atuais modelos econômicos consideram somente a economia de mercado:

y no se tiene en cuenta la participación en los espacios más privados de relación social o en el trabajo familiar doméstico espacios asignados socialmente a las mujeres. Sin embargo, es estos espacios más privados – los más invisibles - es donde se establecen los mecanismos que aseguran una parte importante del bienestar de las personas“ (CARRASCO, 2004, p.104)³¹.

Cristina Carrasco (2004) entende que, para a manutenção da vida - para além da subsistência biológica-, fazem-se necessários elementos como a afetividade, o cuidado e o bem-estar. Esses são aspectos que garantem o desenvolvimento das pessoas, para que elas tornem-se capazes de participar e interagir na vida social e pública, e, inclusive, no mercado de trabalho. Apesar da separação dos espaços de reprodução social e produção econômica, é a conexão entre eles que mantém o funcionamento de nossa sociedade. Nesse sentido, a autora aproxima-se da socióloga Kergoat (2003), pois, para ela, ao analisar o espaço da reprodução, o trabalho e o emprego das mulheres, é possível encontrar elementos explicativos da organização social, das transformações no mundo do trabalho e das relações sociais de sexo.

Apesar da centralidade cada vez maior da produção mercantil como objetivo econômico principal da atividade humana, não se alterou a função básica dos lares como o espaço em que se dá a organização da vida, pois “as necessidades humanas são de bens e serviços, mas também de afetos e relações” (CARRASCO, 2003 p. 14). Porém, esse conjunto de tarefas, como a alimentação, o cuidado com saúde e higiene de idosos e crianças e a socialização, não têm o devido reconhecimento social. O sistema socioeconômico depende desse trabalho desenvolvido no âmbito doméstico, portanto, cientistas sociais, economistas e historiadores, ao furtarem-se de reconhecê-lo, também deixam escapar o nexo entre o âmbito doméstico e a produção de mercado, ou seja, o modo como a sociedade funciona.

Ao apresentar os questionamentos trazidos pelo movimento feminista, que teve influência no pensamento acadêmico, buscou-se trazer novos elementos constituintes das relações humanas capazes de garantir o funcionamento da sociedade. Esses elementos, e, principalmente, o diálogo interdisciplinar, podem trazer novas abordagens teóricas que

³¹ “e não se tem em conta a participação nos espaços mais privados de relação social ou no trabalho familiar doméstico, espaços designados socialmente às mulheres. No entanto, é nos espaços mais privados – os mais invisíveis – onde se estabelecem os mecanismos que asseguram uma parte importante do bem estar das pessoa” (CARRASCO, 2004, p.104, tradução própria).

permitam um olhar mais abrangente, que considere as diversas relações sociais que se estabelecem entre os agentes econômicos – homens e mulheres –, assim como as relações de poder que aí estão imbricadas.

Kergoat, a partir da ideia de divisão sexual do trabalho enquanto conceito analítico, permite pensar nas relações sociais de sexo por meio das desigualdades de poder existentes entre homens e mulheres. Essa autora entende que a reflexão sobre as relações sociais de sexo deve ser pensada dentro do conjunto das relações sociais, tornando possível entender a complexidade e as múltiplas formas das práticas sociais.

As historiadoras Perrot e Scott lançam luz à história das mulheres, demonstrando que o surgimento de uma sociedade industrial e urbana afetou diferentemente os sexos. Nesse aspecto, a suposta neutralidade da ciência – produção de dados e estatísticas – e da política invisibilizaram o papel das mulheres na manutenção do sistema capitalista e sua contribuição ao sustento e bem-estar de inúmeras famílias.

Diante dessa realidade e a partir de uma nova interpretação do papel da Ciência Econômica, Cristina Carrasco entende que a vida humana é dependente de bens e serviços, mas também de afeto e de relacionamentos – que é a vida em comunidade e familiar –, portanto, as necessidades humanas possuem um fator subjetivo (carinho, proteção, afeto e cuidado) que não podem ser substituídos, trocados ou vendidos, como ocorre no mercado. Segundo Carrasco, é nesse contexto que as mulheres, por estarem socialmente designadas ao espaço privado, onde se dão de fato as relações subjetivas, assumem uma enorme quantidade de tarefas que servem de suporte a pessoas dependentes desses “serviços”, como idosos, crianças e doentes.

São tarefas que incluem serviços pessoais conectados usualmente com necessidades diversas e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar. [...] pouco agradáveis, repetitivos e esgotadores, mas absolutamente necessários para a vida das pessoas. [...] realizadas dia após dia nos 365 dias do ano, no lar, fora dele, no bairro e desde o posto de trabalho assalariado [...]. A magnitude e a responsabilidade dessa atividade faz pensar na existência de uma “mão invisível” muito mais poderosa que a de Adam Smith, que regula a vida cotidiana e permite a continuidade do funcionamento do mundo (CARRASCO, 2003, p. 17).

Certamente, a análise aqui trazida é muito breve para abranger todos os aspectos que constituem o entendimento das relações sociais e que envolvem um processo de migração internacional feminina. Porém, o diálogo entre campos de saber possibilita novos olhares e contribui para a formulação de um pensamento científico que não tenha ambições de

neutralidade ao refletir sobre a complexidade da vida cotidiana. Pois não apenas as relações sociais de sexo são necessárias para entender as diversas tensões entre sujeitos, como também as relações de raça, classe social e origem. Isso tudo, sem deixar de considerar aspectos da orientação sexual, ou ainda elementos não econômicos, como a política e a cultura.

2.1. Mulheres e trabalhadoras na América Latina

Na América Latina, o fato de que a presença de mulheres na força de trabalho aumentou significativamente chama a atenção. De 1960 a 1990, enquanto o número de homens economicamente ativos aumentou de 80 para 146 milhões, o número de mulheres mais que triplicou, saltando de 18 para 57 milhões. No mesmo período, enquanto a taxa de participação feminina na População Economicamente Ativa (PEA) aumentou de 18,1% para 27,2%, a taxa masculina diminuiu de 77,5% para 70,3% (ABRAMO, 2000).

Com exceção de países como Bolívia e Paraguai, a presença de mulheres na força de trabalho geralmente é superior no meio urbano. As mulheres representam mais de 40% da População Economicamente Ativa (PEA) urbana na América Latina (ABRAMO, VALENZUELA, 2006), fato explicado pelo aumento das atividades no setor de serviços no meio urbano e pelo declínio de peso do setor agrícola para a economia. Dado que também se incrementa é o número de famílias chefiadas por mulheres, cuja porcentagem na América Latina oscila entre 25% e 35%.

O aumento da participação das mulheres na força de trabalho não significou, porém, a diminuição das desigualdades profissionais entre homens e mulheres. Ainda que possuam maior escolaridade - a média para a região é de nove anos de instrução, enquanto para os homens é de oito anos -, as mulheres seguem recebendo salários inferiores. A brecha salarial entre homens e mulheres aumenta quanto maior a escolaridade. Na América Latina, a taxa de desemprego das mulheres é superior em relação aos homens, variando de 10% a 40%. Também tem aumentado o número de mulheres que inserem-se em situações precárias de trabalho, com baixos salários, ausência de contratos e proteção social, trabalho em domicílio e em subcontratos (ABRAMO, 2000).

A partir do Quadro 1, é possível refletir sobre a tendência de aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, reduzindo a brecha de participação entre os sexos ao longo do tempo.

Quadro 1: América Latina: países selecionados. Taxa de participação das mulheres nas zonas urbanas, 1990 e 2002 (em porcentagem)

País	Taxa de atividade feminina		Relação Mulheres/Homens	
	1990	2002	1990	2002
Bolívia	47	57	64	74
Brasil	45	53	54	67
Paraguai	50	57	59	70
Peru	62	54	75	72

Fonte: ABRAMO, VALENZUELA (2006), elaboração própria.

Segundo Helena Hirata (2009), o aumento da presença de mulheres no mercado de trabalho vem acompanhado do crescimento simultâneo do emprego vulnerável e precário das mulheres, o que a autora denomina de precarização do trabalho e do emprego. Suas pesquisas avaliam as consequências da globalização sobre o emprego, as quais permitem a identificação de um crescimento mundial do trabalho assalariado das mulheres, tanto no setor formal como informal, em especial no setor de serviços.

Helena Hirata (2009) sugere que a divisão sexual da precarização do trabalho não pode ser explicada ou elucidada sem que se recorra à dimensão extratrabalho, principalmente, à relação entre homens e mulheres no universo doméstico. De acordo com as pesquisas recentes, o trabalho precário pode ser notado pelos seguintes indicadores:

- 1- Ausência de proteção social e de direitos sociais e sindicais (previdência social, aposentadoria, férias);
- 2- Horas reduzidas de trabalho: salários baixos;
- 3- Níveis baixos de qualificação: ausência de qualificação formal.

Em estudo comparativo entre França, Brasil e Japão, Helena Hirata (2009) diagnosticou que as mulheres são maioria no trabalho precário.

O processo de precarização da força de trabalho desde o início da década de 90 parece, ao contrário, ter reforçado a polarização das qualificações segundo o sexo, na qual as mulheres encontram-se em postos paradoxalmente empobrecidos pela integração de tarefas ou pela “combinação de duas tarefas de baixa qualificação (HIRATA, 2009, p. 14).

Nos anos de 1990, as mulheres da América Latina alcançaram um nível de escolaridade maior e em um ritmo superior, se comparado aos homens. Sua participação em ocupações profissionais e técnicas cresceu, e os níveis de renda e as possibilidades para elas

adquirirem um emprego formal se incrementaram. No entanto, o maior grau de escolarização não garante às mulheres melhores oportunidades de emprego. Segundo Abramo e Valenzuela (2006), as mulheres precisam ter quatro anos a mais de estudo para receberem os mesmos salários que os homens, assim como precisam ter dois anos a mais de estudo para obterem a mesma oportunidade de conseguir um emprego formal.

No caso dos empregos femininos, observa-se a bipolarização: enquanto há um aumento de mulheres executivas, em profissões intelectuais e profissões liberais, de outro lado, as ocupações tradicionalmente femininas continuam sendo exercidas por mulheres: profissionais da educação e da saúde, no serviço público e nas funções ligadas ao serviço doméstico e do cuidado. O resultado dessa polarização é a manutenção das desigualdades sociais entre homens e mulheres e entre as próprias mulheres.

O Estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento a partir de pesquisas domiciliares realizadas em 18 países da América Latina aponta que a diferença salarial entre homens e mulheres varia de 10% a 30%. Apesar de seu menor nível educacional, os homens chegam a ganhar 10% a mais que as mulheres. Essa diferença cresce entre trabalhadores dos setores considerados informais, que recebem os menores níveis de salário, e quando as mulheres têm filhos (ATAL; ÑOPO; WINDER, 2009).

Quadro 2: América Latina: Países selecionados. Composição da força de trabalho feminina e masculina ocupada no setor informal, 2002 (em porcentagem)

País	Total setor informal		Trabalho por conta própria		Microempresa		Trabalho Doméstico	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Brasil	40.5	49.8	22.7	18.8	16.9	10.9	0.9	20.1
Paraguai	56.3	68.6	27.5	33.3	26.9	11.2	1.9	24.1
Peru	51.0	62.2	31.0	38.9	19.5	11.0	0.5	12.4

Fonte: ABRAMO; VALENZUELA (2006), elaboração própria

A taxa de desemprego das mulheres é superior à dos homens em todos os períodos analisados (com exceção do ano de 1990, no Paraguai). Segundo levantamento de Abramo e Valenzuela (2006), as maiores taxas de desemprego para ambos os sexos são encontradas nos estratos mais baixos da sociedade. Assim, o aumento da taxa de participação de mulheres significou também um grande aumento dos níveis de desemprego na América Latina, chegando a atingir o índice de 18,2%, no ano 2000.

Quadro 3: América Latina: países seleccionados. Taxa de desemprego urbano por sexo, 1990 - 2004 (em porcentagem)

País	Homens			Mulheres		
	1990	2004	2009	1990	2004	2009
Bolívia	6.8	7.3	3.6	7.8	10.3	6.2
Brasil	4.8	9.5	7.0	4.9	14.8	12.0
Paraguai	6.6	10.5	7.9	6.5	12.2	8.8
Peru	6.5	8.4	5.4	11.4	11.2	5.9

Fonte: CEPAL (para o ano 2009) e ABRAMO; VALENZUELA (2006), elaboração própria.

Levando em conta a informalização do emprego a partir das duas últimas décadas na América Latina, metade das vagas ocupadas no ano de 2003 encontravam-se na economia informal. Enquanto que para os homens essa taxa era de 44,1%, no caso das mulheres foi de 50,1% (23,2% trabalhando por conta própria; 11,4% em microempresas; e 15,5% no serviço doméstico). Para o mesmo ano, em países como Brasil, Paraguai e Uruguai, a quantidade de mulheres atuando no serviço doméstico chegou ao índice de 20%, maior do que toda a região.

Nos anos 1990, a grau de informalização foi alto tanto nos empregos de homens como de mulheres. No entanto, a qualidade do emprego informal demonstra-se inferior para as mulheres, apresentando menores salários e menor cobertura social (ABRAMO; VALENZUELA, 2006).

Por otro lado, el servicio doméstico (segmento del empleo que cuenta con los niveles más bajos de remuneración y protección social) sigue concentrando un porcentaje bastante significativo de la ocupación femenina en la región (15,5% del total) y su peso aumenta entre 1990 y 2003. A su vez, la presencia femenina es significativamente superior a la masculina entre los familiares no remunerados, y se compone de mujeres que trabajan “ayudando” al cónyuge, o hijas que ayudan a los padres sin recibir remuneración (ABRAMO; VALENZUELA, 2006, p. 47)³².

Para Laís Abramo (2000), em momentos de crise, as mulheres fazem um enorme esforço para obtenção de um maior rendimento que permita garantir o sustento de toda a

³² “Por outro lado, o serviço doméstico (segmento do emprego que conta com os níveis mais baixos de remuneração e proteção social) segue concentrando uma porcentagem bastante significativa da ocupação feminina na região (15,5% do total) e seu peso aumenta entre 1990 e 2003. Por sua vez, a presença feminina é significativamente superior a masculina entre os familiares não remunerados, e composto de mulheres que trabalham “ajudando” ao cônjuge, ou filhas que ajudam aos pais sem receber remuneração”(ABRAMO, VALENZUELA, 2006, p. 47, tradução própria).

família. Durante os anos de 1980, aumentou a participação de todos os membros da família no trabalho voltado ao mercado, mas também intensificou-se o trabalho doméstico, que foi assumido principalmente pelas mulheres. Essa pode ser considerada uma estratégia para enfrentar o aumento do preço dos alimentos e artigos de primeira necessidade, assim como para amortizar os efeitos da redução dos gastos do Estado com serviços públicos de saúde, educação e moradia.

Ao verificar os efeitos da crise mundial de 2007 sobre o mercado de trabalho brasileiro, Cacciamali e Tatei (2010) identificaram que os níveis da taxa de desemprego de mulheres dobraram, assim como que elas tiveram maior dificuldade em assumir postos de trabalho de qualidade e que lhes permitisse ascensão profissional. Em momentos de crise, resta às mulheres ingressar no mercado de trabalho para garantir a manutenção econômica da família. O princípio da “hierarquização” – segundo o qual a força de trabalho feminina vale menos do que a masculina – garante ao mercado a redução dos gastos com mão-de-obra. Helena Hirata (1998) observou que as taxas de atividade feminina ampliam-se durante o período de expansão da economia e continuam a crescer durante o período de crise em praticamente todos os países industriais. No Brasil, a autora pontua que, simultaneamente ao crescimento da taxa de atividade feminina, houve aumento da precariedade do emprego, devido ao aumento do trabalho informal (sem registro em carteira).

Segundo Abramo e Valenzuela (2006), é cada vez maior o número de lares que necessitam que seus integrantes consigam aportar com recursos para a manutenção econômica da família. Coube às mulheres buscarem o aumento de sua escolaridade e garantir sua entrada no mercado de trabalho – ainda que, em grande parte, no setor informal e em empregos de má qualidade – a fim de contribuir para a redução da pobreza em suas casas.

O modelo de flexibilização dos “novos” encadeamentos produtivos indica que, entre mulheres e imigrantes, ocorre o uso intensivo de formas de emprego em que predomina-se o trabalho instável, pouco qualificado, mal pago e a domicílio (ABRAMO, 2000). Segundo Laís Abramo (2000):

O que tem predominado, na maioria deles, são processos nos quais a estruturação das cadeias de subcontratação (ou a “terceirização” de serviços e/ou atividades) obedece basicamente a uma estratégia de externalização de custos e de responsabilidades sociais em relação à mão-de-obra. Isso tem significado um processo de precarização do trabalho, fortemente marcado por diversas variáveis, entre elas a de gênero. A grande empresa se articula em redes de subcontratação que, ao longo da cadeia produtiva, inclui desde empresas formais, de grande e médio porte, e com um desenvolvimento

tecnológico próximo ao da “empresa-mãe”, passando por empresas menores, tecnologicamente menos desenvolvidas e com maiores graus de informalidade, incorporando *talleres* de distintas dimensões (e distintos graus de ilegalidade), até chegar, muitas vezes, às formas de trabalho em domicílio que se reproduzem nesses contextos (ABRAMO, 2000, p. 84).

Para Abramo (2000), o processo de desintegração das empresas na América Latina tem se caracterizado por cadeias produtivas verticalizadas, nas quais há grande assimetria de poder, assim como fragilidade e até mesmo ausência de regulação das relações entre essas empresas, especialmente nos casos de subcontratação. São características que se relacionam, principalmente, devido à estratégia das grandes empresas de redução dos custos, de um lado, e investimentos, em outro (tecnologia, profissionais qualificados, *design*, artístico).

As empresas contratistas e com domínio sobre a cadeia têm grande capacidade de barganha para reduzir custos, devido a seu alto poder comercial e financeiro. Assim, os riscos e frutos da competitividade recaem mais facilmente sobre as pequenas empresas do setor, refletindo em relações precarizadas de trabalho, como:

uso intensivo de mão de obra mal paga, utilização de equipamentos obsoletos, informalidade ou ausência de contratos de trabalho, baixos níveis de qualificação e métodos de gestão paternalistas e/ou despóticos (ABRAMO, 2010, p. 85).

Estudos apontam que as experiências e investimentos em inovação tecnológica e organizacional são incorporados aos postos de trabalho considerados “chave” nos processos produtivos, os quais, por sua vez, não são ocupados por mulheres, mas destinados aos homens (ABRAMO, 2000; HIRATA, 1998). As pesquisas concluem que as mulheres são excluídas das propostas consideradas inovadoras, pois não são abertas a elas oportunidades de acesso a novas profissões e ocupações que possam significar melhor remuneração e responsabilidade.

Diversos estudos também apontam o aumento do trabalho remunerado das mulheres, tanto no setor formal, como no informal, sobretudo no setor de serviços (CUNHA e FUENTES, 2006; TALAHITE, 2009; SASSEN, 2003). No entanto, nesse contexto, a incorporação das mulheres ao mercado de trabalho ocorreu de maneira ambígua, pois não alterou as desigualdades salariais entre homens e mulheres, tampouco a divisão do trabalho doméstico. O aumento do trabalho informal não é um fato que pode ser explicado apenas como consequência de períodos de recessão econômica. A reestruturação produtiva e a flexibilização da regulação do Estado sobre o trabalho fizeram com que, a partir dos anos de 1990, a substituição do trabalho formal pelo informal se tornasse um elemento constitutivo da

economia globalizada (HIRATA, 2003).

Para Helena Hirata (1998), a divisão sexual do trabalho profissional exige uma dimensão analítica para além da esfera profissional, como por exemplo “a atribuição diferenciada das tarefas domésticas, ou, mais geralmente, as correlações de força e as relações de poder entre os sexos não apenas na empresa, mas também na família e na sociedade” (HIRATA, 1998, p. 15).

No Brasil, a ampliação do emprego de mulheres durante os anos de 1990 deveu-se ao dinamismo do setor terciário. Em um contexto de deterioração geral das relações de trabalho e de redução do assalariamento e dos empregos com carteira assinada, a mão-de-obra feminina esteve nos postos de trabalho mais instáveis e pior remunerados. Segundo Leone (2010), as mulheres tendem a ocupar as atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços, atividades sociais, como magistério no ensino primário, enfermagem e assistência social e, em grande parte, o serviço doméstico remunerado.

Ainda que a economia brasileira tenha se desenvolvido nos últimos anos e obtido resultados positivos, ela não tem sido capaz de gerar trabalhos de “qualidade” para parcela significativa dos trabalhadores, tampouco tem reduzido a informalidade. O mercado de trabalho no Brasil³³ não superou as barreiras para as mulheres, em termos de igualdade de remuneração e superação da segmentação de gênero nas ocupações, além da repartição desigual entre homens e mulheres nas atividades domésticas (LEONE, 2010).

A entrada no mercado de trabalho informal acaba sendo a possibilidade para conseguir trabalho e renda, no caso de trabalhadores sem qualificação ou escolaridade. Não por acaso, a maioria dos trabalhadores inseridos no mercado informal é pobre. No caso das mulheres, devido à necessidade de conjugar o trabalho profissional com o doméstico, elas tendem a aceitar com maior frequência os empregos precários, cujas características são as jornadas em tempo parcial ou contratos temporários. O trabalho feminino nas ocupações informais³⁴ muitas vezes acaba invisibilizado devido a sua realização em ambiente doméstico, no qual as atividades produtivas são comumente confundidas com atividades reprodutivas. Esse fator é responsável por esconder a participação das mulheres na economia, contribuindo para a noção de que a mulher desempenha um trabalho secundário em relação ao dos homens (CARRASCO, 2004; LEONE, 2010).

³³ Existe uma segmentação do mercado de trabalho em que, aos homens, o local de trabalho prioritariamente é a fábrica ou o escritório, enquanto, para as mulheres, o local mais comum de trabalho é o domicílio (LEONE, 2010).

³⁴ Segundo Leone (2010), as mulheres, uma vez inseridas no setor informal, têm maior dificuldade para sair dele. Nesse setor, a diferença de rendimentos entre homens e mulheres tende a ser maior.

Em 2003, 15,5% de todas as mulheres ocupadas da América Latina trabalhavam no serviço doméstico³⁵, o setor menos valorizado do mercado de trabalho (ABRAMO; VALENZUELA, 2006). Dados da OIT (2013) sobre a América Latina apontam que, em 2010, o número de trabalhadores inseridos no emprego doméstico era de 19,6 milhões (destes, 18 milhões eram mulheres), um aumento significativo em relação a 1995, quando o número era de 10,4 milhões. De acordo com pesquisa realizada por Tokman (2010), uma em cada oito mulheres na América Latina está empregada no serviço doméstico.

O trabalho doméstico é um setor que tradicionalmente confere uma porta de entrada para inúmeras mulheres ao mercado de trabalho, especialmente para aquelas com baixo nível educacional. O fato de a América Latina e do Caribe consistirem em uma região com um dos índices mais altos de desigualdade permite às famílias mais abastadas contratarem trabalhadoras domésticas, ao passo que os trabalhadores mais pobres tendem a aceitar os empregos no serviço doméstico, mesmo que a remuneração e o índice de proteção social sejam baixos (OIT, 2013). A renda das trabalhadoras domésticas na América Latina representa ao redor de 40% da média de salários dos empregos urbanos, e apenas 19% das trabalhadoras domésticas têm acesso à seguridade social - índice baixo, comparado à média de 47% dos trabalhadores empregados nas áreas urbanas (TOKMAN, 2010).

O trabalho doméstico tem forte presença em países como Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. “By far the largest employer of domestic work is Brazil, where the sector has experienced a steady growth from 5,1 million to 7,2 million domestic workers between 1995 and 2009” (OIT, 2013, p. 26)³⁶. Dados apontam que cerca de 93% dos trabalhadores domésticos no Brasil são mulheres, sendo que a maioria dessas trabalhadoras são negras (OIT, 2013).

No Brasil, a porcentagem de mulheres no serviço doméstico remunerado³⁷ no ano de 2008 representava 15,8% da ocupação total feminina. O emprego doméstico sem carteira era predominante, representando 74,2% do total do emprego doméstico remunerado. A principal característica do emprego doméstico no Brasil são os baixos salários e o acesso desigual aos direitos trabalhistas. Trata-se de um dos setores mais marcados pela precariedade, em que

³⁵ O emprego doméstico é aquele realizado na casa de outra pessoa, e inclui diversas tarefas como limpar, cozinhar, dirigir, cuidar de crianças ou idosos (TOKMAN, 2010).

³⁶ “De longe, o maior empregador do trabalho doméstico é o Brasil, onde o setor tem experimentado um crescimento de 5,1 milhões para 7,2 milhões de trabalhadoras domésticas entre 1995 e 2009” (OIT, 2013, p. 26, tradução própria).

³⁷ Esse tipo de serviço possui uma grande concentração de mulheres negras. Elas representavam 59,6% do total do serviço doméstico remunerado sem carteira, em 2008, e seus rendimentos são inferiores ao das mulheres brancas (LEONE, 2010).

apenas 26,8% dos trabalhadores possuem carteira de trabalho assinada (LEONE, 2010).

Um aspecto relevante da região da América Latina e do Caribe é o aumento da presença de imigrantes de países vizinhos no trabalho doméstico, a exemplo da presença de paraguaias e bolivianas na Argentina, e de peruanas em Santiago, no Chile (OIT, 2013). A tendência ao aumento da presença de trabalhadoras imigrantes no emprego doméstico em países com maior estabilidade e progresso econômico deve-se ao fato de que a migração das áreas rurais com destino às áreas urbanas diminuiu, assim como a migração interna entre regiões. As mulheres imigrantes tendem a ingressar no setor de comércio, serviços e no emprego doméstico (TOKMAN, 2010).

Quadro 4: Imigrantes no Emprego Doméstico

Países	1	2	3	4	5
Argentina	15.6	39.3	95.8	95.4	96.0
Brasil	1.9	6.3	88.9	53.0	56.0
Chile	17.5	37.1	92.1	91.2	94.0
Equador	14.5	22.9	49.8	55.9	60.4
Paraguai	5.6	18.9	94.1	98.7	97.6

Fonte: TOKMAN (2010), elaboração própria.

Legenda:

- 1 - Imigrantes no emprego doméstico em relação ao total de imigrantes
- 2- Mulheres Imigrantes no emprego doméstico em relação ao total de mulheres imigrantes
- 3- Mulheres Imigrantes no emprego doméstico em relação ao total de imigrantes no trabalho doméstico
- 4 - Imigrantes no emprego doméstico em relação ao total de imigrantes advindos de países vizinhos
- 5 - Mulheres Imigrantes no emprego doméstico advindos de países vizinhos

O atual processo de internacionalização da economia gerou um aumento na demanda por profissionais altamente qualificadas nas grandes metrópoles. Assim, algumas mulheres tiveram a possibilidade de ascender profissionalmente, preenchendo postos de trabalho em cargos de gerência e de comando em grandes corporações. Por sua vez, além de qualificação profissional, são empregos que exigem uma grande quantidade de tempo e de dedicação (SASSEN, 2003).

Porém, a ascensão profissional de algumas mulheres não significou o

compartilhamento das tarefas domésticas com os homens, fazendo crescer a demanda por trabalhos precarizados referentes à reprodução social, ao cuidado de crianças e idosos e às tarefas do lar. Esse trabalho é transferido a outras mulheres: babás, faxineiras e cuidadoras de idosos, permitindo a entrada das mulheres de classe média e alta no mercado de trabalho (HIRATA, 2008; LEONE, 2010).

Segundo a análise de Helena Hirata (2008), esse contexto faz com que milhares de mulheres dos países do Sul migrem aos países do Norte para preencher a demanda por trabalhadoras dispostas a dedicarem-se ao setor do cuidado e ao serviço doméstico remunerado.

2.2. Migrações internacionais femininas

Levando em consideração a trajetória de migração internacional e do trabalho das mulheres, assim como sua inserção nos mercados no país de origem e de destino, esta pesquisa pode ajudar a compreender as diversas formas de emprego e trabalho constituintes do processo de articulação entre as esferas da produção e reprodução. Essas trajetórias são ainda parte de um processo de globalização que combina, de um lado, empresas formais, modernas, inseridas no mercado internacional e que fazem uso de tecnologia, as quais possuem um quadro de funcionários de alto grau de especialização, enquanto, do outro lado, encontram-se situações de trabalho em condições precárias, em domicílio, informais, com altas jornadas e fora do âmbito da proteção social, as quais são realizadas, em sua maioria, por mulheres: “Thanks to the process we loosely call “globalization”, women are on the move as never before in history” (EHRENREICH; HOCHSCHILD, 2003, p. 2)³⁸.

As autoras acima citadas referem-se a uma imagem que nos é familiar em informes publicitários ocidentais: mulheres executivas viajando pelo mundo, hospedadas em hotéis luxuosos, comunicando-se com suas famílias por meio de seus celulares e fazendo compras com cartões de crédito. Porém, pouco sabemos do crescente processo de migrações internacionais de mulheres de países pobres do Sul em direção aos países ricos do Norte - ou então, com destino ao país mais próximo, proporcionalmente mais abastado do que seus países de origem -, preferencialmente com língua e cultura semelhantes. Fenômeno esse que autoras denominam como submundo feminino da globalização (Ehrenreich; Hochschild,

³⁸ “Graças ao processo ao qual chamamos ‘globalização’, as mulheres estão em movimento como nunca antes visto na história” (Ehrenreich; Hochschild, 2003, p. 2, tradução própria).

2003), através do qual mulheres são destinadas aos serviços domésticos, como babás, diaristas ou cuidadoras de idosos. Vale ressaltar que, em muitos casos, essas mulheres imigrantes deixam seus filhos ao cuidado de suas avós, irmãs ou cunhadas.

Segundo a autora, essa dinâmica produz um duplo movimento: um deslocamento para o mercado de trabalho das funções que eram parte do trabalho do lar, assim como a mudança para o lar de tarefas e atividades que antes eram realizadas no ambiente de trabalho ou na fábrica. Nesse aspecto, os e as imigrantes são os principais atores dessa reconfiguração dos espaços econômicos. A informalidade cria condições em que a vizinhança e o lar tornam-se os espaços prioritários da atividade econômica. Para as mulheres imigrantes, surge então não uma oportunidade, mas uma alternativa para a conquista de renda, ainda assim baixa, e para a transformação da hierarquia à qual se veem submetidas (SASSEN, 2002).

Muitos trabalhos acadêmicos que consideram a perspectiva de gênero dentro das migrações internacionais têm contribuído para dar visibilidade à participação de mulheres, preenchendo o vazio dos estudos que levam em conta somente o protagonismo dos homens (BAENINGER; PERES, 2012; GREGORIO GIL, 2012; KEARNY, 1986).

As primeiras formulações a respeito do tema contemplavam as mulheres enquanto atrizes passivas que migravam com o intuito de acompanhar seus maridos e filhos (COURTIS; PACECCA, 2010). Os estudos referentes a essa associação entre migração de mulheres e reunificação familiar tratavam-as como agentes importantes na manutenção das práticas culturais do país de origem dentro do espaço doméstico, por meio do uso da língua nativa, da culinária, do uso das vestimentas, etc (PIZARRO, 2003). Nessas formulações, a unidade de análise é centrada no indivíduo e em sua família que, por razões de gênero, idade e situação econômica, decide migrar baseado em uma escolha racional, por meio de sua percepção dos locais onde encontrariam melhores salários (PORTES; WALTON, 1981).

Desse modo, os estudos desenvolviam-se a partir da necessidade de compreender a maneira pela qual os indivíduos se adaptam à sociedade de chegada a partir de uma polarização entre: sociedade de origem e destino; campo e cidade; desenvolvido e subdesenvolvido; moderno e tradicional. Assim, indivíduos de comunidades tradicionais migram para as cidades modernas, ou indivíduos de países subdesenvolvidos migram para aqueles desenvolvidos (KEARNY, 1986).

O estudo das migrações internacionais de mulheres surgiu na agenda de pesquisas das Ciências Sociais a partir dos anos de 1960, impulsionado pelo esforço de pesquisadoras feministas que introduziram a questão de gênero na maior parte das discussões acadêmicas da

época. Nesse contexto, ganham relevância as influências dos papéis atribuídos às mulheres e da opressão de gênero dentro das migrações internacionais. Mirjana Morakvasic foi uma das pioneiras em abordar a mulher imigrante enquanto trabalhadora, e não somente enquanto acompanhante de sua família (MOROKVASIC, 1984 apud PIZARRO, 2003, p. 50).

A imigrante peruana M.E.³⁹ é exemplo de situação na qual as mulheres tornam-se protagonistas do processo migratório. M.E. chegou ao Brasil no final de 2008, deixando o marido e três filhos em Lima, no Peru. Depois de um ano, conseguiu trazer o restante da família, conforme relata:

Yo vine dejando a mis hijos con un dolor de alma. Yo vine triste, triste. [...] Desde que vine a trabajar en esa casa yo trabajaba desde las siete hasta las tres o dos de la tarde, después almorzaba y dormía una hora. Después me levantaba tomaba la cena como a las siete de la noche y dormía, porque [seus empregadores] no tienen niños de chiquitos, los chicos grandes están en Estados Unidos estudiando. Entonces hacia tranquilo para mí. Durante un año que yo trabajé cama adentro, hasta que traje a mi familia y nosotros vivimos aquí en esta casa hace dos años. Entonces es un sacrificio muy largo, es una situación pesada, sufrí muchas cosas por mis hijos (informação verbal)⁴⁰.

As primeiras tentativas de incluir o gênero nas teorias explicativas das migrações internacionais não tiveram tanta relevância, quase sempre apenas incluíam a variável “mulher”. No que se refere ao marco teórico-histórico-estrutural, procura-se levar em consideração a maneira como homens e mulheres inserem-se no mercado de trabalho, porém, sem pautar as questões relacionadas ao gênero, que ficam assim, subordinadas aos aspectos referentes à classe social. Poucas análises ponderaram sobre a maneira pela qual o gênero incide sobre fatores que influenciam um processo de migração internacional (COURTIS; PACECCA, 2010). Nesse sentido, a autora pondera ser necessário considerar:

la demanda de trabajo en el país de inmigración y la posición específica de la mujer en las esferas de producción y reproducción social dentro del sistema patriarcal que la define en su sociedad de origen (MOROKVASIC, 1983 apud GREGORIO GIL, 1998, p. 29)⁴¹.

Considerar as migrações internacionais levando em conta as relações sociais nos

³⁹ M.E, 34 anos, peruana e trabalhadora doméstica. Entrevista realizada em 11 de março de 2012.

⁴⁰ Entrevista concedida por M.E. **Entrevista IV**, [março, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁴¹ “a demanda por trabalho no país de imigração e a posição específica da mulher nas esferas de produção e reprodução social dentro do sistema patriarcal que a define em sua sociedade de origem.” (MOROKVASIC, 1983 apud GREGORIO GIL, 1998, p. 29, tradução própria).

espaços privados e o trabalho familiar doméstico - socialmente designado às mulheres -, assim como sua relação com o sistema capitalista é o que pretende a “teoria da articulação”. De acordo com essa formulação, o núcleo doméstico é um espaço privilegiado de análise, pois nele se elaboram diferentes formas de interação com o modo de produção econômica e reprodução social. Assim, para o antropólogo Michael Kearny (1986), as migrações internacionais seriam parte das estratégias de sobrevivência do grupo doméstico frente às limitações impostas pelo contexto econômico local.

Nesse contexto, são as mulheres, enquanto trabalhadoras não-assalariadas, que garantem a reprodução social dos lares, permitindo aos trabalhadores dedicarem-se ao mercado de trabalho. Também soma-se a essa conjuntura o fato de essa mão-de-obra se caracterizar como mão-de-obra atrativa para empregadores ávidos por rebaixamento dos custos na contratação.

Women’s work is critical here because they are producers of food and services consumed in the domestic sphere and because they are the bearers of children who become full or part-time workers. It is in the household, the domestic unit, more than anywhere else where gender-specific noncapitalist production and the partial reproduction of capitalists workers occurs. It has been primarily woman anthropologists who have explored these hitherto inadequately appreciated conditions (KEARNY, 1986, p. 348)⁴².

O autor considera necessário focar as análises na multiplicidade de tarefas produtivas e reprodutivas das mulheres, que, por sua vez, estão relacionadas à maneira pela qual se imbricam as atividades das mulheres na economia formal e informal. Da mesma forma, há que se considerar as transformações que o capitalismo recente impõe nas atividades produtivas e seu impacto nas comunidades, na vizinhança e no espaço doméstico. Pois, da incapacidade de sobreviver somente com seus salários, os imigrantes envolvem diversos membros da família e transformam a dinâmica doméstica, participando das atividades ou do circuito da economia informal (KEARNY, 1986).

Segundo Arlie Hochschild (2003), os impactos advindos da brecha entre países ricos e pobres são resolvidos pelas mulheres de maneira privada – ou seja, mudando-se para um emprego mais bem remunerado. Assim, a migração internacional pode ser compreendida como parte das estratégias do grupo doméstico frente às limitações impostas pelo contexto

⁴² “O trabalho das mulheres é crítico aqui, porque são produtoras de alimentos e serviços consumidos na esfera doméstica, e porque elas são geradoras das crianças que tornam-se trabalhadores, mesmo parciais. É no lar, na unidade doméstica, mais do que em nenhum outro lugar, onde a produção não capitalista específica em relação ao gênero e parte da reprodução dos trabalhadores capitalistas ocorre. Têm sido as mulheres antropólogas que exploraram até o momento essas condições específicas” (KEARNY, 1986, p. 348, tradução própria).

socioeconômico, pois é a persistente relação dos imigrantes com seu país de origem e com sua família que garante a manutenção econômica e o funcionamento do grupo doméstico (GREGORIO GIL, 1998).

Nesse sentido, Sassen (2003) complementa que o desemprego multiplica a pressão que se exerce sobre as mulheres para encontrar maneiras de garantir a sobrevivência doméstica.

O protagonismo das mulheres no processo migratório pode ser explicado pelo fato de que as privatizações de serviços estratégicos, como saúde e educação, e o declínio dos gastos públicos sociais em diversos países aumentaram as responsabilidades das mulheres em relação ao trabalho reprodutivo, pois, sendo reconhecidas como responsáveis por zelar pelas necessidades básicas, como socialização, saúde e educação dos integrantes do núcleo doméstico, elas são obrigadas a recompensar o acesso reduzido a esses serviços (CUNHA; FUENTES, 2006).

Más aún, el crecimiento de la economía global ha producido una infraestructura institucional que facilita los desplazamientos a través de las fronteras y representa, de ese modo, un medio ambiente propicio para estos circuitos alternativos. Por tanto, las mujeres son cada vez más el vehículo por el que operan todas estas formas de supervivencia, de lucro y de incremento de los ingresos gubernamentales. A esto podemos agregar el ingreso adicional de los gobiernos a través de los ahorros generados en los severos recortes en el cuidado de la salud y la educación. (...) Se reconoce en general que este tipo de recortes afectan a las mujeres de manera particularmente dura, en la medida en que son las principales responsables de la salud y la educación de los integrantes de la unidad doméstica (SASSEN, 2003, p. 66)⁴³.

A partir de pesquisa realizada com mulheres peruanas, paraguaias e bolivianas na Área Metropolitana de Buenos Aires, Courtis e Pacecca (2010) afirmam que a migração internacional de mulheres se efetua como uma das estratégias familiares, a partir da avaliação das possibilidades de inserção no mercado de trabalho tanto no país de origem como no de destino. Assim, são fatores a se considerar para a análise: a idade em que migram (em sua maioria jovens) e o papel que exercem na família (jovens mães, ou filhas com responsabilidade de pagar seus estudos ou garantir o sustento dos pais). As autoras destacam

⁴³ “Mais ainda, o crescimento da economia global produziu uma infraestrutura institucional que facilita os deslocamentos através das fronteiras e representa, desse modo, um meio ambiente propício para estes circuitos alternativos. Portanto, as mulheres são cada vez mais o veículo pelo qual operam todas estas formas de sobrevivência, de lucro e aumento das receitas governamentais. A isso podemos incluir a receita adicional dos governos através das poupanças geradas nos severos cortes no cuidado da saúde e na educação. (...) Reconhece-se em geral que esse tipo de corte afeta as mulheres de maneira particularmente dura, na medida em que são as principais responsáveis pela saúde e educação dos integrantes da unidade doméstica” (SASSEN, 2003, p. 66, tradução própria).

que as mulheres imigrantes, em geral, têm nos lares de origem outras mulheres assumindo as tarefas que antes eram de sua responsabilidade e, por esse meio, mantém-se o vínculo entre as que partem e as que ficam.

A entrevista com a peruana M.E. ilustra alguns dos aspectos tratados pelas autoras, a ausência de perspectivas de trabalho no país de origem, a decisão de migrar, neste caso, por meio do convite que a tia do marido lhe havia feito, o processo de negociação para deixar os filhos com algum parente no período de sua ausência:

Yo dice a mi esposo, “estoy cansada de verdad, yo trabajo, trabajo y no tengo nada, y estoy envejeciendo y que va ser de nosotros? La vejez es la época más larga de nuestras vidas”. Y él había dicho a su tía, que le comento, “M.E. quiere salir a trabajar”, entonces “Quiere venir?”, “Sí”. “Entonces ya está, que hagan sus documentaciones y en una semana, porque trabajo hay acá”. Me dijo así mi esposo “yo hablé, entré en contacto, te está esperando, yaya”. Y por esto es que vení. Mi familia no me quiso apoyar porque no tenía con quien dejar a mis hijos. Yo le dice a mi esposo “Tú te quedas con los chicos porque no va demorar mucho e yo voy regresar para llevar a los chicos”. Yo le mandaba mensual doscientos dólares. Entonces, para este caso, mi cuñada me ayudó, me apoyó, dijo “está bien, si tu quieres, vayate, medio año, de repente no te acostumbras y te vienes”. Pasó medio año, yo no quería ir (ao Peru). Y ya no... Yo no quería ir, le llamé a mi esposo “tú tienes que venir”, y a la vez se ponía así de bromista, “si tu no viene, no te voy a dar permiso para que se vayan nuestros hijos, conmigo se quedan”. Yo le digo “tú estás loco? Yo me voy a la frontera no más, que me traigan mis hijos a Brasil. Y ahí soy sola, le digo” (informação verbal)⁴⁴.

Estudos apontam que acesso à renda por meio do trabalho e acesso a serviços públicos e sociais de qualidade têm impacto positivo na vida de mulheres imigrantes. Na tentativa de garantir o bem-estar de suas famílias, são as imigrantes que buscam resolver as vulnerabilidades legais de suas famílias e acessar os serviços públicos quando necessário (SASSEN, 2002). M.E. oferece um exemplo da importância do acesso aos serviços públicos, tanto no país de origem, como de destino:

Me vine aquí porque era más fácil la situación de trabajo. Probar suerte. Porque mi esposo sufre de la columna, y estando allá en mi propio país de repente no conseguía poder ayudar a mis hijos, porque la salud es costosa. Aquí no es tanto, porque gracias al gobierno, por más que seamos ilegales, nos acogen. Entonces él (o marido) has hecho placa, hizo la resonancia magnética, fisioterapia (...) Se hizo por el hospital Pirajussara, está por Taboão⁴⁵. Acupuntura también se hizo, todas esas cosas. Entonces ya estamos a

⁴⁴ Entrevista concedida por M.E. **Entrevista IV**, [março, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁴⁵ Hospital Geral de Pirajussara, na cidade Taboão da Serra, ao sul da região metropolitana de São Paulo, próxima ao bairro onde M.E. vive, Paraisópolis.

trabajar con el neurocirujano. [...] Se hace el tratamiento en las Clínicas⁴⁶, para alergia (informação verbal)⁴⁷.

As mulheres imigrantes assumem grande protagonismo na busca pelos serviços públicos e sociais (escola, clínicas de saúde, polícia, ...), a fim de garantirem o bem-estar dos membros do lar. Quando questionada se ela ou sua família haviam necessitado usar algum serviço de saúde no Brasil e qual sua percepção sobre o atendimento e serviço, D.M. responde:

En mi caso hay veces que me duele a mi hueso [risas]. Esas cosas, por ejemplo, papanicolau. Cosas así. Pero es bueno. Voy al SUS, no más. [...] Siempre es mejor aquí otra vez. Hasta mi hermana que tiene problema de cáncer, ella viene acá (ao Brasil) y hace sus tratamientos a cada seis meses. Esta es la que está con mi mamá ahora. Y todo le cuida bien, le dan atención. [...] Entonces ella, para no gastar tanto, hacia todos sus estudios o exámenes después se va [ao Paraguai], seis meses viene otra vez [ao Brasil] (informação verbal)⁴⁸.

Nas últimas décadas, a principal característica das migrações internacionais na América Latina e no Caribe é o aumento do número de mulheres envolvidas nos deslocamentos intraregionais (PIZARRO, 2003). Na América do Sul, o destino prioritário são os países mais desenvolvidos e com mais oportunidades de trabalho, como Argentina, Brasil e Chile. Tendo como campo de pesquisa a cidade de São Paulo, no tópico seguinte, busca-se dar visibilidade às trajetórias de mulheres imigrantes, assim como seus objetivos, as redes que são ativadas por elas e as relações sociais implicadas nesse processo, tanto no país de origem como no de destino.

2.3. Destino: Brasil – trajetórias entre o trabalho doméstico e a costura

Ao considerar-se o núcleo doméstico na análise das migrações internacionais, é possível ir além dos fatores macroeconômicos e incorporar as motivações das mulheres a partir de seu país de origem, por exemplo, a busca por uma maior autonomia. Em sua pesquisa sobre a imigração de bolivianos para a cidade de São Paulo, Silva (1995) relata que a

⁴⁶ Hospital das Clínicas, zona oeste da cidade de São Paulo.

⁴⁷ Entrevista concedida por M.E. **Entrevista IV**, [março, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁴⁸ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

decisão de migrar desses indivíduos, em geral, é permeada pela necessidade de ajudar a família no país de origem, tendo a mulher imigrante uma grande participação nesse projeto de sustento familiar, tornando-se ela, muitas vezes, a principal protagonista para atingir tal objetivo. Conforme relatou M.⁴⁹: “Vine con la intención de ayudar a mis familiares que están en Paraguay (...) mensualmente ayudar a mi familia” (informação verbal)⁵⁰.

A partir do conhecimento das diferentes trajetórias de vida de homens e mulheres imigrantes, pode-se analisar a contribuição socialmente invisível delas para a manutenção econômica do núcleo doméstico, tanto no país de origem como no de destino. Olhar para o núcleo doméstico significa analisar os diversos membros que o constituem, pensar de que maneira é determinada a posição de cada um nas tarefas de produção econômica e reprodução social do grupo e quais as relações de poder ali implicadas. O relato da paraguaia D.M. ilustra essa situação. Quando questionada sobre quais os seus objetivos e os dos demais imigrantes latino-americanos no Brasil, ela responde:

Como te digo mi mamá es sola, después de separar de mi papá, era para ayudar a ella, le ayudé mucho (...) para que no le falte nada. (...) Cuando uno viene acá, viene a juntar (dinheiro). Uno siempre quiere una casa, entiendes? Quieren vivir bien. Pagar alquiler no es tranquilidad para nadie (informação verbal)⁵¹.

A boliviana A.⁵² chegou ao Brasil em fevereiro de 2013. Ao esclarecer seu processo de decisão para a vinda ao Brasil, relata a situação na qual vivia sua família na Bolívia:

Somos cuatro hermanos. Una estaba en la universidad y nosotros en el colegio. Mi mama se separo, salimos de la casa sin nada, unos bienes materiales, ropa. Y empezamos del cero. Alquilamos cuarto, compramos cama, cocina, empezamos del cero, mi mama sola. Al ver esto, yo me puse a trabajar en el mercado, trabajar para la gente y ayudar para mis estudios. Porque era mucho para mi pagar 4 hijos. Mi papa, después que se separaron, no nos ayudó en nada. Se alejó. Y ahí fui independiente. Ya no rendía cuentas a mi mama. Y así salí al bachiller, porque yo quería entrar a la universidad y estudiar la carrera de comunicación. Después, me embarace de mi hijo y se acabó. Se echó todo mi esfuerzo a la basura. Aparte, mi

⁴⁹ M., 22 anos, paraguaia, empregada doméstica. Entrevista realizada em 10 de março de 2012.

⁵⁰ Entrevista concedida por M. **Entrevista VI**, [março, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁵¹ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁵² A., 20 anos, boliviana, trabalhadora doméstica. Entrevista realizada em 10 de março de 2013.

sobrinito...La madre de mi sobrino, mi cuñada, se fue a la Argentina y le dejo a mí. Yo tenía 18 años, ya trabajaba y estudiaba. Entonces dije, hace un año ya no estudio. Yo pagaba los gastos míos, del sobrino y... Por esto opte por venir, porque sola no me alcanzaba nada (informação verbal)⁵³.

Para poder colaborar com o sustento da mãe, do sobrinho e do filho que chegara inesperadamente, A. mudou para uma cidade próxima, onde viviam seus tios. Desse modo, poderia trabalhar e ganhar mais. Sua rotina de trabalho começava às quatro ou cinco da manhã, trabalhando no mercado em que vendia carne fresca, e ali ficava até o meio-dia, depois almoçava e ia para sua casa. Além disso, tinha outro emprego como caixa em uma lanchonete. Seu horário de trabalho era das quatro da tarde até a meia-noite e meia. Como morava longe do centro, tinha receio de voltar para a casa e dormir, então preferia ir direto ao mercado, onde começava novamente sua rotina de trabalho. Por um ano, A. viveu essa rotina, porém, o que ganhava não era suficiente para seu objetivo maior: cursar a faculdade de comunicação. A falta de tempo, esclarece, também era um dos motivos pelos quais seu filho vivia em outra cidade, com a mãe dela, pois quem cuidaria dele?

Na cidade de São Paulo, as mulheres imigrantes latino-americanas estão inseridas no setor das confecções, assim como no setor de serviços, em especial como trabalhadoras domésticas. Em relação ao trabalho doméstico, muitas das imigrantes encontram no Brasil condições de trabalho diferentes das vividas pelas brasileiras.

No Brasil, A. trabalha em uma oficina de costura, não como costureira, mas cuidando dos afazeres domésticos, da alimentação de todos que vivem ali, limpeza da casa e das três crianças, filhas dos proprietários bolivianos. Quando termina as tarefas domésticas, a entrevistada ainda se ocupa de algum serviço na oficina.

Mi trabajo es súper amargo, cansador. Me levanto a las siete, me baño, tengo que hacer desayuno para ocho personas. Y tres niños. En general casi diez personas. [...] [Es] Un departamento de tres cuarto, baño, sala y cocina. Diez personas viven. Levantar, hacer desayuno, limpiar la cocina, la sala, el baño, el cuarto de los niños, sacar la basura. Como desayunamos tarde y la niña va al colegio y demora para comer, tengo que empezar a cocinar a las nueve de la mañana. Ni bien termino de desayunar, cocino. Hasta las 11hs. Me sirvo. Las dos que coman, las dos que se bañan y las visto para el colegio que empieza hasta que si hacen las 12hs. Las tengo que traer al colegio, caminando ida y vuelta. Unas ocho nueve cuadras que tengo que caminar. Ida y vuelta al colegio. En pleno sol. Llegar, almorzar a la una y media, hago todo el servicio, vuelvo a limpiar la cocina, la sala. Como ellos confeccionan cinturones, les ayudo también a confeccionar. Tomo el encargo del niño más

⁵³ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

pequeno (informação verbal)⁵⁴.

A entrevistada reclama da rigidez com que os patrões tratam tanto ela como os demais empregados:

No nos dejan ni hablar, se molestan cuando uno habla, cuando queremos conversar, así que... Todos tenemos que estar callados. No mirarnos, porque si nos miramos y nos reímos de las caras, es terrible. Después voy y las recojo (as crianças na escola), a las cinco, vuelvo y hacer la cena. Tengo que hacer la cena, me sirvo, vuelvo a limpiar todo, para dejar todo limpio. Y ahí nos sentamos a mirar la tele, las noticias y ahí cada quien que se vaya a descansar, ya se hacen las nueve o diez y a esta hora nos echamos a descansar porque hasta que uno se baña... (...) Hago eso todo el día. Eso no entiendo porque. Explotan total, porque todos los trabajos aquí son hasta medio día, en cambio yo tengo que hacer los sábados. Y los sábados es cuando hasta más tarde nos tienen porque nos dicen "ustedes no trabajan el domingo así que sigan haciendo" y seguimos. Teniendo que ayudar a confeccionar. Parece que quieren que trabajemos hasta domingo, porque se molestan a los que salimos (informação verbal)⁵⁵.

M. tem 22 anos, é paraguaia e chegou ao Brasil no início de 2011, a convite de uma amiga, também paraguaia, que já estava trabalhando como empregada doméstica em uma casa de família. M. trabalhou como empregada doméstica em duas casas de família no Itaim Bibi, bairro nobre na zona sul de São Paulo, onde também dormia. Sua jornada de trabalho começava quando despertava e só terminava altas horas da noite. No primeiro emprego, tinha uma folga por mês e ganhava seiscentos reais. Nesse local, emitiram seu passaporte. “Por motivos de segurança” foi a justificativa dada a M. pelos patrões. Em seu segundo emprego, na casa de família de uma advogada, as condições de trabalho foram semelhantes, porém M. tinha duas folgas por mês, ao invés de uma.

Após quase um ano de trabalho no Brasil, M. percebeu que brasileiras com as mesmas funções tinham melhores salários e melhores condições de trabalho. Decidiu então pedir um aumento de salário. Sua empregadora lhe disse que a situação financeira estava muito difícil e que não poderia aumentar o valor do salário. Ao responder que não aceitaria trabalhar mais naquelas condições, sua patroa a ameaçou, dizendo que M. estava irregular no Brasil e que poderia denunciá-la à polícia. No fim de semana seguinte, aproveitando que a advogada se ausentava para viajar à praia, M. abandonou a casa sem receber seu salário.

⁵⁴ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

⁵⁵ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

O primeiro trabalho que G., 23 anos, paraguaia e secretária, encontrou no Brasil foi semelhante ao relatado acima. Como empregada doméstica, G. trabalhava na casa de uma família de coreanos, onde também dormia. No entanto, estava insatisfeita, pois para sair precisava pedir permissão. A porta de saída era aberta por meio de uma senha, cujo código G. não conhecia. Assim, G. podia sair somente com autorização dos empregadores, que, segundo ela, eram muito desconfiados e sempre revistavam seu quarto quando ela não estava.

A situação em que G. vivia em seu país de origem permite compreender melhor as motivações da vinda ao Brasil. Sem condições econômicas de financiar seus estudos, tendo que cuidar de seus sobrinhos e com problemas de relacionamento com seu padrasto:

Estudié por un año y medio psicología, pero no tenía condiciones económicas de pagar a mi facultad. [...] Me quedé sin trabajo, no conseguía ningún trabajo, lo poco que conseguía era muy mal remunerado, pagaba muy poco. La ex- mujer de mi hermano, que es la madre de mis sobrinos, vino a Brasil (informação verbal)⁵⁶.

O irmão mais velho de G. divorciou-se e, deixando sua ex-esposa responsável por cuidar e sustentar seus dois filhos (sobrinhos de G.), sem condições de manter a família, decidiu vir ao Brasil. Chegando aqui, pediu a G. que cuidasse de seus filhos, enviando, do Brasil, o dinheiro necessário para a manutenção de todos.

Ella vino acá y enviaba el equivalente a cien reales, era muy poco, no daba para las dos criaturas. Después yo me quedé dos años con las criaturas y vi que no estaba haciendo nada de mi vida, no podía trabajar porque alguien tenía que quedar con las criaturas, mi mamá no quería ser responsable porque tiene su marido también. [...] El marido de ella era muy rígido con nosotros. Después surgió una oportunidad, en un fin de año se fue [a Paraguai] la mamá de mis sobrinos e yo peleaba mucho con mi padrasto y me mamá le había dicho a ella [cunhada] que me traiga secretamente para apaciguar un poco. [...] Después yo pensé así, no tenía nada en Paraguay, no tenía dinero, no tenía ni ropa y “¿qué voy hacer de mi vida? Tengo 21 años”, y no estaba haciendo nada (informação verbal)⁵⁷.

No Paraguai, G. tinha um namorado que vivia em seu bairro, com quem mantinha uma relação conflitiva:

⁵⁶ Entrevista concedida por G. **Entrevista VII**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁵⁷ Entrevista concedida por G. **Entrevista VII**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Yo estaba con un muchacho, él era muy borracho, muy bebado. Una vez estaba mi ex-cuñada en casa para el fin de año e ele começou a xingar ela. [...] Minha mãe falou para ele ir embora e ele começou a xingar minha mãe, aí ele começou a xingar meu irmão e todo mundo, foi uma briga horrível. E eu comeci a pensar que esse não era o tipo de jovem com quem eu queria estar, se ele era assim com mi família, imagina comigo. La única forma para separar de él sería ir para lejos, porque él vivía cerca de mi casa (informação verbal)⁵⁸.

Após a decisão de partir para o Brasil, esse mesmo namorado, ao qual ela chama de “bêbado”, lhe aconselha:

“Ándate [...] acá nunca va hacer nada, lo único que va a pasar con vos es agarrar tres o cuatro hijos [...]”. Y ahí yo me agarré con eso. Me entró en la cabeza de que lo único que voy a conseguir acá es tener hijo y nada, ser una pobre más acá en este barrio (informação verbal)⁵⁹.

Por meio de sua experiência familiar, G. critica os privilégios dos homens no Paraguai:

Mi mamá no exige a mi hermano. Mi hermano no da nada de dinero, nada mesmo. [A mãe] Exige a mi cuñada y a mí, cualquier cosa que falta, llámanos. [...] Mi mamá dice “pobrecito tu hermano, no tiene dinero”. [...] Yo pienso que es por la cultura machista que hay ahí en Paraguay, porque siempre se da la prioridad al hombre. Si yo empiezo a reclamar ella dice [a mãe] “Ustedes viven en Brasil, y ustedes tal cosa y tal cosa”. Ella nunca dice “mi hijo vive ahí a la vuelta y no es capaz de traerme el equivalente a diez reales”. Yo me peleé un poco con ella, yo le digo “vos tenés que exigir la parte de él” porque cualquier cosa ella dice “pobrecito, pobrecito”. Yo le digo a ella “vos no sabes lo que pasamos acá, no es que nosotros nos sentamos y pasamos a comer azúcar al leche todo el día, nosotros también tenemos que batallar acá”⁶⁰.

No Paraguai, M.⁶¹ também deixou sua família, nesse caso, os pais e um filho. Antes de ter seu filho, M. trabalhava como babá. Após separar-se do marido, não tinha perspectivas de trabalho. Seu ex-marido, que trabalha na madeireira da família, usando como justificativa o fato de que M. não poderia sustentar o filho - que atualmente tem cinco anos - não permitiu

⁵⁸ Entrevista concedida por G. **Entrevista VII**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁵⁹ Entrevista concedida por G. **Entrevista VII**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁶⁰ Entrevista concedida por G. **Entrevista VII**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁶¹ M., 22 anos, paraguaia, trabalhadora doméstica. Entrevista realizada em 10 de março de 2012.

que ela ficasse com o menino, tampouco mantivesse contato por telefone. Segundo a entrevistada, os homens no Paraguai são “ignorantes”. Quando decidiu se separar, o então marido ameaçou matá-la, matar o filho e depois se suicidar.

A trajetória da boliviana N.⁶² ilustra o peso dos conflitos familiares no processo de migração internacional. Na Bolívia, N. vivia com sua mãe, padrasto e irmã mais nova. Devido à situação conflituosa que tinha com o padrasto, sua mãe lhe pediu que viesse ao Brasil com seus tios, que montaram uma oficina de costura na cidade de São Paulo. Na ocasião, N. tinha apenas doze anos:

Por el problema de mi padrasto. Que no me llevaba bien. Mis tíos estaban viniendo aquí y me dijeron vamos. Esto era un problema grave allá. Yo tenía mi hermanita. Mi mamá tuvo dos hijas con mi papá ya fallecido. Entonces como que no nos llevábamos bien con él. Entonces una tenía que salir. Yo tuve que salir, yo era la hija mayor de mi mamá (informação verbal)⁶³.

No Brasil, N. não podia estudar, pois, segundo ela, trabalhava-se muito: das oito da manhã até a meia-noite. Vivendo com os tios em sua oficina de costura, a entrevistada tinha a função de cuidar de seus primos mais novos. Depois de um tempo, começou a realizar outros serviços como empacotadora e passadeira. Nesse período, ela conta que ganhava apenas cinquenta reais por mês, os quais usava para comprar pequenas guloseimas. Com dezesseis anos, N. engravidou, casou-se e, por insistência do marido, também boliviano, foram viver na Bolívia. Seu marido decidiu ir trabalhar na Espanha, com o compromisso de enviar dinheiro mensalmente para a esposa, grávida novamente, e para a filha. No entanto, após dois meses, deixou de cumprir com o acordo, e N. descobriu que ele se relacionava com outra mulher. Então separaram-se, e a boliviana passou a trabalhar como vendedora, como empregada doméstica, e até mesmo na creche onde deixava seus filhos, pois, segundo ela, assim podia estar mais perto deles. A dificuldade em sustentar os filhos fez com que resolvesse deixá-los aos cuidados do ex-marido. Decidiu vir novamente ao Brasil, sem avisá-lo, gerando um conflito que ainda não conseguiu resolver:

Me está chantajeando. Todo el año me ha chantajeado. Han pasado muchas cosas este año. Que yo no quería, nadie quería. Pero a mí me ha pasado. Y es por esto que después de mucho acuerdo hemos decidido que él (o marido) los tenga (os filhos), y él se ha comprometido a velar por ellos, darles educación, ropa, todo, y él se ha comprometido. Con la idea de que yo me quede en Cochabamba y él en La Paz. Y entonces... La Paz... Hemos decidido... He intentado, pero yo quería algo para mí, pero también para ellos [os filhos], no me abastecía. Ahí he decidido

⁶² N., 27 anos, boliviana, costureira. Entrevista realizada em 03 de março de 2013.

⁶³ Entrevista concedida por N. **Entrevista VIII**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

venirme aquí. Por eso. Y... él no sabía, nadie sabía que había venido aquí. Se ha enterado de que yo había venido aquí y me ha empezado a chantajear mucho, yo quería hablar con ellos, mis hijos, y me ha dicho, "si quieres hablar, me manda dinero, si no, no hablas, no sabes nada de ellos". Hasta ahora estoy sufriendo esto. Ayer tenía que hablar, no me permitió hablar. Incluso en el fin de semana le he mandado dinero y no me ha dejado. Entonces...No sé qué hacer (informação verbal)⁶⁴.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa ratificam a afirmação de Courtis e Pacecca (2010) de que as mulheres decidem realizar sua migração ao considerar as restrições econômicas impostas quando assumem a criação de seus filhos: baixos salários, desemprego, ausência de serviços públicos sociais e educacionais que lhes apoiem. Em grande parte, as mulheres protagonizam as migrações internacionais quando se encontram em situação de terem que assumir sozinhas o sustento dos filhos e da família. Esses fatores pesam na atitude, que aparentemente parecem revelar independência e protagonismo, quando na verdade elas se encontram envolvidas em contextos de separação, violência, conflito conjugal e familiar, nos quais não encontram mais alternativas de negociação ou apoio dos serviços sociais e da comunidade nos locais de origem.

Referindo-se ao trabalho doméstico e cuidado com as crianças, as autoras Ehrenreich e Hochschild (2003) apontam que o aumento da mão-de-obra feminina assalariada não contribuiu para que os homens assumissem sua parte no trabalho doméstico. Os arranjos entre mulheres para realizarem o trabalho doméstico omite o papel que cabe aos homens em suas responsabilidades com o cuidado dos filhos e de sua casa: "So, strictly speaking, the presence of immigrant nannies does not enable affluent woman to enter to the workforce; it enables affluent men to continue avoiding the second shift" (EHRENREICH, HOCHSCHILD, 2003, p. 9)⁶⁵.

⁶⁴ Entrevista concedida por N. **Entrevista VIII**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

⁶⁵ "Então, falando estritamente, a presença das babás imigrantes não possibilita que mulheres influentes entrem para o mercado de trabalho; permite que homens influentes continuem evitando uma segunda jornada" (EHRENREICH, HOCHSCHILD, 2003, p.9, tradução própria).

3. A indústria de confecção no Brasil e as migrações internacionais

Nos últimos anos, foram relatados pela mídia brasileira casos de trabalho escravo na indústria da confecção em São Paulo: imigrantes contratados na Bolívia e no Peru dedicavam-se a intensas jornadas⁶⁶, dormiam e comiam no mesmo local de trabalho e precisavam pedir autorização ao dono da oficina para sair desse lugar. Os trabalhadores costuravam peças da marca Zara e recebiam cerca de dois reais por peça. O dono da oficina recebia sete reais, enquanto nas lojas da rede a mesma peça era vendida a cento e trinta e nove reais.

Em ação da Superintendência Regional do Trabalho, órgão ligado ao Ministério do Trabalho e Emprego, foi encontrada⁶⁷ uma oficina de costura na Zona Norte da capital paulista que costurava peças de roupa da marca Marisa. O dono da oficina era um boliviano, e nenhum trabalhador possuía carteira assinada. Segue trecho da reportagem:

Vários problemas graves no campo de saúde e segurança do trabalho também foram detectados. As instalações elétricas estavam completamente irregulares. Os extintores, com a carga vencida, ficavam ao lado de tecidos amontoados, com alto risco de incêndio. Cadeiras não respeitavam padrões mínimos de qualidade. Uma criança, filha de uma das operárias, estava exposta a acidentes com o maquinário. As jornadas de trabalho começavam às 7h e chegavam a se estender até às 21h. (...) Os alojamentos também não seguiam normas básicas. Em apenas um cômodo mal iluminado nos fundos de um dos imóveis, construído para ser uma cozinha sete pessoas dormiam em três beliches e uma cama avulsa. Infiltrações, umidade excessiva, falta de circulação de ar, mau cheiro e banheiros precários completavam o cenário de incorreções. Não havia separação adequada das diversas famílias alojadas na mesma construção (Repórter Brasil, 17 de março de 2010).

Nas ações do Ministério do Trabalho e Emprego, entre 2010 e 2011, também foram encontradas oficinas de costura em que trabalhadores foram identificados em condições consideradas análogas à escravidão. Nessas oficinas, os imigrantes latino-americanos costuravam peças de marcas vendidas nas lojas da rede Pernambucanas. Em abril de 2012, ocorreu o primeiro caso de ação civil pública, e a rede foi autuada pelo Ministério Público do Trabalho por trabalho escravo urbano⁶⁸ - no qual a empresa é responsabilizada por sua cadeia produtiva e pelas condições de trabalho encontradas nas oficinas de costura.

As empresas envolvidas nos casos citados negaram o conhecimento dessas relações de

⁶⁶ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/08/17/flagrantes-mostram-roupas-da-zara-sendo-fabricadas-por-escravos.htm>. Consultado em 29 de março de 2012.

⁶⁷ <http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=1714>. Consultado em 29 de março de 2012.

⁶⁸ <http://www.reporterbrasil.com.br/exibe.php?id=2017>. Consultado em 02 de abril de 2012.

trabalho e a manutenção de qualquer tipo de vínculo com trabalhadores estrangeiros nas situações descritas acima, isentando-se assim das responsabilidades diretas ou indiretas. No caso da rede de lojas Pernambucanas, a nota divulgada em abril de 2012, relativa às oficinas de costura onde foram encontradas peças vendidas em suas lojas, afirma que: “Os fornecedores da Pernambucanas provêm mercadorias e não serviços, como tenta fazer crer a autoridade, que deseja caracterizar a empresa, tradicional varejista há mais de um século em atividade, como empresa industrial” (Nota de Esclarecimento – Pernambucanas; Fonte: Repórter Brasil)⁶⁹.

Em março de 2013, uma nova ação do Ministério Público do Trabalho resultou em flagrante de uma oficina de costura em que trabalhadores bolivianos estavam submetidos a condições análogas à escravidão. Segundo reportagem⁷⁰, a oficina de costura recebia encomendas de uma empresa chamada Silobay, a qual, por sua vez, repassava as peças para a empresa GEP:

Fiscalização realizada nesta terça-feira, 19, resultou na libertação de 28 costureiros bolivianos de condições análogas às de escravos em uma oficina clandestina na zona leste de São Paulo. Submetidos a condições degradantes, jornadas exaustivas e servidão por dívida, eles produziam peças para a empresa GEP, que é formada pelas marcas Emme, Cori e Luigi Bertolli, e que pertence ao grupo que representa a grife internacional GAP no Brasil. O resgate foi resultado de uma investigação de mais de dois meses, na qual trabalharam juntos Ministério Público do Trabalho (MPT), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Receita Federal. A Repórter Brasil acompanhou o flagrante. Foram encontradas peças das marcas Emme e Luigi Bertolli. A fiscalização aconteceu na mesma semana que a São Paulo Fashion Week, principal evento de moda da capital paulista (Repórter Brasil, 22 de março de 2013).

Em nota pública⁷¹, a GEP repudiou a prática de trabalho irregular e responsabilizou seus fornecedores pela situação. A empresa afirmou ter sido surpreendida e desconhecer as condições de trabalho encontradas pelo Ministério Público do Trabalho. Segundo a reportagem da ONG Repórter Brasil, não é a primeira vez que a empresa GEP envolve-se em denúncias de exploração de trabalho considerado análogo à escravidão. Em 2007, na Índia, crianças de até dez anos foram encontradas produzindo peças de marca de roupa da empresa.

De tempos em tempos, notícias como essa ganham as manchetes dos jornais e a comoção do grande público. No entanto, os mecanismos da cadeia produtiva da indústria da

⁶⁹ <http://www.reporterbrasil.org.br/conteudo.php?id=153>. Consultado em 03 de abril de 2012.

⁷⁰ <http://reporterbrasil.org.br/2013/03/fiscais-flagram-escravidao-envolvendo-grupo-que-representa-a-gap-no-brasil/#comment-7305>. Consulta realizada em 31 de março de 2013.

⁷¹ <http://reporterbrasil.org.br/2013/03/comunicado-a-imprensa-do-grupo-gep/>. Consulta realizada em 31 de março de 2013.

confeção permanecem e, apesar das multas do Ministério Público aplicadas às empresas⁷², não há qualquer proposta de transformação e nenhuma proposta de política industrial efetiva para o setor (LEITE, 2004).

Por outro lado, relatos como os acima citados, com a presença de imigrantes trabalhando exaustivamente em oficinas de costura a partir de amplas redes de subcontratação, não são exclusividade da cidade de São Paulo. Nos grandes centros urbanos, como Paris, Madri, Nova Iorque, onde os imigrantes chegam de todos os continentes (SASSEN, 2003), assim como na América Latina, em cidades como Buenos Aires, na Argentina, e Santiago, no Chile, também foram cenário desse tipo de prática (RIZEK; GEORGES; SILVA, 2010; FREITAS, 2010).

Saskia Sassen (2002) aponta que o atual processo de globalização deu novas condições e uma dinâmica própria à migração internacional. Segundo a autora, a análise da migração internacional tem inserida em sua dinâmica dois novos componentes: a cidade global e a miséria dos países do Sul. As cidades globais são aquelas que contêm alto grau de concentração de recursos-chave da economia internacional, e cujas atividades implicam em uma demanda por profissionais qualificados, empregados em postos de gerência e coordenação, e muito bem pagos.

Nas grandes cidades, assim como em São Paulo, a globalização gerou uma grande demanda por trabalhadores com baixos salários e poucos benefícios sociais, em situações de informalidade e preenchendo os postos de trabalho que oferecem quase nenhuma possibilidade de ascensão. Afinal, os profissionais que ocupam altos postos de trabalho em grandes empresas precisam de alguém que lhes faça a faxina, consertem seus aparelhos eletrônicos e levem seus filhos à escola (SASSEN, 2002).

A demanda das empresas e o estilo de vida desses altos profissionais provoca a necessidade específica de trabalhadores - mulheres e imigrantes - com baixos salários, como podemos observar no caso da indústria da confecção na cidade de São Paulo (SASSEN, 2002).

Analisando o caso da indústria de confecção em São Paulo, Silva (2008) explica a relação entre terceirização e trabalho informal. As tarefas antes realizadas dentro de fábricas, por um número determinado de funcionários, atualmente são executadas por inúmeras empresas, as quais, por sua vez, são capazes de negociar com atores que vão desde

⁷² <http://blogs.estadao.com.br/jt-seu-bolso/mp-da-%E2%80%98desconto%E2%80%99-de-80-na-multa-da-zara-por-trabalho-escravo/>. Consulta realizada em 29 de março de 2012.

corporações globais a pequenas empresas - que operam inclusive através de redes de vizinhança ou unidades familiares. As terceirizações têm sido uma das estratégias na gestão da mão-de-obra desse ramo, o que tem significado o crescimento da utilização de trabalho informal nas atividades produtivas, neste caso, no setor da costura (LEITE, 2004).

De acordo com etnografia realizada por Silva (1995), os imigrantes bolivianos que trabalham no setor da costura na cidade de São Paulo são jovens, solteiros, com baixo nível de escolaridade - nível, no caso das mulheres, inferior ao dos homens. O local de residência dos imigrantes na cidade de São Paulo segue a localização das antigas fábricas da confecção. Ou seja, nos bairros do Brás, Bom Retiro, Pari, Canindé e Belenzinho. Nessas regiões permaneceram as pequenas fábricas de costura (popularmente conhecidas como oficinas de costura). Porém, nos últimos anos, houve um aumento dessas oficinas nas zonas Norte e Leste da cidade de São Paulo, assim como na cidade de Guarulhos, em específico, no Bairro Pimentas.

No Brasil, durante a década de 1990, como consequência da reestruturação produtiva, houve um aprofundamento da informalização do trabalho em quase todos os setores da atividade econômica, cujas implicações mais imediatas foram o corte de pessoal e a terceirização de atividades. Durante essa década, a perda do dinamismo do setor industrial como responsável pela geração de empregos aumentou a participação do setor terciário na taxa de ocupação total, porém, a característica marcante desse setor foi a precarização das ocupações geradas em termos de estabilidade e segurança, com baixa remuneração e crescimento do emprego informal (LEONE, 2010).

Esse projeto de reestruturação surgiu na década de 1970, como alternativa ao modelo de produção padrão utilizado após a Segunda Guerra Mundial, em que o processo de produção baseava-se em uma padronização de produtos para o consumo em massa. Na estrutura organizacional das empresas, esse modelo significa um gerenciamento hierárquico, com grande quantidade de empregados controlados e fiscalizados por um número reduzidos de gerentes.

A terceirização é parte das estratégias de reestruturação da produção, e está envolta em um discurso de inovação e modernidade como forma de redução dos custos da produção, criando arranjos para a externalização de partes do processo produtivo para outras empresas. As empresas capazes de trabalhar em um alto ritmo de produtividade, com custos reduzidos de mão-de-obra, tornaram-se sinônimo de eficiência. Essa externalização e fragmentação das etapas do processo produtivo representaram, no Brasil: precarização das relações de trabalho,

aumento da jornada, redução de salário, diminuição das contratações e informalidade. Nesse contexto, o que anteriormente era considerado trabalho formal passa a assumir diferentes formas, como o trabalho autônomo, de cooperativas, terceirizado e em domicílio.

As ocupações informais⁷³ são consideradas aquelas sem registro em carteira, e nas quais o empregado é privado de condições básicas de trabalho e proteção social, ou seja, não há contrato formal entre as partes: o trabalhador individual e empregador.

Associam-se às atividades informais características como indefinição dos locais de trabalho, condições de trabalho que não garantem saúde nem segurança, baixos níveis de qualificação e de produtividade, rendimentos baixos e irregulares, longas jornadas de trabalho, falta de acesso à informação, aos mercados, ao financiamento, à formação, à tecnologia. Essa diversidade de situações adversas que atinge aos trabalhadores informais induz, muitas vezes, ao uso dos conceitos de precariedade, subemprego e informalidade como sinônimos. Muitas vezes a associação entre informalidade e ilegalidade também está presente nos estudos sobre o tema (LEONE, 2010, p.9).

De acordo com Silva (2008), as empresas do ramo do vestuário, buscando acompanhar as oscilações do mercado e as tendências da moda, externalizaram as etapas de produção em que se fazia maior uso de mão-de-obra, em especial a costura. A cadeia de produção da indústria da confecção é extensa, envolvendo múltiplos atores, desde negociantes a trabalhadores de diversas localidades.

Esse cenário permite apontar a articulação entre o trabalho precário e um padrão migratório de latino-americanos, especialmente paraguaios e bolivianos, com destino às grandes metrópoles no Brasil (São Paulo) e na Argentina (Buenos Aires). A partir de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo Rizek, Goerges e Silva (2010) encontraram semelhanças nas características da migração de bolivianos com destino a Buenos Aires e a São Paulo, pois trata-se de uma migração que passa pela articulação das redes de familiares no país de destino para se conseguir emprego e moradia. Da mesma maneira, o processo de reestruturação produtiva pelo qual passou o setor das confecções em ambos os países foi semelhante, e está relacionado com a entrada de empresários coreanos e trabalhadores bolivianos no ramo da costura realizada em domicílio e que envolve redes familiares. Em ambos os países, trata-se

⁷³ Trabalho formal é aquele no qual existe contrato entre empregador e empregado, por meio da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ou pelo Estatuto do Servidor Público. A CLT foi estabelecida em 1943 e regula sobre as relações de trabalho, definindo: salário mínimo, jornada de trabalho, férias anuais, entre outros. Trabalho formal no Brasil é sinônimo de carteira assinada. Em 2002, a Conferência Internacional do Trabalho considerou informais todos aqueles trabalhadores cuja relação de emprego não esteja sujeita à legislação trabalhista ou sobre as leis de impostos e proteção social (LEONE, 2010).

de uma população jovem, com baixo nível de qualificação⁷⁴.

Nesta pesquisa, o percurso de migração envolvendo a Argentina e Brasil foi mencionado nos relatos tanto de bolivianos como de paraguaios. A paraguaia D.M. atualmente é costureira e dona-de-casa, e chegou ao Brasil convidada por seu patrão, que era coreano. Entretanto, antes disso, foi para a Argentina, juntamente com sua irmã, para trabalharem com costura. Anos depois, tornou-se proprietária de uma oficina de costura no Brasil e, juntamente com o marido e com os filhos, passou um período na Argentina atuando no mesmo setor:

Primeramente, cuando probamos yo me fui a Argentina, con una prima, a trabajar un año, y justo esta época era la guerra. Era muy feo eso. Nos quedamos prácticamente sin pasaje, sin nada. Ahí, socorro, para la familia (risas). Ahí volví a Paraguay. Ahí comenzamos a trabajar otra vez en Asunción, en la capital, de Caacupé. Y ahí... que le conocimos a este señor que nos trajo (a Brasil). Después, volvimos otra vez con mi marido, después de casada, ahí nació mi nena. Trabajo mucho tiempo ahí mi marido. Pero nunca, no me gustó tanto Argentina como acá. Hablan español también. Pero ellos no son así amorosos como los brasileños. Los brasileños cuando te quieren y te aprecian no hay nada que hacer. Pero ellos no. Ellos te demuestran que como si fuera ellos tan mas altos que vos, entiende? Y no son así. Yo mucho más me quiero acá a los brasileños que a los argentinos. A pesar que ella nació ahí, pero... (...) Ahí yo trabajaba también. (...) Siempre en costura. En Paraguay, en Argentina, siempre (informação verbal)⁷⁵.

A irmã de D.M. também trabalha com costura, vive na Argentina e acabou casando-se com um argentino. Essa irmã atualmente tem um problema de saúde e, para tratar-se, vem ao Brasil.

Na Argentina, o processo de terceirização da produção do setor das confecções formou uma cadeia semelhante à existente em São Paulo, que conduz até as pequenas oficinas de costura, nas quais 80% dos trabalhadores não têm contrato de trabalho. Segundo Rizek, Georges e Silva (2010), existem aproximadamente 10 mil *talleres* de costura, concentradas em Buenos Aires. No setor, encontra-se 90% de trabalho informal, que constantemente ganha manchetes na imprensa de Buenos Aires devido aos trabalhadores imigrantes encontrados em situação de ilegalidade e submetidos à exploração em condições análogas à escravidão. Para

⁷⁴ As possibilidades de inserção profissional dos imigrantes é um pouco maior na Argentina, abrangendo o setor da agricultura e do trabalho doméstico remunerado. Os imigrantes têm mais visibilidade do que no Brasil, devido à existência de um fluxo de migração que é mais antigo, e também à facilidade com a língua e ao maior grau de organização, por parte dos imigrantes, de reivindicações frente ao poder público e aos empregadores (RIZEK; GEORGES; SILVA, 2010).

⁷⁵ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

os autores citados, há homogeneização das condições de trabalho no setor das confecções em Buenos Aires e em São Paulo⁷⁶. Os fluxos migratórios recentes de latino-americanos parecem orientar-se pelas mudanças ocorridas devido à convergência entre “globalização da produção e metropolização da imigração”.

No Brasil, entre 1981 e 2000, o número de empregos formais no setor das confecções reduziu-se de 180 mil para 80 mil. Porém, ainda hoje é um dos setores da indústria que mais emprega na cidade de São Paulo, garantindo a concentração de um terço da produção nacional e constituindo-se como um dos maiores aglomerados mundiais do setor (KONTIC, 2011, apud SILVA, 2009).

A crise dos anos de 1990 gerou profundas dificuldades ao setor da confecção, que, com baixa capacidade tecnológica, não conseguia competir com as empresas líderes no mercado internacional⁷⁷. A reestruturação, por meio das terceirizações, foi um caminho encontrado para sair da estagnação. Transferir a principal etapa do ciclo produtivo - a costura - para inúmeras unidades externas isentava assim as grandes empresas dos encargos trabalhistas.

As transformações das relações de produção e trabalho no setor do vestuário têm como fatores “um embaralhamento entre precarização e informalização das relações de trabalho, de um lado, e a processos de flexibilização da produção em escala maior e mais diversificada, de outro” (RIZEK; GEORGES; SILVA, 2010).

Na costura, que representa 80% do trabalho vivo do setor, não existiu quase nenhuma inovação tecnológica. Ou seja, máquina e costureira são o que garantem a finalização de qualquer produto elaborado pelas empresas. De acordo com estudo de Márcia de Paula Leite (2004), o setor não perdeu seu dinamismo: ainda é um dos setores que mais emprega no país, e o Brasil situa-se em quarto (4º) lugar entre os principais países produtores de roupas confeccionadas industrialmente. Em 1990, a produção era de 4,4 bilhões de peças, em 2001, esse número dobrou, passando para 9,6 bilhões de peças.

... a indústria de confecção continua a ocupar um papel importante no

⁷⁶ Há semelhanças nas condições de trabalho encontradas tanto na Argentina como no Brasil, porém, autores apontam que em Buenos Aires há maior organização dos imigrantes a fim de construir uma plataforma de reivindicações. Isso ocorre devido a uma maior mescla com os movimentos sociais locais (RIZEK; GEORGES; SILVA, 2010).

⁷⁷ Os autores Rizek, Georges e Silva (2010) atribuem ainda as transformações do setor das confecções ao chamado “custo chinês”, ou seja, a atribuição de preços de varejo muito mais baixos do que os praticados pela produção e pelo mercado formal, pressionando assim o preço do trabalho em setores como os de confecções e calçados.

conjunto da produção industrial brasileira: o setor é constituído de quase 17.400 unidades fabris, gerando cerca de 1,2 milhão de empregos diretos e movimentando mais de US\$ 22 bilhões (de produção), com uma participação superior a 4% do PIB (LEITE, 2004, p.246).

A transferência dos riscos é uma das “vantagens” da terceirização, pois as empresas são contratadas na medida em que houver demanda de produção. No caso da indústria da confecção, o ponto alto da produção ocorre entre os meses de agosto a novembro, tendo como fim as vendas de fim-de-ano. O período de baixa produção ocorre entre janeiro a março⁷⁸. Para os empregadores de costureiros, os meses de baixa produção são angustiantes, pois é necessário manter o pagamento do aluguel de sua residência e/ou oficina e a alimentação de seus familiares e empregados.

Márcia de Paula Leite (2004) descreve uma cadeia típica de produção vestuária: as grandes empresas e multinacionais do ramo da confecção são aquelas que definem as tendências da moda, os temas e coleções, o número e tamanho das peças e em que local da rede varejista serão vendidas. São essas grandes empresas que comandam a distribuição de pedidos pela cadeia. As empresas de confecção realizam o trabalho de modelagem, o corte de peças e, em algumas vezes, costuras mais complexas. Essas empresas repassam o trabalho para as oficinas de costura, onde as peças são montadas e finalizadas.

Figura 1: Cadeia Produtiva da Indústria da Confecção

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de Leite (2004).

No topo da cadeia estão as redes de distribuição e os grandes magazines, onde se concentra o trabalho da concepção do produto, o *design* e a elaboração das coleções. Esse foi

⁷⁸ Nesse período, aqueles que conseguiram juntar dinheiro fazem uma visita ao país de origem para levar o dinheiro acumulado durante o período de trabalho intenso. É comum durante essa visita o imigrante trazer consigo mais compatriotas – parentes, amigos e vizinhos – para o trabalho também nas oficinas de costura.

o setor que passou por um processo de inovação tecnológica, enxugamento dos cargos e oferecimento de altos salários. Para Freitas (2010):

Essa divisão do trabalho, em que, por um lado, encontra-se o trabalho intensivo e pouco qualificado, e por outro lado, em centro coordenador que realiza importantes investimentos em tecnologia e design é uma tendência geral no setor da confecção, atingindo, nos centros do capitalismo mundial, dimensões globais (FREITAS, 2010, p.17).

São as empresas de confecção que negociam com as empresas fornecedoras de tecido, as quais, por sua vez, têm muitas opções de venda no mercado internacional. As confeccionistas de pequeno e médio porte ficam entrincheiradas entre empresas em que a negociação é muito difícil: as distribuidoras varejistas (empresas de grande porte e multinacionais) e as fornecedoras de tecido. Nesse sentido, é na produção que se busca o enxugamento dos custos. Para Márcia Leite (2004), a flexibilização da contratação da mão-de-obra é o meio encontrado, e é nessa ponta da cadeia, nas oficinas de costura – no trabalho mecânico - onde encontram-se a maioria dos imigrantes latino-americanos que vem ao Brasil.

Figura 2: Cadeia Produtiva da Indústria da Confecção

Fonte: Leite (2004), elaboração própria.

Os contratos entre as empresas de confecção e as oficinas de costura são muitas vezes verbais, e é comum o atraso dos pagamentos aos donos das oficinas (SILVA, 1994; LEITE,

2004). D.J., 53 anos, imigrante paraguaio e dono de uma oficina de costura, relata que teve problemas com o pagamento de uma encomenda no ano de 2011:

Año pasado trece mil reales perdimos (R\$13.000,00). (...) Vinieron a nuestra casa con la policía para retirar la mercadería.(...) Nos dieron un documento de que supuestamente íbamos a retirar (o pagamento) en el banco, y no era nada (informação verbal)⁷⁹.

A conclusão de Márcia Leite (2004) sobre a indústria têxtil e da confecção é a seguinte:

... o uso de mão de obra barata como estratégia de competitividade, com ênfase na utilização de trabalhadores que se concentram nas oficinas de costura e no trabalho a domicílio, onde abunda o trabalho sem carteira assinada e por conta própria. Entre eles destaca-se uma alta porcentagem de mulheres, pardos e pessoas de menor grau de instrução extremamente mal remunerada [...] (LEITE, 2004, p. 252).

A breve descrição acima das transformações da cadeia produtiva da indústria da confecção, assim como suas principais características, corrobora com a visão de Rizek, Georges e Silva (2010), segundo os quais esse novo modelo produtivo, combinado às crises internas dos países de origem, foi determinante para o aumento dos fluxos migratórios de latino-americanos para a cidade de São Paulo e sua região metropolitana.

Há também uma associação entre estas formas de mobilização de trabalho informal e a migração clandestina de bolivianos para a cidade. Nestes mesmos bairros por onde circulam as encomendas vemos também uma presença marcante de bolivianos trabalhando em oficinas de costura. Neste caso, o fluxo migratório dos bolivianos se cruza com a migração dos coreanos, sendo que estes últimos se estabeleceram nas empresas de confecção que demandam os trabalhos terceirizados. O mesmo processo de reorganização da indústria deu um impulso a esta dinâmica migratória (SILVA, 2008, p. 31).

A presença de imigrantes não é novidade nos setores têxtil e das confecções. Nesses setores, destacam-se grupos formados por libaneses, sírios e judeus, e, a partir dos anos de 1980, coreanos que se instalaram no bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo (RIZEK; GEORGES; SILVA, 2010; FREITAS, 2010; SILVA, 2008). Tais imigrantes estiveram dedicados aos primórdios da atividade industrial no estado de São Paulo, tentando produzir o

⁷⁹ Entrevista concedida por D.J. **Entrevista II**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

que antes era importado. Eles estavam presentes também enquanto mão-de-obra qualificada, assim como no comércio miúdo e nas pequenas oficinas (TRUZZI; SACOMANO NETO, 2009).

Entre os anos de 1920, o bairro do Bom Retiro⁸⁰ recebeu uma grande quantidade de judeus envolvidos com o comércio e a fabricação de artigos relacionados ao vestuário. A partir de uma notável mobilidade econômica e social, os judeus mudaram-se para bairros mais nobres - especialmente Higienópolis - e inseriram-se em diversas profissões liberais. Nas décadas de 1970 e 1980, chegam milhares de coreanos que, incentivados pela prosperidade econômica de seu país, e por meio de uma intensa rede de solidariedade, preencheram o espaço antes ocupado pelos judeus.

Os recursos mobilizados pelos imigrantes em seu empreendimento comercial estão conectados à integração e cooperação étnica, que incluem o compartilhamento das fontes de informação e trabalho, além da solidariedade e da confiança. Esse processo ocorre por meio de redes internacionais capazes de promover uma estrutura bastante ativa de acolhimento e recepção ao imigrante recém-chegado:

Os recursos étnicos podem ser mais bem explorados quando integrados por uma rede. As redes de imigração podem ser caracterizadas como conjuntos de laços interpessoais que ligam migrantes, pioneiros migrantes e não migrantes, em áreas de origem e destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade. O estudo das redes étnicas constitui um tópico de particular interesse porque possibilita conectar os determinantes da imigração aos níveis micro e macro (TRUZZI; SACOMANO NETO, 2009, p. 253).

O circuito da subcontratação de bolivianos por coreanos para o trabalho em oficinas de costura em São Paulo foi estudado pela pesquisadora Patrícia Tavares de Freitas (2010), que encontrou uma relação entre a imigração de coreanos para países da América Latina e a imigração de bolivianos para o Brasil.

Para entender tal relação, foi preciso compreender o processo econômico pelo qual passava a Coreia do Sul durante os anos de 1970, assim como a Bolívia. Segundo a autora, nesse período chega ao Brasil uma leva de imigrantes coreanos enriquecidos, fruto do desenvolvimento econômico pelo qual passava a Coreia do Sul⁸¹, dispostos a fazer

⁸⁰ O bairro do Bom Retiro, palco de transformações econômicas e local de recepção de tantos imigrantes, chega a receber por dia cerca de 70 mil clientes lojistas, responsáveis por cerca de 40% do faturamento do Estado de São Paulo no setor, resultando um valor em torno de US\$ 3,9 bilhões por ano. São 20 mil peças que cada empresa produz, em que cada grife elabora em torno de 6 novos modelos por dia (FREITAS, 2010).

⁸¹ “ (...) sobre a taxa de crescimento anual do PIB, na Coreia do Sul, percebe-se que, durante a “Era Park”, o país atingiu as respectivas taxas de crescimento médio do PIB: entre 1963-1971, momento de início do primeiro

investimentos no setor da confecção. Na Bolívia, a situação era de forte recessão econômica, com grande dívida externa e uma taxa de inflação altíssima que chegou a mais de 20.000% nos anos de 1980 (FREITAS, 2010). Esse contexto resultou em uma emigração massiva a países fronteiriços, como Argentina, Peru e Brasil, mas também para os Estados Unidos e países da Europa, especialmente a Espanha.

A vinda ao Brasil por intermédio de um coreano foi o caso de E.⁸², costureira de 57 anos que chegou em 1989. Em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, E. procurava emprego quando viu um anúncio para vir ao Brasil trabalhar na costura. Fizeram-lhe uma oferta de pagamento em dólares, E. aceitou a proposta e o coreano pagou sua passagem. Porém, no Brasil, E. se decepcionou durante o primeiro ano, pois recebia seu pagamento em cruzeiros, que, segundo ela, não dava para nada, nem mesmo para voltar para a Bolívia.

No final dos anos de 1970, na tentativa de facilitar a entrada ao Brasil, os coreanos se estabeleciam primeiramente no Paraguai, onde também se inseriam no setor das confecções, e posteriormente montavam suas oficinas no Brasil, trazendo imigrantes paraguaios. D.J., paraguaio, tem 53 anos, é costureiro e proprietário de uma oficina de costura no bairro do Bom Retiro e chegou ao Brasil com dezenove anos, em 1978, através do convite de um coreano. Nessa época, segundo o entrevistado, todas as oficinas de costura eram de propriedade de coreanos:

El (o coreano) que se fue a buscar costurero, ya se fue con mi pasaje, porque en esa época todas las oficinas eran de coreanos. En esta época ellos (coreanos) también llegaban y todos venían montar oficina. El coreano vino primero allá (Paraguai). Se documentó todo allá y de ahí vino acá (Brasil). Si no, no entraba acá. (...) El ya vivía en Paraguay un tiempo y me había conocido ya. (...) Porque en esa época mi patrón coreano alquilaba casas en varios lugares, montó como cinco, seis oficinas.(...) Ellos pagaban todo, empleado, cocinero, todo. Nosotros trabajábamos y a la hora de comer nos levantábamos a comer, y a trabajar otra vez (informação verbal)⁸³.

D.J. relata que trabalhavam até doze horas por dia, de segunda a sábado, porém, enfatiza que a situação de trabalho que encontrou não foi nada diferente do que lhe haviam

plano quinquenal de desenvolvimento, 8,8% ao ano; entre 1972-1975, momento de desenvolvimento das indústrias química e pesada, 8,9% ao ano e, entre 1976 e 1979, de consolidação do parque industrial sul-coreano, 10,6% ao ano. E apesar de um pequeno momento recessivo no início da década de 1980 – em que apresenta um crescimento quase nulo de 1,1% ao ano, entre 1980-1982 – já no período entre 1983-1987, volta às altas taxas de crescimento médio do PIB de 10,22% ao ano” (FREITAS, 2010, p. 12).

⁸² E., 57 anos, boliviana, costureira. Entrevista realizada em 24 de março de 2013.

⁸³ Entrevista concedida por D.J. **Entrevista II**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

dito no Paraguai. Nos fins de semana, os patrões alugavam ônibus para levar os empregados para passear por São Paulo, e até mesmo para ir à praia, relação essa que, segundo o entrevistado, não ocorre nos dias atuais.

Trajetória semelhante é da paraguaia D.M.⁸⁴, 52 anos, costureira e esposa de D.J. Nascida em Caacupé, uma cidadezinha perto de Assunção, viajava cerca de uma hora todos os dias até a capital para trabalhar em uma oficina de costura pertencente a um coreano. Em 1984, esse coreano ouviu dizer que no Brasil havia mais vantagens para se montar uma oficina de costura. Foi quando decidiu vender suas máquinas no Paraguai e convidou todas as suas funcionárias a vir com ele.

A maioria das costureiras eram jovens e solteiras, fato que facilitou a decisão de seguirem com o patrão coreano ao Brasil. Dessas mulheres, a maioria se casou e se estabeleceu no Brasil. O patrão de D.M. era primo do patrão de seu marido – D.J. No descanso semanal de domingo, conheceram-se e casaram-se no Paraguai, entretanto, voltaram ao Brasil para continuar trabalhando como costureiros, cada qual em uma oficina. Segundo D.M., trajetória parecida teve a maioria das colegas que vieram ao Brasil com o patrão coreano. No Paraguai, ela já trabalhava em uma oficina de costura de propriedade de coreanos, conforme nos conta:

Yo trabajaba siempre costurando. Oficina también, trabajaba, viajaba, una hora también. Cuando el dueño de la oficina, cuando decidió, aquello era 84, que era muy bueno aquí. Entonces ellos vendieron allá todo y vinieron acá, los dueños. Y con ellos vinimos. Como...10 chicas, por ahí (risas). Eran amigas, parientes. Así todas vivíamos, trabajábamos juntas. Y hablamos, vinimos, nos gustó tanto. La mayoría se casaron aquí, o sea, que se conocieron aquí (risas). Se va (ao Paraguai), se casa y vienen (ao Brasil) (informação verbal)⁸⁵.

Segundo a entrevistada, a família de seu patrão, depois de passar um tempo no Paraguai, decidiu vir ao Brasil, pois acharam melhores condições para seu negócio:

Coreano, que vino de Corea y monto su oficina allá (Paraguai) y después ellos encontraron una ventaja aquí (Brasil), se mudaron. Vinieron todos y el nos hablo si queremos venir a probar con ellos. Y la mayoría éramos solteras entonces, ahí nos decidimos “vamos, vamos” (informação verbal)⁸⁶.

⁸⁴ D.M., 52 anos, paraguaia, dona de oficina de costura. Entrevista realizada em 7 de abril de 2012.

⁸⁵ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁸⁶ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

A partir de suas ofertas, os coreanos endinheirados ocuparam muitas das lojas de roupas e tecidos que anteriormente eram de propriedade de sírios, judeus e libaneses no bairro do Bom Retiro. Esses empreendedores chegaram com capital suficiente e profissionais especializados para estabelecer-se e investir em um novo modelo de produção e comercialização de peças de roupas na cidade de São Paulo. Ao invés de fábricas com funcionários fixos, os coreanos desenvolviam os modelos, temas e variedade de peças a serem produzidas. A produção era feita pelas inúmeras oficinas de costura informais ligadas aos imigrantes bolivianos e paraguaios, e até mesmo brasileiros (FREITAS, 2010).

Os trabalhadores das oficinas de costura não são empregados e não mantêm uma relação de contrato com seus empregadores. A relação da empresa contratante com quem executa o trabalho da costura ocorre por meio da prestação de serviços, tornando-se uma relação “entre empresas supostamente autônomas” (SILVA, 2009). As terceirizações descaracterizam a relação de subordinação típica entre empregado e empregador. São uma nova forma de divisão e organização do trabalho. Não são, no entanto, uma novidade no Brasil, fazem parte de uma tendência mundial do setor da confecção, aplicada também pelas grandes varejistas como Casa Pernambucanas, Renner, C&A, etc (FREITAS, 2010).

Atualmente, as mulheres e imigrantes latino-americanos são a maioria da mão-de-obra empregada no setor da costura na cidade de São Paulo. Os riscos que antes eram assumidos pelas empresas agora são transferidos a esses trabalhadores, como por exemplo, o fato de as encomendas de costura estarem vinculadas às demandas e oscilações do mercado, o que pode significar grande quantidade de trabalho, em certos períodos, e falta, em outros. Nesses momentos, a mobilização das redes de vizinhança e familiares é fundamental, tanto para o auxílio no cumprimento dos prazos, assim como para conseguirem novas encomendas em períodos de escassez.

Para Sassen (2002), a informalidade e o aluguel de casas e galpões sob condições que não atendem as normas de segurança e saúde permitem que trabalhadores imigrantes instalem oficinas de costura nas cidades globais. Dessa maneira, a informalidade presente na cadeia produtiva da indústria da confecção reintroduz a importância da manutenção de laços comunitários e do lar como um espaço econômico importante nas cidades globais. Por meio da flexibilização, da terceirização e da informalidade, as redes migratórias com destino ao trabalho no setor da costura e no emprego doméstico acabam por possibilitar o rebaixamento dos custos da produção e dos serviços. O setor da costura na cadeia produtiva da indústria da

confeção é exemplo de como se configuram grande parte das atividades informais nas grandes metrópoles:

[...] de fácil execução, baixa necessidade de qualificação e reduzido requerimento de capital, apresentando ademais, escassa divisão de tarefas e de hierarquias e a mão de obra é constituída pelo patrão, que também é um trabalhador, e os familiares não remunerados e assalariados, em geral, sem contrato de trabalho (LEONE, 2010, p.10).

3.1. As oficinas de costura e os trabalhadores imigrantes latino-americanos

Existe uma estimativa de que no Brasil os latino-americanos, especialmente imigrantes em situação irregular, advindos da Bolívia, Peru e Paraguai, atuam principalmente na indústria da confecção, especificamente no setor da costura. Esse setor constitui-se em um mercado de trabalho fundamentado em relações de favor, as quais, por meio de redes de parentesco, vizinhança e amizade, se estabelecem desde o país de origem através do empréstimo financeiro para o custeio da viagem. A necessidade de se pagar o empréstimo faz com que esses imigrantes se submetam ao trabalho exaustivo nas pequenas “fábricas” de costura (popularmente conhecidas como oficinas de costura), que se tornam, além do local de trabalho, o lugar de sua moradia e alimentação, criando-se assim uma relação de dependência e servidão em relação ao empregador (SILVA, 1995).

De acordo com pesquisa de Patrícia Freitas (2010), a partir do ano 2000 identifica-se uma nova faceta da imigração do Brasil. Desde o país de origem - no caso estudado, a Bolívia – constituem-se arranjos para o agenciamento da força de trabalho imigrante com destino à indústria da confecção, que a autora denomina de “circuito de subcontratação transnacional”.

A chegada ao Brasil é em geral facilitada, como mencionado, por um contato previamente estabelecido através de relações de amizade, parentesco e vizinhança. Muitos já chegam com o emprego garantido nas oficinas de costura. A base de apoio no momento da chegada é estabelecida pelos contatos com os compatriotas, que mantêm ativamente uma rede de solidariedade. A garantia de encontrar um local para dormir e comer pode facilitar a vida de quem chega à cidade de São Paulo. Um imigrante sem meios para comprovar renda fixa e em situação irregular encontra muitas dificuldades para alugar um imóvel, logo, poder “morar” no local de trabalho facilita o cotidiano dos imigrantes recém-chegados.

S.⁸⁷ e V.⁸⁸ são irmãs bolivianas que chegaram ao Brasil em 2012, a convite da irmã mais velha, que tinha uma oficina de costura no Brás. S. estava endividada, pois havia ajudado o pai a comprar um terreno na Bolívia, e V. veio com perspectivas de juntar dinheiro para pagar os estudos universitários em seu país.

Si, nos llamaba ya. Nos decía “vengan, vengan”. “Vas a pagar tranquilamente el banco. Y aquí vas a vivir bien, vas a pagar bien”. Pero... Como se fose fácil. Pensé en trabajar con ella, pero no ha sido así. Ella no vivía bien con su esposo. Esta ha sido la razón por lo cual hemos tenido que salir (informação verbal)⁸⁹.

Após o início de trabalho frustrante com a irmã mais velha, S. e V. foram até a rodoviária e estação de metrô Barra Funda, onde encontraram outra boliviana que lhes ajudou a conseguir um novo trabalho e local de moradia:

Nuestros mismos compatriotas, compañeros bolivianos, ellos mismos nos han ayudado aquí. Y nos han hecho conocer. Aquí, hemos trabajado en una oficina, entonces. Con ellos mismos hemos empezado. Ellos ya conocían, que era Brasil, como era la vida, todos nos contaban, esto así pasa, esto no va a ser así. Tienen que caminar con cuidado, que todo es peligroso, ellos han sido los que nos han enseñado (informação verbal)⁹⁰.

As oficinas de costura em geral encontram-se em casas alugadas e antigas, nas quais podem viver mais de uma família. Possuem uma variedade de formatos em relação à sua estrutura e número de empregados, porém, é possível visualizar características comuns nesses locais: má iluminação e ventilação, instalações elétricas precárias e trabalhadores com pouco treinamento e sem registro (LEITE, 2004). É comum que algumas famílias, além de trabalharem nas oficinas de costura, também durmam nelas, entretanto, esse arranjo não é uma regra. Atualmente, já existem muitas oficinas de costura regularizadas e, apesar da informalidade na contratação da mão-de-obra para o trabalho na costura, muitos trabalhadores imigrantes – em geral aqueles que estão há mais tempo no Brasil – têm seus próprios arranjos para garantir a moradia: alugam casas ou quartos em pensões, em que dividem o local e suas

⁸⁷ S., 30 anos, boliviana, costureira. Entrevista realizada em 10 de março de 2013.

⁸⁸ V., 21 anos, boliviana. Entrevista realizada em 10 de março de 2013.

⁸⁹ Entrevista concedida por V. **Entrevista IX**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

⁹⁰ Entrevista concedida por V. **Entrevista IX**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

despesas com familiares ou amigos.

Essa pouca delimitação entre ambiente do trabalho e moradia permite um maior controle, por parte do empregador, para fazer com que seus funcionários atendam o cumprimento das encomendas. No caso do aumento das encomendas em determinados períodos, as redes envolvidas no processo migratório podem ser ativadas, a fim de permitir a chegada de mais compatriotas para o trabalho nas oficinas.

A costureira boliviana S. aprendeu o ofício no Brasil. Atualmente, trabalha de segunda a sexta, das sete da manhã às nove da noite. Os demais costureiros também são bolivianos, e o patrão, que é coreano, alugou uma casa para que os funcionários pudessem dormir:

[...] la oficina tienen en el otro lado, y la casa donde vivimos es en otro lado. Mismo dueño. O sea, una casa solamente para los trabajadores, y la oficina está en su casa (do patrão). Entonces todas las mañanas, a las nueve de la noche salimos y nos vamos hasta casa. A descansar. Siete de la mañana nos despertamos, siete de la mañana tenemos que estar allá, ya empezamos a trabajar, nos dan el desayuno a las ocho de la mañana. Almuerzo al medio día. El té de la tarde, a las cinco. Solo descansamos a la hora del almuerzo. Mientras almorzamos ya puedes descansar (informação verbal)⁹¹.

Também costureira, V. é irmã de S., e juntas elas vieram ao Brasil. V. relata que sua rotina de costura começa às sete da manhã e termina às nove da noite, de segunda a sexta, e aos sábados até o meio-dia. A oficina em que trabalha é uma grande casa localizada no bairro do Brás, onde, segundo ela, também dormem todos os outros costureiros: "Es una casa grande. La oficina está abajo. Solo para trabajar nos vamos abajo" (informação verbal)⁹². As irmãs comentam as condições de trabalho:

S: Allá [na Bolívia] también trabajábamos desde tempranito, tantas horas, pero aquí era ya... No sé... Estamos acostumbradas a trabajar duro pero aquí duele la espalda, la posición, los pies, por las máquinas. La luz lastima bastante los ojos.

V: Sin luz tampoco se puede trabajar porque no ves muy bien.

S: Pero ya nos hemos ido acostumbrando. Pero igual es cansador (informação verbal).

Devido às instalações precárias, é comum haver o adoecimento de muitos costureiros,

⁹¹ Entrevista concedida por S. **Entrevista X**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

⁹² Entrevista concedida por V. **Entrevista IX**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

causado por infecções respiratórias geradas pelas finas partículas de tecido que se desprendem na confecção. A má iluminação, com o tempo, leva a problemas de visão. A rede elétrica improvisada aumenta as chances de um curto-circuito e, conseqüentemente, de incêndios nas oficinas de costura. As irmãs S. e V. descrevem seu relacionamento com os demais colegas de costura bolivianos e os chefes coreanos, quando trabalhavam juntas na mesma oficina:

Somos puro bolivianos ahí, nos llevamos bien entre bolivianos. Tenemos jefes coreanos, pero recién estamos empezando. Recién nos conocemos bien. Mas con el anterior coreano que trabajábamos, que ella trabajaba también, era bien bueno, nos trataba bien. Era casi como nuestro papá. Nos trataban bien. Normalmente se escucha que coreano maltrata. Nosotras teníamos miedo, pero nos han tratado bien. Nos traían helados, pizzas, frutas, comíamos bien, sushi. Nos enseñaban, porque es cultura, nos invitaban a su casa, a cocinar. Eran buenas personas. Hablan portugués. Nosotros no entendemos mucho, pero ellos hablan mesclado, con coreano, español, todo mesclan, nosotros como no entendemos mucho, tratábamos de entenderlos y ellos tampoco nos entienden, pero tratábamos de aprender el portugués así, poco a poco para poder comunicarnos. Más bien, gracias a dios, nos ha ido bien (informação verbal).

De acordo com o relato da jovem paraguaia G.⁹³, a oficina de costura em que trabalhou era muito suja, e não havia uma pessoa especificamente designada para a limpeza. No local trabalhavam homens e mulheres: dois paraguaios e mais três brasileiras. A oficina era dividida em dois andares. Embaixo, a roupa era passada e empacotada, no andar de cima, a roupa era costurada e os botões pregados. G. era a funcionária responsável por manusear a máquina de pregar botões. Seu horário era das 7h30 às 12h, com um breve intervalo⁹⁴ para o almoço, retornando para cumprir o restante do expediente das 13h às 17h30.

A remuneração dos costureiros é dada pela quantidade de peças costuradas, o que significa que, quanto maior a produtividade, maior será o ganho. São poucos os costureiros em condições de trabalho formalizadas, o que, em caso de doença, gera muita angústia, pois a improdutividade significa não ter nenhum rendimento ao fim do mês (SILVA, 1995).

A entrada massiva dos imigrantes latino-americanos na indústria da confecção é permeada pelo intenso desejo de ascensão social. A estrutura da cadeia produtiva favorece o empreendedorismo desses imigrantes. São muitos os casos daqueles que começaram como costureiros, juntaram dinheiro e compraram sua primeira máquina de costura para, em

⁹³ G., 23 anos paraguaia. Entrevista realizada em 1º de abril de 2012.

⁹⁴ Durante o período em que trabalhou nessa oficina de costura, a dona da oficina, uma boliviana, pediu a G. que aproveitasse seu horário de almoço para levar seus dois filhos à escola. Em troca, a dona da oficina lhe oferecia almoço. G. prontamente aceitou a proposta, pois, segundo ela, tinha habilidade para lidar com crianças.

seguida, ter sua própria oficina e seus próprios empregados. Essa perspectiva de ascensão faz com que os imigrantes suportem mais de dez horas de trabalho diário, pois, por meio desse esforço individual, serão capazes de conquistar o objetivo almejado (SILVA, 1995). Esse é o caso de D.J., que em seu país, o Paraguai, já trabalhava como costureiro e, por gostar do trabalho, sonhava em ter sua própria oficina de costura:

Quería tener mi máquina propia para trabajar (...) me gustaba mucho. Acá [Brasil] sabía que sería más rápido para comprar el maquinario, acá hay mucho trabajo, allá (no Paraguai) no hay forma de trabajar el año todo.⁷⁵

Quando veio ao Brasil pensava juntar dinheiro, comprar maquinário e material para montar uma oficina “allá”, no Paraguai. A primeira máquina de costura D.J. comprou de seu patrão e pediu que fosse descontando mensalmente o valor da compra de seu salário. Após a compra de maquinário e material suficiente, D.J. montou uma oficina no Paraguai e voltou com sua família ao fim dos anos 1980: “Compre todo el material, máquinas y nos quedamos cinco años em Paraguay. Pero... não deu certo, como se dice acá, porque allá se trabaja seis meses, era más difícil” (informação verbal)⁹⁵.

Segundo o entrevistado, no Paraguai há uma demanda menor pelo trabalho de costura, isto é, somente por seis meses durante o ano. No Brasil, há trabalho por mais tempo, quase o ano todo. Portanto, após a tentativa de estabelecer uma oficina de costura no Paraguai, ele decidiu voltar ao Brasil: “Trajimos todas las máquinas, para volver de nuevo tuvimos que vender una máquina allá para pagar el pasaje, porque ya éramos cuatro, con dos chicos” (informação verbal)⁹⁶.

Apesar de não ter como objeto de análise as diferenças em relação ao gênero no contexto de migração, Silva (1995) descreve que o trabalho das mulheres nas oficinas de costura tende a ser maior, pois são elas as responsáveis pelas tarefas da cozinha. Além disso, aquelas que têm filhos devem administrar o trabalho da costura com o cuidado com as crianças e as tarefas da cozinha e limpeza, ou seja, atividades que são socialmente designadas às mulheres justamente por serem consideradas como uma extensão de suas funções naturais, e por isso não valorizadas.

⁹⁵ Entrevista concedida por D.J. **Entrevista II**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁹⁶ Entrevista concedida por D.J. **Entrevista II**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Na casa da paraguaia D.M. moram oito pessoas: ela e o marido, três filhos, a nora e dois netos. As tarefas domésticas são de responsabilidade dela e de sua nora. Apesar de revelar que passa mais tempo em casa do que em sua oficina junto a seu marido e filhos, na cozinha de sua casa estão duas máquinas de costura, para que eventualmente alguém possa trabalhar ali. Quando solicitada a contar sobre suas atividades cotidianas, relata:

Como mujer, como mamá, siempre hay lo hay cosas que hacer, la cocina, limpiar, lavar ropa, trabajar otra vez [na costura]. [...] Por ejemplo, acá me quedo más, acá trabajo más [em casa]. Pero, como te digo, como mamá... la casa... hay que manejar la casa, yo me quedo más acá [na casa] que allá [na oficina de costura]. Después cuando hay necesidad hasta ellos se quedan acá [risos]. [...] Yo y mi nuera es lo que estamos acá, ella me ayuda, me ayuda a limpiar, hace la comida. Porque con los chicos no se puede contar que no sea sábado y domingo. Pero, cuando ellos están, sábado y domingo, trabajan todos [na oficina de costura], hasta la nena trabaja, ellos saben trabajar, costurar, todo. [...] Saben que cuando quieren una cosa, hay que apretar, si no, no podemos (informação verbal)⁹⁷.

A boliviana E., quando chegou ao Brasil, trabalhava em uma oficina de costura de propriedade de coreanos. Com o nascimento de seu segundo filho, buscou creches em que pudesse deixar seus filhos enquanto dedicava-se à costura: “A veces no había guardería, había pocas. A veces yo quería... quería... iba a preguntar y me decían ‘la vaga tiene que hacer cuando está en su ventre, antes que nazca’” (informação verbal)⁹⁸. Foi então que convenceu seu marido a montarem sua própria oficina, pois pensou que poderia ser mais fácil articular as tarefas de cuidado dos filhos e o trabalho com a costura:

Yo estoy así porque me gusta la costura, si no me gustaba no iba estar. Me gustaba la costura y me gustaba que yo pudiera ver a mis hijos, educarlos, ver si están comiendo o no estaban cerca de mí. [...] He estado un tiempo trabajando así para los otros y cuando he ganado mi bebe ya no daba porque sufría. [...] Era triste también, porque tenía que levantar cedo, no podía ver mi hijo. Entonces hemos abierto, así una oficina, como autónomo. Ahí pensé que iba ser algo fácil para mí, pero ha sido más responsabilidad, que tenía que pagar el aluguel y todo. [...] Pero me gustaba mi trabajo porque veía a mis hijos, contar cosas para ellos, que no es para hacer cualquier cosa, también su tarea (informação verbal)⁹⁹.

⁹⁷ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

⁹⁸ Entrevista concedida por E. **Entrevista V**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

⁹⁹ Entrevista concedida por E. **Entrevista V**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

Com sua própria oficina de costura, E. acreditou que poderia ter mais tempo para dedicar-se a seus filhos (o que de fato ocorreu), entretanto, a situação ficou mais difícil, pois assumiu responsabilidades financeiras maiores: tinha que pagar aluguel e despesas com a alimentação de todos os outros costureiros. Atualmente, seu ex- marido é quem cuida da oficina de costura, enquanto E. trabalha em uma outra empresa com carteira assinada, de segunda a sexta-feira, das oito da manhã às cinco da tarde.

De acordo com a pesquisa realizada por Márcia Leite (2004), existe uma concentração do trabalho feminino nas menores empresas do setor da costura, além disso, as mulheres recebem uma menor remuneração em relação aos homens. Segundo afirma Silva (2009), a irregularidade migratória favorece o barateamento dessa mão-de-obra aos empresários do setor, permitindo assim reduzir o custo da produção das mercadorias. O imigrante em situação irregular, além de não ter acesso aos direitos associados ao trabalho assalariado, tem dificuldade em mobilizar um agente público para garantir a efetivação de seus direitos, além de correr os riscos de uma possível deportação.

O caso da indústria da confecção em São Paulo é um exemplo de como, nas últimas décadas, houve um considerável crescimento de circuitos alternativos de produção, ou seja, uma intensificação da terceirização e da flexibilização das relações de trabalho. Esse cenário criou as condições para o barateamento dos custos da mão-de-obra e para a absorção da mão-de-obra imigrante. D.M. relata que, quando começou a trabalhar como costureira no Brasil, em 1984, não havia tantos imigrantes latino-americanos trabalhando no setor da confecção; havia mais encomendas, e se pagava melhor:

[Era] Muy diferente, porque se ganaba bien, más bien que ahora, entiendes? Porque era poca gente que venia de Paraguay, entonces se valoraba mucho, pero ahora como estamos asi muchos extranjeros, la gente también se aprovecha e ya ofrece más poco, más poco. Pero, cuando uno trabaja, no le falta, entiendes? Siempre hay trabajitos (informação verbal)¹⁰⁰.

O setor da costura na indústria da confecção caracteriza-se pela pouca necessidade de desenvolvimento tecnológico, porém, com uma demanda por mão-de-obra abundante e barata. O processo de terceirização e flexibilização na contratação dessa mão-de-obra favoreceu a entrada de imigrantes coreanos e, recentemente, dos latino-americanos no setor, o que permite concordar com Truzzi e Sacomano Neto (2009), para quem “os imigrantes

¹⁰⁰ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

tendem inicialmente a se instalar em setores com poucas barreiras à entrada”. Esses imigrantes buscam empregar contrerrâneos, garantindo a recepção e acolhimento do recém-chegado, pois o imigrante, além da busca por trabalho, precisa de um alojamento. Sayad (1998) refere-se à mútua dependência que existe entre trabalho e alojamento no caso dos imigrantes, pois, para encontrar um emprego no país de destino, é necessário hospedagem, assim como a hospedagem é necessária para conseguir um emprego. A condição do imigrante é determinada por essa relação entre o trabalho e a habitação, o que encoraja os empregadores a incorporarem em sua obrigação como patrões a garantia de uma habitação a essas pessoas que vêm de outro país¹⁰¹.

A indústria da confecção na cidade de São Paulo ratifica a afirmação de Sassen (2002), segundo o qual essa dinâmica produz um deslocamento para o lar de tarefas e atividades que antes eram realizadas no ambiente de trabalho ou na fábrica. Nesse aspecto, os e as imigrantes são os principais atores dessa reconfiguração dos espaços econômicos. A informalidade cria as condições nas quais a vizinhança e o lar tornam-se os espaços prioritários da atividade econômica. Para as mulheres imigrantes, surge então não uma oportunidade, mas uma alternativa para conquista de renda, mesmo que baixa, e para transformação da realidade na qual estão inseridas.

De acordo com Sassen (2002), são nas grandes cidades do mundo em que é possível encontrar a consolidação de serviços especializados para a demanda das grandes corporações e seus empresários. Esses serviços são capazes de alterar a dinâmica urbana e a arquitetura dos bairros, antes residenciais, agora empresariais e comerciais. Enquanto isso, o setor manufatureiro degrada-se na competição pela importação de produtos baratos, em contraposição aos altos custos de serviços de outros setores como, por exemplo, as telecomunicações e transportes.

O aumento das pequenas oficinas de costura nos bairros paulistanos do Brás e do Bom Retiro parte de uma cadeia produtiva semelhante à relatada nesse texto, tendência presente nas principais cadeias globais ligadas à produção no ramo da confecção. Esse padrão mantém-se, especialmente, devido à capacidade do setor em responder com agilidade e rapidez às demandas de produção e às flutuações da moda (TRUZZI; SACOMANO NETO, 2009).

¹⁰¹ Para Sayad (1998), a habitação é uma projeção da representação que se tem do imigrante: ela é provisória, “excepcional”, emergencial e pobre, pois seus ocupantes são provisórios, singulares e não dispõem de grandes bens (SAYAD, 1998, p.75).

4. Imigrantes latino-americanos no Brasil: sobre números e políticas migratórias

O contexto da integração econômica regional na América do Sul tem contribuído para aumentar os deslocamentos de população entre os países. Em relação aos países do Mercosul, Baeninger (2012) afirma que a migração internacional de trabalhadores latino-americanos com direção às áreas metropolitanas do Brasil é um fenômeno em expansão. Para a autora, considerar o fenômeno da migração internacional significa pautar suas especificidades, intensidade e espacialidades, bem como os impactos a nível local. No entanto, a condição de irregularidade migratória, com falta de documentação e registro desse fluxo, torna mais difícil a tarefa de mensuração do número de imigrantes.

Na América Latina, existem esforços significativos para o mapeamento dos fluxos migratórios internacionais. Desde os anos de 1980, o projeto Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica (Imila), ligado ao Centro Latino Americano e Caribenho de Demografia (Celade), identificou o aumento da migração internacional de mulheres na região. Diante dessa realidade, ainda faltam análises que considerem a influência de fatores econômicos e de desenvolvimento dos países nas migrações internacionais de mulheres, assim como sua relação com fatores sociais, familiares e culturais (PIZARRO, 2003). O projeto IMILA divulga dados sobre migrações internacionais com base nos censos nacionais de países da América Latina e do Caribe, entretanto, esses dados podem não incluir os imigrantes em situação irregular. Pode-se considerar que esses números subestimam a presença da comunidade imigrante latino-americana no Brasil.

Na Tabela 1, a partir dos dados levantados pelo IMILA, observamos o número de estrangeiros bolivianos, peruanos e paraguaios residentes no Brasil, de acordo com o sexo, nos anos de 1991 e 2000:

Quadro 5: Brasil: População Estrangeira segundo País de Nascimento e Sexo, 1991 e 2000

País	Total		Homens		Mulheres	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Bolívia	15.694	20.388	8.616	11.242	7.078	9.146
Paraguai	19.018	28.822	9.007	13.520	10.011	15.302
Peru	5.831	10.814	3.493	6.674	2.338	4.140

Fonte: IMILA apud PIZARRO (2003), elaboração própria.

Existem muitas fontes de informação sobre as migrações internacionais e com diversos enfoques, porém, são poucos os que consideram a migração internacional de mulheres na região da América Latina e do Caribe. Apesar da dificuldade para se encontrar dados precisos sobre o número de imigrantes no Brasil, ainda é possível contar com estimativas, tanto oficiais (Ministério da Justiça) quanto de organizações sociais que prestam atendimento à população migrante. A principal fonte de informação sobre o número de estrangeiros residentes no Brasil vem do Departamento de Estrangeiros, órgão ligado ao Ministério da Justiça. São dados que referem-se apenas aos imigrantes em situação de regularidade migratória, mas não há informação disponível sobre sexo, assim como sobre a ocupação dessas pessoas.

Os dados, cuja fonte é o Departamento de Estrangeiros do Ministério da Justiça, são registros administrativos. O propósito dessa compilação é o controle das permissões de residência e o cumprimento das disposições legais a nível nacional. Esses registros não oferecem informações que permitam análises sobre toda a população presente no território, especialmente, sobre aquelas em situação de irregularidade migratória. Além disso, a limitação do acesso a essa informação só permitiu encontrar números referentes a determinados países da América do Sul¹⁰².

De acordo com dados do Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros, órgão ligado à Secretaria Nacional de Justiça, até fevereiro de 2013, o número de estrangeiros sul-americanos que possuíam visto temporário de permanência ou permanência definitiva correspondia a: 48.252 argentinos, 76.460 bolivianos, 27.904 chilenos, 9.661 colombianos, 21.189 paraguaios, 21.493 peruanos e 32.359 uruguaios. De acordo com estimativas do Centro de Apoio ao Migrante¹⁰³, 46% dos imigrantes latino-americanos em São Paulo são mulheres. As estimativas não-oficiais da Pastoral dos Migrantes e dos Consulados estimam que em São Paulo residam 35 mil paraguaios, 200 mil bolivianos e 40 mil peruanos¹⁰⁴.

Na Tabela 2 e na Figura 3, encontram-se os números de estrangeiros com registros

¹⁰² Os dados referentes ao ano de 2009 foram solicitados diretamente ao Departamento de Estrangeiros via correio eletrônico, e foram rapidamente disponibilizados. As informações do ano de 2013 foram enviadas depois de pedido formalizado pela Lei de Acesso à Informação (12.527/2011) via Sistema de Informação Cidadã.

¹⁰³ O Centro de Apoio ao Migrante foi criado, em 2005, pelo Serviço Pastoral dos Migrantes, e é uma entidade ligada à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

¹⁰⁴ Dados apresentados por Wendy Villa-Lobos, Coordenadora de Projetos do CAMI, no dia 1º de dezembro de 2009 na sede da Confederação Sindical das Américas, em São Paulo.

ativos no Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros referentes a julho de 2009 e fevereiro de 2013.

Quadro 6: Total de estrangeiros nacionais de países do Mercosul, com registros ativos no Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros

País	Julho de 2009	Fevereiro de 2013
Argentina	39.232	48.252
Bolívia	35.092	76.460
Chile	25.166	27.904
Colômbia	6.181	9.661
Paraguai	11.229	21.189
Peru	11.314	21.493
Uruguai	28.115	32.359

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros - SINCRE, Departamento de Estrangeiros - Ministério da Justiça, elaboração própria.

Figura 3: Estrangeiros nacionais de países da América do Sul, com registro ativos no Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros

Apesar da dificuldade em encontrar dados sobre migrações internacionais que façam referência a variáveis como sexo e gênero, alguns autores notam que no processo de migração há uma crescente presença de mulheres. Ehrenreich e Hochschild (2003), ao analisarem os números de imigrantes na Europa, notam que, em 1946, as mulheres eram menos do que 3% dos algerianos e marroquinos vivendo na França; mas, em 1990, a presença das mulheres salta

para mais de 40%. Um processo que as autoras denominam de “feminização da migração”:

From 1950 to 1970, for example, men predominated in labor migration to northern Europe from Turkey, Greece, and North África. Since then, women have been replacing men. In 1946, women were fewer than 3 percent of the Algerians and Moroccans living in France; by 1990, they were more than 40 percent. Overall, half of the world's 120 million legal and illegal migrants are now believed to be women (Ehrenreich; Hochschild, 2003, p. 5)¹⁰⁵.

As pesquisas sobre migrações internacionais que consideram a entrada de latino-americanos no Brasil ainda são recentes, e contribuíram para o maior conhecimento sobre a realidade dessa população. Porém, a maioria desses estudos dedica-se à investigação da vida e trabalho dos bolivianos na cidade de São Paulo, sem considerar a dimensão de gênero ou de diferentes nacionalidades (FREITAS, 2010; SILVA, 1995; SILVA, 2008). A relação entre gênero e o processo migratório, considerando os países de origem, trânsito e destino, não faz parte da abordagem de tais estudos, o que sugere uma concepção do imigrante como boliviano e do sexo masculino.

4.1 A discussão sobre tráfico de pessoas no cenário internacional: uma agenda atual

Existe uma vinculação persistente entre a migração internacional de mulheres e o tráfico de pessoas, ou: uma associação entre mulheres imigrantes e situações de maior vulnerabilidade. A partir dos anos de 1990, a agenda do tráfico de pessoas ganha visibilidade no cenário internacional. Uma maior circulação de informações e acesso aos meios de transporte internacionais intensificou o fluxo de pessoas, alterando o caráter da migração internacional. De acordo com Baraldi e Ventura (2013), o debate acerca do tráfico de pessoas ganha mais força em termos de medidas normativas, sejam elas repressivas ou de proteção às vítimas, deixando de lado o tema do refúgio, por exemplo. Ao longo do tempo, foi possível verificar um aumento da reestrutividade, sem grandes questionamentos, das leis migratórias dos países. Restrições essas que têm como base argumentativa a prevenção ao tráfico de pessoas.

A intensificação do debate no mundo todo, inclusive no Brasil, acerca do tráfico de seres humanos esteve muito relacionado ao processo de elaboração e implementação do

¹⁰⁵ “De 1950 a 1970, por exemplo, os homens predominaram na migração para o trabalho com destino à Europa do Norte, originários da Turquia, Grécia e Norte da África. Desde então, mulheres têm substituído os homens. Em 1946, mulheres eram menos do que 3% dos algerianos e marroquinos vivendo na França; em 1990, elas já eram menos do que 40%. No total, acredita-se que metade dos 120 milhões de imigrantes legais e ilegais no mundo sejam mulheres” (Ehrenreich; Hochschild, 2003, p. 5, tradução própria).

Protocolo de Palermo¹⁰⁶, documento adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional. O Protocolo de Palermo trata da Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial mulheres e crianças. Existe uma grande crítica à maneira pela qual os países vêm tratando a questão da mobilidade humana no século XXI, e a assinatura do Protocolo configurou o espaço necessário para o discurso que associa a migração internacional com o crime organizado (DIAS, SPRANDEL, 2011).

Tendo como referência as discussões em torno da construção da Convenção sobre a Proteção de Todos os Trabalhadores Imigrantes e suas Famílias, Baraldi e Ventura (2012) buscam demonstrar que o debate sobre a criminalização da migração com fins de restringir a mobilidade das pessoas persistiu, sob a justificativa de combater o crime. A descontextualização da realidade do tráfico de pessoas no mundo acaba por tornar secundários e até mesmo invisibilizar os fatores que levam a essa mobilidade. As motivações que levam à migração internacional são variadas, mas, em geral, relacionam-se com a fuga de situações de pobreza, violência e opressão, à necessidade de garantir o sustento da família e dos filhos pequenos, à busca de melhores oportunidades e condições de trabalho, etc.

O foco no tráfico de pessoas, em especial sua prevenção, no entanto, revela uma responsabilização apenas dos países de origem e promove a despolitização do debate que envolve a questão do trabalho, sua divisão e exploração; obnubila relações históricas de colonialidade e questões estruturais da sociedade internacional, ligadas especialmente à soberania (BARALDI; VENTURA, 2013, p. 4).

Diante das adversidades, sejam elas jurídicas ou não, o indivíduo busca na migração uma alternativa de melhores condições de vida. Nesse processo, ele pode mobilizar diversas redes de contatos e informações que facilitem a conquista de seu objetivo.

O caso da boliviana A.¹⁰⁷ serve de ilustração sobre como as agências que operam na Bolívia oferecendo emprego no Brasil atuam como um mecanismo facilitador para a saída do país quando não se tem dinheiro ou contatos no país de destino. A. tem vinte anos e trabalha em uma oficina de costura como empregada doméstica. Chegou no Brasil em fevereiro de 2013. Na Bolívia, não tinha contatos ou referências brasileiras. Sua alternativa foi buscar uma agência especializada em conseguir trabalho e moradia:

¹⁰⁶ O Protocolo de Palermo é um instrumento adicional à “Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças”. Foi adotado em novembro 2000 e promulgado, no Brasil, em março de 2004.

¹⁰⁷ A., 20 anos, boliviana, trabalhadora doméstica. Entrevista realizada em 10 de março de 2013.

Me vine porque tenía algunos problemas. Allá la cosa es ... El sueldo es bajo. Las cosas son caras. Normalmente allá la gente opta por buscar agencia de trabajo, su función es dar trabajo, conseguir gente, sea para Santa Cruz o para fronteras con Argentina, Brasil. Y de este modo vine, fue una buena opción, digamos, porque hay mucha diferencia entre el sueldo de aquí [Brasil] y allá [Bolivia], por esto preferí venir. En base a esto vine a Brasil, arriesgándome porque a mí me da miedo ir a la agencia, uno no sabe con quién se mete, ni a donde va, porque no conoce. Pero me arriesgue y firmé mi contrato y me vine. Todo lo que necesitaba era documento, mis ropas, carné, documentos personales. Y la voluntad de venir y nada más (informação verbal)¹⁰⁸.

Vir ao Brasil por meio de uma “agência”, como comenta a entrevistada, acaba sendo uma opção quando não se tem contatos e referências no país de destino:

Porque yo había escuchado muchas veces que la gente venía a través de agencia, más facilidad porque ya venias con un lugar fijo, donde llegar. Porque si uno no viene con conocidos, tiene que buscar donde quedar, pagar alojamiento. En cambio, conviene venir contractada, porque ya llegas con lugar fijo y no gasta nada, porque son ellos los que te pagan el pasaje (informação verbal)¹⁰⁹.

Não há possibilidade de negar a existência de exploração e vulnerabilidade, às quais estão expostos homens e mulheres imigrantes, especialmente em situações de irregularidade migratória. No caso de A., o pagamento da passagem pela agência foi realizado mediante a condição de que ela trabalhasse no mínimo um ano no local que lhe destinaram, do contrário, deverá devolver tudo o que foi gasto com sua vinda ao Brasil.

Ellos, por ejemplo, a mí, me dijeron que se yo me quedo un año trabajando, no me van a cobrar nada. Me pagan vacaciones de fin de año para que yo me vaya a ver mi familia. Pero si me salgo en menos de un año, ahí tengo que volver el gasto. Con estas condiciones digamos, uno viene (informação verbal)¹¹⁰.

A entrevistada relata as condições de trabalho às quais os bolivianos se submetem no Brasil. Segundo seu entendimento, essas condições não são adequadas, porém,

¹⁰⁸ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

¹⁰⁹ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

¹¹⁰ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

avalia que, diante do ímpeto de melhorar a vida dos que ficaram na Bolívia, a rotina exaustiva nas oficinas de costura parece ser a alternativa possível para transformarem sua realidade:

Pero hay veces también que hay gente buena y hay gente mala, no sabemos con quien nos metemos. Hubo casos de las chicas que se van y sus familias no saben más. El problema de la gente de aquí es que mayormente los bolivianos traen los bolivianos y los explotan más que un brasileño a un boliviano. Aquí, por ejemplo, hay gentes que ofrecen trabajo. Cuales los horarios de los trabajos? De las siete de la mañana a las diez de la noche. Todos los días. Son 15 horas de trabajo, cosa que allá en Bolivia lo legal es trabajar ocho. Y aquí estamos redoblando. O sea, nos matamos. Trabajar 15 horas diarias con el fin de ganar más, conseguir algunas cosas que uno tiene, mejorar la estabilidad económica de la familia que dejamos allá (informação verbal)¹¹¹.

Além de considerar as condições de trabalho abusivas, A. indigna-se com o salário recebido ao final do mês. Segundo ela, a quantia que vem ganhando não é exatamente o que havia combinado quando começou a trabalhar na oficina de costura:

Bueno, en realidad, ella, cuando firmamos contracto con ella, dijo que nos iba pagar doscientos y cincuenta [250] dólares. El dólar allá [na Bolívia] es siete bolivianos. Ahora aquí dice que es más barato. Y ahora tocó que nos pague en reales. Nos pagó en reales. Y les digo: Por qué? Y ella me dice que si baja al dólar me iba pagar menos. E yo le digo: “Entonces a mi no me compensa, si ustedes a mi me dicen que nos pagan mensual doscientos y cincuenta [250] dólares ustedes tienen que pagar en dólares”. Y ella me dijo: “Que el dólar baja, por ahí por los dos meses, baja, y así como baja yo te voy a pagar”. Pero me paga no en dólares sino que en reales. Baja mi dólar y baja mis reales. Qué hago? Con cuatrocientos [400] reales no hago nada. Y ella me dice que “ahora, si tú quieres que te pague en dólar como quedamos, te pago el fin de año”. “Hello!”, le digo! Yo vine porque necesito trabajo. Y si hablamos que era mensual es porque lo necesito. Yo tampoco voy trabajar gratis, regalando mi esfuerzo. Para ganar una miseria. Para mí lo que está siendo ella es mala. Porque si nos dijo que iba pagar doscientos y cincuenta [250] dólares mensual... Porque al fin del año? Por qué? Entonces ella ha dicho: “Bueno, y pago así, así y así”. Nosotros no sabíamos que aquí el dólar era más bajo. Si hubiéramos sabido, por lo menos algo de idea hubiéramos tenido. No? Esto es lo malo. Que uno se viene, y de forma ignorante. No sabe. Hoy, para mí, lo que está haciendo está mal. Hoy me ha pagado quinientos [500] reales. Pero veo que es muy bajo porque aquí ayudante de costura pagan setecientos [700], a mi sueldo la diferencia es de doscientos reales [200]. Trabajo más, canso más, y gano poco! No es justo! Así que me parece bajo, muy bajo lo que estoy ganando ahorita (informação verbal)¹¹².

¹¹¹ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

¹¹² Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

Diante das condições objetivas que imperavam na vida de A., a vinda ao Brasil foi a alternativa encontrada frente à responsabilidade de ter que sustentar o sobrinho e filho, que ficaram na Bolívia sob os cuidados de sua mãe – esta, por sua vez, já adoecida. Segundo seu relato, a principal motivação para que viesse ao Brasil foi o fato de ter sofrido abuso sexual, por consequência do qual acabou engravidando. Ainda que afirme que a criança seja inocente, confessa que sua relação com o filho é fria e distante, por isso preferiu distanciar-se e buscar melhores condições financeiras para poder sustentar o filho e o sobrinho.

O relato acima pode ser ilustrativo de como a migração internacional torna-se uma alternativa diante de situações de pobreza e violência. Ainda que conhecendo todos os riscos presentes na empreitada escolhida, no caso da escolha de uma “agência” da qual tinha pouco conhecimento, a entrevistada ainda considera que foi uma opção acertada para conseguir chegar ao Brasil. No momento da entrevista, A. estava sob condição de irregularidade migratória, ou seja, não possuía os documentos necessários para viver e trabalhar no Brasil, situação que gostaria de reverter. Ela afirmou que pretendia viver para sempre no Brasil, terminar seus estudos e formar uma família.

Um caso semelhante é o da costureira E.¹¹³, boliviana de La Paz, tem 57 anos e chegou ao Brasil em 1989. Na Bolívia, sua mãe tinha um comércio no mercado local; o pai era alcoólatra e não trabalhava. A dificuldade da mãe em sustentar a família sozinha tornou necessário que E. trabalhasse desde criança, fazendo entrega de marmitas para uma vizinha. Já adulta, arrumou emprego em uma loja, no entanto, foi despedida quando engravidou. Passou então a trabalhar com a irmã em Santa Cruz de La Sierra vendendo frutas no mercado, mas, segundo ela, a renda era pouca:

Como decía, yo estaba en Santa Cruz, yo ya era madre soltera, no daba. Viví de comercio, así, con mi hermana. De vender así en una feria, ella vendía bastante fruta. Teníamos dinero, pero al día siguiente invertíamos para comprar más. O sea, el negocio era ganar y perder, y no me gustaba esto. De ahí he empezado a buscar trabajo (informação verbal)¹¹⁴.

Foi quando viu um anúncio para vir ao Brasil:

Entonces, de esta forma yo fui buscando trabajo así, de costurar. Ahí había un anuncio, por venirse a Brasil. Entonces yo me fui allí y he venido con los papeles, pero de permiso, no de pasaporte. Este a veces era fácil, un coreano

¹¹³ E., 57 anos, boliviana, costureira. Entrevista realizada em 24 de março de 2013.

¹¹⁴ Entrevista concedida por E. **Entrevista V**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

nos ha traído, daba dinero y pasábamos tranquilos. No ha habido ningún problema. [...] e yo lo he dicho, “yo sé más o menos costurar. Cuanto más o menos gana una? Cincuenta dólares”. El cambio era bien. “Si, pude ser bien”. Yo pensé que era algo así. Pero no, recibí cruzeiros de esta vez. Donde trabajaba era clandestino, así que no. El primer año que he venido, hemos sufrido, porque no teníamos para nada, ni para nuestro pasaje de volver. [...] Cuando he llegado nos han metido a una casa, encerrados, sin poder salir. El documento era bien necesario. Ahí sin. El idioma era diferente, hasta el aire era diferente. Yo no quería estar aquí. Tres meses... No, yo quería volver. Y mi marido es que quería estar aquí. Poco a poco me ha ido, así, dejando que yo acepte. [...] Batallábamos tanto y no daba para nada, nada (informação verbal)¹¹⁵.

Ao promover-se o debate acerca da migração internacional, considerando-a como um processo gerado por múltiplos fatores, podem-se oferecer melhores subsídios para programas estatais trabalharem com a questão. Para Alejandro Portes e John Walton (1981), o fato de cruzarem uma fronteira territorial e política enfraquece os trabalhadores imigrantes diante do estado¹¹⁶:

They are thus much more subject to close police supervision and arbitrary decisions by officials and employers. In general, the weaker the legal standing of immigrant workers, the more employers can make use of political threats, including deportation, to obtain compliance” (PORTES; WALTON, 1981, p. 50)¹¹⁷.

Dias e Sprandel (2011) enfatizam que a construção de políticas migratórias deve considerar que os sujeitos têm histórias de vida construídas coletivamente, as quais envolvem questões econômicas, e que sua decisão de ir ou de ficar é determinada por contextos afetivos e familiares. Os discursos dos imigrantes a respeito do processo de migração internacional envolvem também sua posição de trabalhador em busca de melhores condições de vida para si e para seus familiares. Ainda que relatem situações de dificuldade durante a chegada ao Brasil, a migração com destino a esse país foi a alternativa possível encontrada pelas bolivianas entrevistadas, diante das situações de dificuldade em que se encontravam.

¹¹⁵ Entrevista concedida por E. **Entrevista V**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

¹¹⁶ Aquilo que Portes e Walton (1981) chamam de fragilidade política é um aspecto da migração que está mais presente no cotidiano dos imigrantes que cruzaram as fronteiras internacionais do que daqueles migrantes internos.

¹¹⁷ “Assim, eles estão muito mais sujeitos à supervisão policial e às decisões arbitrárias dos oficiais e empregadores. Em geral, o frágil status legal dos trabalhadores imigrantes, mais os empregadores fazem uso da ameaça policial, incluindo deportação, para obter a submissão” (PORTES; WALTON, 1981, p. 50, tradução própria).

No Brasil, a Política Nacional do Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas está sob coordenação do Ministério da Justiça, da Secretaria de Direitos Humanos e da Secretaria de Políticas para as Mulheres, sendo construídas sob três eixos: prevenção, atenção e repressão¹¹⁸. Por meio da Secretaria Nacional de Justiça, o Brasil assinou um convênio de cooperação internacional com o International Centre for Migration Policy Development (ICMPD, organização europeia) para a criação do “Centro Internacional de e para o Desenvolvimento de Políticas Migratórias”, que tem como objetivo prevenir o tráfico de pessoas no território brasileiro, assim como capacitar a Polícia Federal em relação ao tema¹¹⁹. Segundo Baraldi e Ventura (2013), ainda que as campanhas argumentem que seus objetivos tratam da perspectiva de informar para que a migração aconteça de maneira segura, essa abordagem pretende desencorajar qualquer tipo de mobilidade fora do padrão da regularidade.

Estudiosos do tema (BARALDI; VENTURA, 2013; DIAS; SPRANDEL, 2011) concordam que é preciso reconhecer que existem vítimas e criminosos na dinâmica da migração internacional. O que persiste, porém, é a generalização dessa rotulação em relação aos atores da migração. É preciso priorizar o debate brasileiro sob aspectos que enfoquem a mobilidade internacional para o trabalho, colocando na pauta a necessidade de políticas de ampliação de direitos aos trabalhadores imigrantes, com objetivo de assegurar a essa população um rendimento justo, trabalho em ambiente adequado, acesso à proteção social, etc. Diante disso, Dias e Sprandel (2011) ressaltam que a aprovação de uma Nova Lei de Migração e da Política Nacional de Imigração e Proteção ao Trabalhador(a) Migrante são desafios colocados na agenda nacional.

Pouco se destaca a possibilidade de tratar a questão do tráfico de pessoas e da migração irregular como fenômenos causados pela necessidade do mercado de trabalho de explorar determinado tipo de mão-de-obra barata e irregular. Dessa maneira, o paradigma securitário poderia dar lugar à perspectiva de políticas de integração, tanto para o trabalho, como para a garantia de permanência no país de destino, oferecendo possibilidades mais

¹¹⁸ www.mj.gov.br. Consulta realizada em 25 de março de 2013.

¹¹⁹ O convênio tem por objetivo implementar o projeto Itineris: Proteção dos direitos dos migrantes contra a exploração, do Brasil para Estados-Membros da União Europeia, e é financiado pela SNJ; pela Comissão Europeia; pelo Conselho Nacional de Imigração, Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil; pelo Escritório Federal para Migrações da Suíça; e pela Secretaria Geral para Igualdade da Galícia (Espanha). Integram também a iniciativa o UNODC-Cone Sul e Brasil; o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, de Portugal; a Divisão de Direitos Humanos da Polícia Federal do Brasil; a Comissão para a Cidadania e a Igualdade do Gênero, de Portugal; e a OIT – Escritório de Brasília. O Projeto tem por objetivos: a) proteger os direitos dos migrantes contra a exploração e o tráfico de pessoas; b) promover o fortalecimento institucional de organizações brasileiras para o enfrentamento ao tráfico de seres humanos; e c) fortalecer a cooperação nacional e internacional no campo do enfrentamento ao tráfico de pessoas” Fonte: página virtual do Ministério da Justiça. Consulta realizada em 25 de março de 2013.

acessíveis de regularização migratória.

Afinal, o imigrante indocumentado é mão-de-obra barata que serve a setores ávidos de redução de custos. Trata-se de uma força de trabalho com poucos ou nenhum direito e, portanto, descartável segundo os humores ou crises da economia. A violação jurídica que o indivíduo comete ao imigrar sem autorização, serve ainda para criar um inimigo que legitima a securitização promovida pelos Estados a fim de proteger sua prerrogativa soberana de realizar este descarte (BARALDI; VENTURA, 2012, p.10).

A insistente vinculação da migração internacional com o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual ou trabalho escravo contribui para que essa questão seja classificada como de ordem securitária. Dentro desse paradigma, os dados sobre migração internacional servem ao monitoramento e prevenção do crime internacional, os quais são parte de programas de organismos multilaterais. Na realidade, o tráfico de pessoas existe, na medida em que há proibição e controle da circulação de pessoas.

El intento de tratar la inmigración y el tráfico ilegal con más controles en las fronteras de los países, hace más probable que las mujeres utilicen a los traficantes para traspasar las fronteras, y puede que algunos sean organizaciones criminales relacionados con la industrias del sexo (SASSEN, 2003, p.58)¹²⁰.

4.2. Legislação Migratória no Brasil: breve descrição

O marco legal e institucional da política migratória no Brasil é dado pela Lei dos Estrangeiros, nº 6.815 – também conhecido como Estatuto do Estrangeiro-, e está vigente no país desde 19 de agosto de 1980. Ela foi produzida no período em que o Brasil estava sob ditadura militar, e tem como característica principal a preocupação em garantir a segurança nacional (OIM, 2009; CDHIC, 2011).

Segundo a Constituição de 1988, a legislação migratória sobre emigração e imigração - entrada, saída, extradição e expulsão de estrangeiros - compete à União. As definições jurídicas acerca dos estrangeiros no Brasil são especificadas, dentro do marco regulatório da Lei 6.815, como: admissão, entrada, deportação, expulsão extradição, direitos e deveres, condições e feitos na naturalização, infrações e penalidades.

¹²⁰ “A tentativa de tratar a imigração e o tráfico ilegal com mais controles nas fronteiras dos países faz com que seja mais provável que as mulheres utilizem os traficantes para atravessar fronteiras, e pode ser que alguns deles sejam organizações criminosas relacionados com a indústria do sexo” (SASSEN, 2003, p.58, tradução própria).

A Lei de 1980 também criou o Conselho Nacional de Imigração, órgão ligado ao Ministério do Trabalho. Este Conselho tem a função de formular a política de imigração e coordenar essas atividades, assim como realizar estudos e levantamentos sobre a necessidade de mão-de-obra estrangeira no Brasil.

A Lei dos Estrangeiros define a entrada ou estadia irregular no Brasil. Situação irregular caracteriza o estrangeiro que entrou no país por meios legais, porém, permaneceu por tempo superior ao que lhe foi concedido. O estrangeiro considerado clandestino é aquele que entrou no país sem autorização ou passou despercebido pelos postos de fiscalização de fronteira¹²¹. O Brasil adotou por quatro vezes um sistema de regularização migratória – em 1981, 1988, 1998 e 2009-, anistiando os estrangeiros das penalidades cabíveis nos casos de irregularidade migratória. Esses processos foram chamados de Leis de Anistia (MILESI, 2009).

Seguindo a diretriz do artigo 107 da Lei dos Estrangeiros, esses não podem votar ou exercer qualquer atividade de natureza política. A Lei nº 6.815 somente autoriza aos estrangeiros realizarem associações com fins religiosos, recreativos ou de assistência, e as reuniões que organizarem deve ter como fim apenas as datas comemorativas de significado patriótico de seus países de origem. As entidades que constituírem só poderão funcionar regularmente mediante autorização do Ministro da Justiça.

Os órgãos da administração federal que atuam e tem competências nos temas migratórios também foram definidos pela Lei dos Estrangeiros (CDHIC, 2009). São eles:

- Ministério das Relações Exteriores: concede vistos;
- Ministério do Trabalho e Emprego: concede autorizações para o trabalho;
- Ministério da Justiça (por meio do Departamento de Estrangeiros, ligado à Secretaria Nacional de Justiça, em parceria com a Polícia Federal): realiza a tramitação de documentos relacionados com as autorizações de residências temporárias e permanentes, responsável por emitir a Carteira de Identidade do Estrangeiro (CIE).

No âmbito do Mercosul, existem diversos acordos diante dos efeitos da imigração entre os Estados Parte, entre esses:

- Acordo sobre Dispensa de Tradução de Documentos Administrativos para Efeitos de Imigração entre os Estados Partes do Mercosul, a República da Bolívia e a República do Chile

¹²¹ A Lei dos Estrangeiros, pelo artigo 125, considera: “infração a estada irregular de estrangeiros no Brasil, sob pena de deportação para o caso de clandestinidade e, para o caso de permanência além do período autorizado, prevê a aplicação de multa e posterior deportação caso o estrangeiro não se retire do país no prazo que lhe é fixado” (MILESI, 2009, p.1).

(Decisão Conselho Mercado Comum nº 44/00). Decreto nº 5.852/ 2006.

- Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes Mercosul, Bolívia e Chile (CMC nº28/02). Decreto nº 6.964/2009 e 6.975/2009. Peru e Equador aderiram ao acordo em 2011.

- Acordo Mercosul Multilateral de Seguridade Social (Decisão CMC nº19/97). Decreto nº5.722/2006.

- Acordo sobre o Benefício da Justiça Gratuita e Assistência Gratuita entre os Estados Parte do Mercosul Bolívia e Chile – vigente entre Brasil, Paraguai e Chile. Decreto nº 6.086/2007 e nº6.679/2008.

Acordos Bilaterais:

- Acordo de Regularização Migratória Brasil/ Bolívia (2005)

Legislação Nacional:

- Lei de Anistia de Estrangeiros (Lei nº11.961 /2009), regulamentada pelo Decreto nº6.893/2009.

Existe em tramitação no Congresso brasileiro o Projeto de Lei nº 5.655/2009, que tem a intenção de substituir o atual Estatuto do Estrangeiro. O projeto tem como princípio a afirmação dos direitos humanos, porém, em suas disposições o que prevalece é a complexidade dos trâmites burocráticos para a regularização migratória, concessão de vistos e naturalização (CDHIC, 2011).

O aumento do número de imigrantes latino-americanos cadastrados no Departamento de Estrangeiros do Brasil não se deve ao incremento da entrada desses imigrantes, mas sim da possibilidade de regularização migratória, que ocorreu por meio de dois processos: primeiro, a Lei de Anistia de 2009, e, em seguida, o Acordo de Residência do Mercosul, do mesmo ano. Milhares de imigrantes em situação de irregularidade migratória puderam regularizar sua situação perante o governo brasileiro, gerando um aumento das estatísticas.

Em julho de 2009, o governo brasileiro promulgou uma Lei de Anistia, a qual permitiu a regularização de milhares de imigrantes que haviam entrado no Brasil até 31 de dezembro de 2008. Esse foi o caso de M.E., peruana e trabalhadora doméstica, que chegou ao Brasil em dezembro de 2008 e fez sua regularização migratória por meio da concessão de anistia:

Yo soy amnistía de 2009. Es por eso que yo digo Dios Mío, tu es muy grande, muy grande! Tanta gente ha esperado diez años de su vida! Y ahora

se da el Mercosur [Acordo de Residência do Mercosul] y la mayoría de los programas, es posible estar con toda la documentación en regla (informação verbal)¹²².

Ainda que os custos sejam altos, existe uma preocupação por parte dos imigrantes em manter sua situação migratória regularizada, para que não tenham problemas com a polícia, não venham a sofrer discriminação e possam ter acesso ao mercado de consumo:

Aquí en São Paulo, la mayoría de los peruanos no tiene documentación. Dentro de aquí. Fuera de aquí. En otros lados. Nadie tiene documentación. No quiero eso, quiero documentos dándome respaldo, al menos que yo soy extranjera (informação verbal)¹²³.

A boliviana A. havia chegado recentemente ao Brasil no momento da entrevista, e tinha a intenção de realizar sua regularização migratória. Entretanto, preocupava-se com o alto custo para conseguir sua documentação, o equivalente ao valor de todo um mês de trabalho:

No he hecho documentación. Estamos en esto, donde trabajamos, por ejemplo, el señor nos dijo que nos puede ayudar a contratar un abogado, pero el abogado fue y es que nos va a cobrar todo R\$ 400 digamos. El dice que R\$400 nos va a costar e yo digo no... Porque él nos paga R\$500! Yo digo, todo mi mes, mi sacrificio. No! (informação verbal)¹²⁴.

A entrevista com A. foi realizada na Praça Kantuta¹²⁵, perto da qual ela frequentava um curso de língua portuguesa aos domingos. Ela considera importante buscar uma rede de contatos para obter informações sobre a vida e o trabalho no Brasil:

Ahora que conocimos este lugar venimos todo el domingo, a intentar conocer más gente y algo más de informaciones para poder movernos. No conocemos nada, por esto tenemos que estar ahí. Nos vamos conociendo,

¹²² Entrevista concedida por M.E. **Entrevista IV**, [março, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

¹²³ Entrevista concedida por M.E. **Entrevista IV**, [março, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

¹²⁴ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

¹²⁵ Praça localizada no bairro do Bom Retiro, onde existe uma feira de produtos e alimentos típicos da Bolívia, organizada pelos bolivianos pertencentes à Associação Praça Kantuta. No local, também realizam-se festas cívicas e religiosas bolivianas.

desenvolvernos más, sabiendo que hacer (informação verbal)¹²⁶.

Quando questionada sobre a importância da documentação, N.¹²⁷, boliviana empregada em uma oficina de costura, afirma:

Sí, es mejor tener. Porque... Cuando no tienes documentos. Tal vez sea psicológico, no sé, te sientes mal, no estás en el lugar, legalmente, estas con temor a que te agarre la policía y que te pidan los documentos. Siempre estas con este temor. Aparte también, por ejemplo, los celulares, te piden el CPF. Si no tienes el CPF no puedes comprar un chip. [...] No sé, tal vez quieres ir, de repente, de emergencia a Bolivia si tienes documento puedes ir y volver, si ya tienes algo así. Si no tienes documento puedes ir pero ya no dejan, no se puede volver. Ese es el beneficio del documento¹²⁸.

O governo brasileiro também concedeu anistia no ano de 1988. Foi o meio através do qual a boliviana E.¹²⁹ realizou sua regularização migratória.

Desde que llegué estaba a dos años e ya salió la amnistía. Ahí nos dio así para poder abrir la oficina también, no? Porque clandestinamente, o algo así, no podíamos abrir.[...] Sin documentación no si puede adquirir cualquier cosa, personalmente. Yo pienso, alugar una casa, la documentación... [...] El pronto socorro, por ejemplo, no tienes fronteras, mi documento valía [antes de tener los documentos]. Para otras cosas... La vez que íbamos llegado no teníamos deseo todavía de querer comprar, no era tan necesario. Ya cuando hemos tenido el documento ha sido dos años. No he tenido problema, tal vez si hubiera pasado mucho tiempo, e yo hubiera querido hacer una cosa y no tenia documento, ahí tal vez hubiera sido (informação verbal)¹³⁰.

Atualmente, o mecanismo mais utilizado pelos imigrantes bolivianos, peruanos e paraguaios para garantir a regularização migratória no Brasil é o Acordo de Residência do Mercosul. Para o Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante no Brasil (2011), este Acordo é um passo rumo à consolidação da integração regional e da cidadania sul-americana,

¹²⁶ Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

¹²⁷ N., 27 anos, boliviana, costureira. Entrevista realizada em 03 de março de 2013.

¹²⁸ Entrevista concedida por N. **Entrevista VIII**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

¹²⁹ E., 57 anos, boliviana, costureira. Entrevista realizada em 24 de março de 2013.

¹³⁰ Entrevista concedida por E. **Entrevista V**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

pois políticas seletivas e restritivas de imigração não impedem a entrada de migrantes no território brasileiro, tampouco impedem a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho, ainda que na informalidade. A restrição ao acesso à documentação e a dificuldade e os altos custos para realizar regularização migratória têm gerado sofrimento e exploração dessas pessoas. A dificuldade para se obter informações adequadas acerca dos procedimentos para aquisição de documentos no Brasil é uma demanda que se encontra presente na fala dos imigrantes:

Nosotros no queremos que nos regalen nada, sino que queremos que nos orienten, que las informaciones que se den que sean dadas bien, correctas, que siempre haga una apertura, que esto es así, esto es asado. Nos ayudemos entre personas, entre comunidad (informação verbal)¹³¹.

A ausência de fontes de informação confiáveis sobre o número de imigrantes no Brasil pode ser considerada responsabilidade do poder público, que não constrói mecanismos de reconhecimento desses trabalhadores e seus familiares. Mas essa ausência também ocorre devido à forma através da qual os imigrantes inserem-se no mercado de trabalho brasileiro. A maioria dos trabalhadores imigrantes no Brasil não é reconhecida pelas estatísticas, tampouco abarcada pela legislação migratória. Com relação ao trabalho, não se beneficiam diretamente da legislação laboral e de seus mecanismos de proteção social, o que lhes impossibilita de desfrutar de seus direitos fundamentais. Sua dificuldade de organização é um fator que dificulta uma possível representação coletiva frente ao poder público. Nesse sentido, Baeninger (2012) defende que o desenvolvimento de instrumentos normativos para a migração são necessários tanto para a mensuração do fluxo, assim como para a formulação de dispositivos legais e administrativos que atendam às necessidades e urgências dos imigrantes.

¹³¹ M.E., 34 anos, peruana, trabalhadora doméstica. Entrevista realizada em 11 de março de 2012.

5. Remessas financeiras: recursos de quem?

O envio de dinheiro e presentes, a compra de propriedades ou a construção de casas no país de origem é parte dessa relação transnacional que vem acompanhando as migrações internacionais recentes. Ainda que fixados em um território nacional diferente daquele onde nasceram, a relação com o país de origem permanece constante, e as remessas, mais que uma transferência financeira, implicam na presença de um compromisso que persiste para além do território do Estado-nação. Em pesquisa com imigrantes haitianos nos Estados Unidos, Nina Glick Schiller (2000) percebeu que, ainda que no país de destino essas pessoas falem a língua local, trabalhem e paguem seus impostos, simultaneamente, mantêm um vínculo com sua terra natal por meio do envio periódico das remessas.

Este capítulo traz uma breve compilação do debate acerca do impacto das remessas no desenvolvimento dos países. A partir da bibliografia e das entrevistas realizadas, pretende-se contribuir para o conhecimento a respeito das remessas e das relações e sujeitos sociais envolvidos, quando acionado esse tipo de recurso. Como bem aponta Miguel Moctezuma (2007):

... pero así como el dinero no puede explicarse por sí mismo, las remesas tampoco. Al igual que el dinero, las remesas familiares expresan un conjunto de relaciones sociales, relaciones que es necesario develar y explicar según su contexto. Asimismo, en el caso que nos ocupa, se trata de poner de manifiesto el aspecto social simbólico que encierran (MOCTEZUMA, 2006, p. 92)¹³².

5.1. A América Latina no debate acerca dos fluxos financeiros e da redução da pobreza

Segundo dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento, de 80 a 85% do dinheiro enviado por esses trabalhadores a suas famílias no país de origem é utilizado para suprir necessidades básicas. Em 2005, a América Latina e o Caribe representavam o mercado de remessas de mais rápido crescimento do continente, uma vez que os países considerados “expulsores” não eram capazes de oferecer emprego e renda suficientes.

¹³² “... mas, assim como o dinheiro não pode ser explicado por si mesmo, as remessas tampouco. Igual ao dinheiro, as remessas familiares expressam um conjunto de relações sociais, relações que são necessárias revelar e explicar segundo seu contexto. Assim mesmo, no caso que nos ocupa, trata-se de colocar em destaque o aspecto social e simbólico que encerram” (MOCTEZUMA, 2006, p. 92, tradução própria).

Para Donald Terry (2006)¹³³, o crescimento da demanda, da parte dos trabalhadores migrantes internacionais, por serviços de telecomunicações, internet e transferência financeira tendem a crescer no mundo todo. O fato é que, cada vez mais, busca-se facilitar e baratear o envio das remessas. Além disso, muitas empresas oferecem serviços que permitem aos migrantes manter seus vínculos transnacionais com suas famílias através da telefonia, da internet e do envio de mercadorias.

O aumento do fluxo financeiro enviado aos países de origem dos migrantes internacionais certamente não passaria despercebido pelas organizações internacionais e pelos países receptores. Questões levantadas por organizações como Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Organização das Nações Unidas (ONU) e Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) remetem ao fato de que esses recursos contribuiriam para o desenvolvimento dos países de origem. Entretanto, essa conclusão gera controvérsia, pois parece ignorar as condições a que estão submetidos os trabalhadores migrantes, os quais, em sua grande maioria, vivem em situação de irregularidade migratória e em empregos precarizados e informais.

Para Terry (2006), as remessas são um capital econômico que, em meio ao capital social promovido pelas migrações internacionais, tem o papel de reduzir a pobreza dos lares receptores de recursos, uma vez que: aumentam o investimento em saúde, educação e atividades produtivas, reduzem o trabalho infantil e contribuem para a educação das crianças. Além disso, as remessas têm um papel central em superar as condições de pobreza e vulnerabilidade dos indivíduos e comunidades. Afirmação semelhante foi encontrada em estudo da CEPAL (2007):

(...) las remesas compensan, en parte, los costos adicionales de la emigración y agregan varios beneficios: las familias de los emigrantes reciben ingresos adicionales a los generados en su país. A nivel macro los países fuente de emigrantes y por ende receptores de remesas se benefician de flujos y divisas y de ahorros que pueden ser movilizados para su desarrollo nacional (ALLENDES; SOLIMANO, 2007, p. 41)¹³⁴.

¹³³Em 2006, Donald Terry era diretor do Fundo Multilateral de Investimentos (FOMIN), órgão ligado ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

¹³⁴“(...) as remessas compensam, em parte, os custos adicionais da emigração, e agregam vários benefícios: as famílias dos emigrantes recebem ingressos adicionais aos gerados em seu país. Ao nível macro, os países fonte de emigrantes e, por fim, receptores de remessas, se beneficiam de fluxos e divisas e de poupanças, que podem ser mobilizados para seu desenvolvimento nacional” (ALLENDES; SOLIMANO, 2007, p. 41, tradução própria).

Para os autores acima, as remessas podem chegar a dobrar os recursos de uma família. Apesar disso, o estudo não pontua que, ainda que as remessas sejam um recurso adicional à renda familiar, esse valor total é o necessário - e talvez nem sempre suficiente - para garantir o sustento de toda a família.

Donald Terry (2006) afirma que as remessas destinadas à América Latina e ao Caribe chegam em pequenas quantias, por volta de US\$ 200,00 a US\$ 300,00 dólares por mês, e contribuem para posicionar essa região como o maior mercado de remessas do mundo. Também há casos em que esse dinheiro é enviado internacionalmente através de mecanismos informais, de parentes e amigos, e, assim, escapam à contabilidade do sistema financeiro.

Quadro 7: Remessas para Países da América Latina em milhões de dólares

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2010	2011
Bolívia	103	104	340	422	860	103	964	1012
Brasil	2600	4600	5200	5624	6411	7373	4044	1974
Paraguai				506	550	650	723	789
Peru	930	1265	1295	1360	2495	2869	2534	2697

Fonte: CEPAL e BID- FOMIN, elaboração própria.

De acordo com Canales (2006), entre 1980 e 2006, as remessas recebidas na América Latina dobraram a cada cinco anos, o que significa que a região recebe mais de 30% das remessas mundiais. No entanto, o impacto e o significado econômico que esse tipo de transferência financeira tem em cada país não depende somente de seu volume, mas da estrutura macroeconômica do estado que as recebe.

O relatório da UN-INSTRRAW (2008) afirma-se que as remessas:

se han convertido en la mayor fuente de divisas para muchos países pobres, como ocurre en América Latina/Caribe, donde sobrepasan el volumen combinado de toda la inversión extranjera y la Ayuda Oficial al Desarrollo. Pueden tanto mejorar la clasificación de crédito internacional de los países de origen y sus flujos futuros pueden usarse como garantía para la obtención de créditos extranjeros, como han hecho Brasil, El Salvador, Turquía, México y otros países (UN-INSTRRAW, 2008, P. 73)¹³⁵.

O relatório questiona, porém, que o efeito positivo alcançado com o impacto das

¹³⁵ “se converteram na maior fonte de divisas para muitos países pobres, como ocorre na América Latina/Caribe, onde sobrepassam o volume combinado de todo o investimento estrangeiro e a Ajuda Oficial ao Desenvolvimento. Podem tanto melhorar a classificação de crédito internacional dos países de origem e seus fluxos futuros podem ser usados como garantia para a obtenção de créditos estrangeiros, como foi feito no Brasil, El Salvador, Turquía, México e em outros países” (UN- INSTRRAW, 2008, p. 73, tradução própria).

remessas devia-se à ausência de recessão e crise global na época. Além disso, a dependência dessas transferências como fonte de divisas se constituiria como uma nova forma de colonialismo econômico, levando em conta que as macroeconomias de países pobres tornam-se dependentes do bom andamento das economias dos países ricos. As políticas restritivas dos principais países receptores de imigrantes também poderia tornar-se um fator negativo nas economias dos países emissores de migrantes.

Em levantamento realizado por Stefoni (2011), temos a seguinte classificação dos principais receptores de remessas, em valores absolutos, na América Latina:

- Grandes receptores de remessas: México, Brasil, Colômbia, El Salvador, Guatemala e República Dominicana.
- Receptores de nível médio: Equador, Haiti, Honduras, Nicarágua e Peru.
- Países de baixo nível de recepção: Argentina, Bolívia, Costa Rica, Chile, Panamá, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

En este escenario, el discurso respecto de que los migrantes pueden y deben jugar un rol fundamental en el desarrollo de sus comunidades, se visualiza como un discurso político que tiende a reafirmar un modelo de desarrollo donde el Estado termina ocupando una función de coordinación y apoyo, más que de gestor e impulsor de desarrollo (STEFONI, 2011, p.498)¹³⁶.

De acordo com Stefoni (2011), é nesse contexto que cresce a atenção sobre os fluxos de dinheiro na América Latina, ou seja, cresce o esforço por parte de muitas instituições financeiras em contabilizar o fluxo de remessas e sua evolução ao longo do tempo. Este é o caso do Fondo Multilateral de Inversiones (FOMIN)¹³⁷, órgão do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que promove uma série de estudos sobre remessas em países de origem e destino, a fim de conhecer mais sobre esses valores, suas características

¹³⁶ “Neste cenário, o discurso a respeito dos imigrantes pode e deve ter um papel fundamental no desenvolvimento de suas comunidades, visualiza-se como um discurso político que tende a reafirmar um modelo de desenvolvimento em que o Estado termina ocupando uma função de coordenação e apoio, mais que de gestor e impulsor de desenvolvimento” (STEFONI, 2011, p.498, tradução própria).

¹³⁷ De acordo com sua página virtual: “El Fondo Multilateral de Inversiones (FOMIN) apoya el crecimiento económico y la reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe a través del fomento a la inversión privada y la promoción el desarrollo del sector privado. Específicamente, el FOMIN desarrolla, financia y ejecuta modelos de negocio innovadores que benefician a hogares pobres y de bajos ingresos, empresarios y otros socios de los sectores privado, público y sin fines de lucro. De igual manera, el FOMIN evalúa el impacto de sus intervenciones y las lecciones aprendidas. El FOMIN es un laboratorio de pruebas pioneras respecto a diversos enfoques de mercado para el desarrollo, y un agente de cambio que busca ampliar su alcance y profundizar el impacto de sus intervenciones más exitosas”. Consulta realizada no dia 02 de março de 2013. Fonte: <http://www5.iadb.org/mif/>

demográficas e seus impactos (TERRY, 2006).

As pesquisas que organismos como o Banco Mundial e o BID promovem tendem a comparar as remessas com o capital investido por fundos de cooperação internacional e investimentos estrangeiros. Esse método, segundo Stefoni (2011), esvazia o sentido das remessas, as quais, por sua vez, têm origem e objetivo diferentes, sendo assim, são recursos que não podem ser comparados. A autora problematiza ainda determinados estudos os quais dão relevância à bancarização dessas transferências, visualizando nos migrantes internacionais futuros clientes e buscando também maior liberalização financeira em âmbito global.

Esse tipo de preocupação aparece no documento da CEPAL (ALLENDES; SOLIMANO, 2007), no qual os autores pontuam que as remessas são manejadas por companhias especializadas, as quais cobram altas taxas para o envio. Logo, seria necessária maior presença do setor bancário formal, incentivando os imigrantes, mesmos os mais pobres, a abrir contas bancárias, a fim de diminuir os custos do envio de quantias a seus países de origem. Esses mesmos autores pontuam que um aspecto negativo do recebimento de remessas seria a criação de uma “cultura de dependência”, pois as famílias receptoras não seriam incentivadas ao trabalho e à obtenção de qualificação destinada ao mercado de trabalho.

Em relação à redução da pobreza, Allendes e Solimano (2007) afirmam que os montantes de dinheiro enviados ajudam os lares receptores a melhorar sua qualidade de vida e a ter uma fonte a mais de recursos. Entretanto, o que os dados na América Latina evidenciam, segundo os autores, é que essas quantias não foram suficientes para reduzir a pobreza e a indigência.

Para Carolina Stefoni (2011), a afirmação sustentada por organismos internacionais de que as remessas seriam indutoras do desenvolvimento nos países de origem está baseada em um modelo no qual o papel de centralidade do Estado para o desenvolvimento produtivo e na infraestrutura social retrocede. Em contrapartida, o indivíduo torna-se o principal ator para seu desenvolvimento e para o enfrentamento das situações de pobreza. A autora reflete acerca da orientação e importância dada ao debate das remessas nos países de origem: a discussão ocorre em um contexto de globalização liberal da economia, em que os processos de descentralização da política econômica contribuem para a diminuição da presença do Estado nas localidades.

Quanto a seu impacto nos locais de origem e à discussão sob seu efeito positivo como redutor da pobreza, Alejandro Canales (2006) afirma que as remessas são uma fonte

importante de ingressos para as famílias que as recebem. Apesar disso, o impacto desses ingressos na melhora do nível de vida e bem-estar da população que os recebe não permite atribuir às remessas características de estimuladores do desenvolvimento dos países. Para se conhecer o real impacto desses recursos, há que se conhecer o papel que cumprem na economia doméstica (CANALES, 2008 apud STEFONI, 2011).

O autor caracteriza as transferências de acordo com o destino atribuído a elas. As remessas familiares são aquelas destinadas aos gastos da família nos países de origem: alimentação, moradia, vestimentas, compra de eletrodomésticos e manutenção ou outros gastos da casa, assim como gastos comunitários destinados a festas religiosas e patrióticas. Já as remessas produtivas são aquelas destinadas ao investimento privado em capital circulante: terras, gado, maquinário, poupança bancária e imóveis. Complementando essa definição, explica Stefoni (2011):

Las remesas familiares son recursos que llegan directamente a la familia y son utilizados principalmente en la reproducción material, social y cultural de sus integrantes. Si bien el principal uso es como parte del salario que recibe la familia, existen también otros usos, como por ejemplo, gastos especiales destinados a solventar costos asociados a problemas de salud específicos (tratamientos, urgencias médicas, operaciones). [...] Otros tipos de usos se relacionan con celebraciones, fiestas o llamadas telefónicas, lo que tiene por el objetivo el mantenimiento de los vínculos entre sus miembros (STEFONI, 2011, p.502)¹³⁸.

Para Canales, as funções das remessas correspondem ao papel que cabe ao salário. Trata-se de um valor recebido por um membro da família em troca do trabalho que se realizou. A diferença é que esse membro da família, um trabalhador, está fora de seu país (CANALES, 2008 apud STEFONI, 2011). A partir da análise dessas transferências pode-se entrever as relações sociais envolvidas nos processos de envio, destino e manejo do recurso, e, logo, avaliar se seu impacto econômico passa a considerar seu contexto social.

A pesquisa realizada por Canales (2006), com base nas informações do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, permite afirmar que os principais países receptores de remessas da América Latina, em relação à porcentagem de seu PIB, têm o menor nível de desenvolvimento (levando em conta o índice de Gini e as taxas de pobreza),

¹³⁸ “As remessas familiares são recursos que chegam diretamente à família e são utilizados principalmente na reprodução material, social e cultural de seus integrantes. Se bem que o principal uso é como parte do salário da família, existem também outros usos, como por exemplo, gastos especiais destinados a sustentar custos associados a problemas de saúde específicos (tratamentos, urgências médicas, operações). [...] Outros tipos de usos relacionam-se com celebrações, festas ou chamadas telefônicas, que têm por objetivo a manutenção dos vínculos entre seus membros” (STEFONI, 2011, p.502, tradução própria).

como é o caso de Honduras, El Salvador, Guatemala e República Dominicana. Por outro lado, em países com os maiores índices de desenvolvimento dessa região, como Brasil, Argentina, Chile, Costa Rica e Panamá, as remessas são insignificantes em relação ao PIB de cada país (apesar de apresentarem maior volume em valores absolutos).

En síntesis, el análisis de los determinantes de las remesas nos permite concluir que en términos macroeconómicos, su dinámica y comportamiento no corresponde al de un fondo de ahorro o inversión, sino más bien al de un ingreso familiar que, bajo la forma de transferencias familiares, contribuye a compensar los efectos negativos de las devaluaciones recurrentes de la moneda, la pérdida de poder adquisitivo de los salarios, y la pérdida de competitividad de nuestras economías provocadas por la crisis recurrentes y los ciclos recesivos de las economías latino-americanas. Ahora bien, aunque las remesas están lejos de constituir una alternativa para impulsar y financiar el desarrollo económico de las comunidades de origen, ello no significa que no tengan impactos económicos (CANALES, 2006, p. 118)¹³⁹.

O autor aponta que as remessas são recursos privados, parte do salário familiar, e que contribuem para a melhora de vida e sustento dos lares receptores. Afinal, o principal destino desse dinheiro tem o objetivo de cobrir os gastos com a reprodução social dessas famílias. Os governos não devem contar com esses recursos para superar ou resolver os problemas estruturais que perpetuam a pobreza. Para isso, servem as políticas públicas para o desenvolvimento econômico e social das economias nacionais.

En otras palabras, las remesas fluyen de trabajadores precarios y vulnerables, hacia sus familiares que viven en condiciones de pobreza y contextos de marginación social. En este contexto, no es raro que, por un lado, las remesas se orienten fundamentalmente, a financiar el consumo familiar, contribuyendo a mantener un mínimo nivel de vida, a la vez que por otro lado, no fluyan en los montos y volúmenes necesarios para promover un verdadero proceso de movilidad social (CANALES, 2006, p. 120)¹⁴⁰.

¹³⁹ Em síntese, a análise dos determinantes das remessas nos permite concluir que em termos macroeconômicos, sua dinâmica e comportamento não correspondem ao um fundo de poupança ou de investimento, mas sim um ingresso familiar que, na forma de transferência familiar, contribui para compensar os efeitos negativos das desvalorizações recorrentes da moeda, a perda de poder aquisitivo dos salários e a perda da competitividade de nossas economias latino-americanas. Agora, ainda que as remessas estejam longe de se constituir uma alternativa para impulsionar e financiar o desenvolvimento econômico das comunidades de origem, isso não significa que não tenham impactos econômicos” (CANALES, 2006, p. 118, tradução própria).

¹⁴⁰ “Em outras palavras, as remessas fluem de trabalhadores precários e vulneráveis, até seus familiares que vivem em condições de pobreza e contextos de marginalidade social. Nesse contexto, não é raro que, por um lado, as remessas se orientem fundamentalmente a financiar o consumo familiar, contribuindo para manter um mínimo nível de vida, e que, por outro lado, não fluam em montantes e volumes necessários para promover um verdadeiro processo de mobilidade social” (CANALES, 2006, p. 120, tradução própria).

5.2. As mulheres e as remessas

A partir dos fluxos globais financeiros, o quanto pode-se entender e conhecer sobre as migrações internacionais? As remessas são o pagamento desses imigrantes em troca de seus serviços prestados no país de destino. Por trás da decisão, e especialmente, da necessidade em enviar recursos financeiros aos lares de origem, existem conflitos que precisam ser amenizados, laços afetivos a serem afirmados, doenças e tristezas para serem curadas e até sonhos a serem realizados.

As mulheres e seu papel diante das remessas, seja como emissoras ou receptoras, se configura como um dos principais temas no debate internacional. De acordo com Nafis Sadik (2006), representante das Nações Unidas, para além do fato de que as mulheres constituem a metade dos imigrantes internacionais, ainda persistem muitas lacunas nas pesquisas sobre a migração de mulheres. Apesar da pouca disponibilidade de dados confiáveis, sabe-se que significativas quantias são enviadas e recebidas pelas mulheres. Sadik afirma que as imigrantes tendem a destinar grande parte de seus salários ganhos no país de destino a seus lares no país de origem, em especial, para pagar despesas com crianças, saúde e educação.

O relatório da ONU, INSTRAW (2008), que aborda a questão das remessas enviadas pelas mulheres, destaca que o valor do recurso, a periodicidade e sua manutenção ao longo do tempo variam de acordo com o sexo. As mulheres tendem a enviar uma maior proporção de seu salário, implicando em maior esforço e maior comprometimento com esse envio, em detrimento de investimentos em projetos individuais relacionados à sua formação, qualificação profissional, ou até a gastos com lazer e objetos pessoais.

O envio periódico de remessas é uma das estratégias que contribuem para a manutenção dos laços entre as famílias e comunidades. Em pesquisa realizada com bolivianos na cidade de São Paulo, Freitas (2009) revela que cada imigrante envia uma média de 100 dólares mensais a seu país de origem, o que é suficiente para assegurar a manutenção de uma família na Bolívia, por exemplo. Como demonstram as entrevistas realizadas durante esta pesquisa, a maioria dos imigrantes entrevistados não tem o objetivo de realizar investimentos produtivos, mas sim de garantir a satisfação das necessidades vitais de suas famílias, também nas áreas de saúde e educação:

Aunque con variaciones, la cobertura sanitaria de los países de origen tiende a ser deficiente y depende en gran medida de la capacidad que posean los hogares para costear servicios privados, lo que convierte en gasto prioritario en cuanto los recursos monetarios aumentan como efecto de las remesas. Por

otro lado, el asegurar el acceso a la educación superior por parte de los hijos es uno de los principales objetivos de la migración en muchos casos, de manera que el costeo de la misma captura gran parte de la inversión que se realiza con remesas. Una última función que cumplen las remesas de forma invariable es la de actuar como sustituto de la protección social que los estados de origen no proveen, sirviendo como pensión de jubilación para los padres de las personas migradas, prestación por desempleo o enfermedad para hermanos, sostén ante la viudez de madres, etc. (UN- INSTRAW, 2008, p. 71)¹⁴¹.

A jovem costureira V. é boliviana, e sua motivação para vir ao Brasil se deu devido ao desejo de poder arcar com seus estudos universitários:

Tenía pensado que yo terminaba recién el colegio. Necesitaba dinero para estudiar, porque a mis papas no les alcanza, somos siete hermanos. Pensé en quedarme un año (no Brasil), trabajar, ganar, ni se, digamos, en un año, tanto voy a ganarme en un año, con esto me vengo [a Bolívia] y estudio. Mas no fue así. No gané este dinero, tuve que pagar mi pasaje, el gasto aquí. Se gasta mucho. Me quedo un año más. Pienso trabajar un año más para regresar a Bolivia e estudiar, pero...Vine aquí con la intención de ganar dinero y regresar a estudiar. Mis papás no pueden pagar mis estudios de universidad (informação verbal)¹⁴².

Desse modo, o dinheiro que envia à Bolívia é, em parte, destinado a apoiar seus pais, e outra parte é voltada para a poupança, aberta com o objetivo de garantir o financiamento futuro de seus estudos: “Para mis papás una partecita y otra estoy ahorrando, yo quiero estudiar, y quiero ahorrar” (informação verbal).

Também costureira, S. envia a seus pais que estão na Bolívia R\$500,00 a cada três meses. No entanto, diferentemente de V., esse dinheiro é utilizado para pagar as dívidas acumuladas no banco devido a um empréstimo realizado para custear a construção da casa de sua família e seus estudos universitários. Ela explica:

Mi papá tiene un pequeño taller, dónde hace pelotas. Entonces todos trabajábamos ahí. Yo he estudiado, ella (sua irmã V.) ha acabado el colegio,

¹⁴¹ “Ainda que com variações, a cobertura sanitária dos países de origem tende a ser deficiente, e depende, em grande medida, da capacidade que possuem os lares para custear serviços privados, que se convertem nos gastos prioritários, enquanto os recursos monetários aumentam, como efeito das remessas. Por outro lado, assegurar o acesso à educação superior aos filhos é um dos principais objetivos da migração, em muitos casos, de maneira que o custo da mesma absorve grande parte dos investimentos que se realiza com remessas. Uma última função que cumprem as remessas, de forma invariável, é a de atuar como substituto da proteção social que os estados de origem não provêm, servindo como aposentadoria para os pais das pessoas que migram, e de sustento no caso de desemprego, doença para os irmãos ou viuvez das mães, etc” (UN- INSTRAW, 2008, p. 71, tradução própria).

¹⁴² Entrevista concedida por V. **Entrevista VIII**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

tenemos una hermana mayor que hace tiempo se había venido aquí, entonces ella tenía una oficina aquí, trabajaba con ella, entonces, ella nos hablo de aquí. Nos dijo que se ganaba algo mejor, entonces yo una vez que, allá estudiando, no he podido conseguir mucho, no tenía casi nada. Entonces...Mi papá tenía un pequeño terreno, teníamos que hacer la casa, yo presté dinero del banco, todo esto y acabando también de estudiar tenía que pagar el banco. Y como mi hermana me hablo que aquí se ganaba un poco más, yo decidí venir (informação verbal)¹⁴³.

No caso da paraguaia G., o dinheiro que envia é destinado a auxiliar na compra de alimentos para sua mãe e sobrinhos. Sua família tem uma conta aberta em um mercado no Paraguai, em que seus sobrinhos anotam o que compram: material de escola, uniforme, roupa, comida:

Supuestamente mi cuñada manda para los chicos, e yo, la plata que mando, es para mi mamá. Yo me voy a Paraguay al fin de año y retiro [compro] cosas para ella. Por ejemplo, le retiré para su cama, de casal, que ella nunca tuve, la cama de ella estaba toda rota, le retiro cocina, mando arreglar la casa, mando pintar. En caso yo me quede sin dinero en Paraguay yo mando parcelar y voy enviando el dinero. [...] Le mando R\$400,00, R\$500,00 (informação verbal)¹⁴⁴.

G. não sentiu muita diferença na casa de sua família, quando voltou ao Paraguai. Apenas notou a pintura das paredes paga com o dinheiro que enviou. Os patos e galinhas que ela criava haviam sido mortos para alimentação, e ninguém havia dado continuidade à criação (informação verbal).

D.M., quando chegou ao Brasil, tinha o compromisso de enviar dinheiro a sua mãe, o que faz até os dias atuais. Após quase quarenta anos no país, conta que, com o dinheiro acumulado, foi possível comprar um terreno no Paraguai, onde construíram uma casa.

Todo el trabajo de aquí que junto trabajamos y todo lo que juntamos invertíamos allá. [...] Me supongo, como vos sos brasileira, también va a querer [invertir] aquí, verdad? Entonces así, como somos paraguayos, también queremos ahí, la casa para los chicos, las cosas, y probar siempre (informação verbal)¹⁴⁵.

¹⁴³ Entrevista concedida por S. **Entrevista X**, [março, 2013]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

¹⁴⁴ Entrevista concedida por G. **Entrevista VII**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

¹⁴⁵ Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Táli Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Quando questionada sobre o meio pelo qual enviava o dinheiro, D.M. respondeu que, quando chegou ao Brasil, era enviado por meio de um motorista conhecido, e em quem ela tinha confiança. Atualmente, o meio mais barato e rápido encontrado, segundo as entrevistadas, é o envio através da empresa Western Union¹⁴⁶.

A jovem paraguaia M. trabalha como empregada doméstica no Brasil. Ela relata que envia quase todo seu salário para sua mãe, que ficou no Paraguai, para que possa pagar as contas da casa e comprar alimentos. No entanto, teve problemas com o envio, e o dinheiro não chegou ao destino:

Yo ganaba 600 y mandaba 500. [Los 100 reales] Cargaba crédito en mi teléfono y, así, compraba pão de queijo, agua de coco, y ahí ya acababan los 100. [...] Esta semana me pasó otra injusticia a mí acá en Brasil. Envié el dinero a mi mamá y mi mamá no lo retiró, lo retiró otra persona. Porque tiene el mismo nombre de ella. [Envié] Por el banco. Hay un banco aquí que se llama Western Unión. Acá, al llegar al banco para enviar, te dan un código, y ese código yo tengo que enviar a mi mamá. Y con ese código yo envié el dinero. [...] Yo no entiendo lo que pasó. Con lo poco que me pagó mi patrona y ahora me viene y me pasa esto. [La mamá] Compra los víveres de la casa, y pagan cuentas. [Seus pais] Trabajan, solo que en Paraguay se gana muy poco. Mi papá trabaja pero, en Paraguay no hay mucho trabajo y un día trabaja el otro día no (informação verbal)¹⁴⁷.

Em entrevista a esta pesquisa, a peruana M.E.¹¹⁹ relata que, assim que chegou ao Brasil, tinha a responsabilidade de enviar dinheiro a seu marido e filhos, que haviam ficado no Peru. Com a vinda deles ao Brasil, ela mantém o compromisso de enviar dinheiro a seu pai e irmão:

Nosotros mandamos plata a mi papá de todas las maneras. Mensualmente. O as veces a cada dos meses le mandamos dinero. Mandamos en nombre de mi hermano, que compra las cosas para que coman, algunas cosas necesarias que necesiten en casa. Por esto se manda. Para los alimentos y esto (informação verbal)¹⁴⁸.

¹⁴⁶ A *Western Union* é uma empresa especializada em serviços financeiros com postos de atendimento no mundo todo. Segundo sua página virtual, a empresa é a líder mundial na transferência de dinheiro. A *Western Union* existe há mais de 150 anos, tendo começado suas atividades nos Estados Unidos, na área de telégrafos. Em 1871, deu início ao serviço de transferência de dinheiro. Os serviços oferecidos atualmente são: recebimento e envio de dinheiro, pagamento de contas, solução de negócios e cartões pré-pagos de telefone ou de presentes. Em 2001, a empresa tinha mais de 100.000 agentes no mundo todo, em 2006, afirmou ter atingido cerca de 147 milhões de consumidores. No momento, dispõe de 510.000 agências em mais de 200 países. Na região metropolitana de São Paulo, ela dispõe de 32 agências, sendo 22 delas espalhadas pela cidade de São Paulo.

Fonte: http://corporate.westernunion.com/About_Us.html

¹⁴⁷ Entrevista concedida por M. **Entrevista VI**, [março, 2012]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

¹⁴⁸ Entrevista concedida por M.E. **Entrevista IV**, [março, 2012]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Quando chegou ao Brasil, no final da década de 80, a boliviana E.¹²⁰ comenta que não havia tanta facilidade para enviar dinheiro a seu país. Muitas vezes, os recursos financeiros adquiridos com o trabalho no Brasil eram enviados por meio de compatriotas que, por ventura, realizassem viagens de visita ou de retorno à Bolívia.

No había esa facilidad cuando yo llegue. Hubiera querido que haya eso para poder mandar si quiero. Porque ahora hay en todo lugar. Pude mandar. A la vez que llegue no había eso y no era fácil comprar dólar, también. Así que no mandaba. Si yo enviaba era por voluntad porque no había...A veces si viajaba un amigo, mandaba de esta forma. [...] Porque yo también hacia este favor, yo viajaba, “voy viajar” y ellos mandaban e yo iba a este lugar y les mandaban cositas (informação verbal)¹⁴⁹.

O conjunto de relações sociais e atores envolvidos no envio e recebimento de remessas permitem afirmar que, no caso de mulheres imigrantes latino-americanas residentes no Brasil, a maior parte dos recursos enviados tem como destino garantir a manutenção das necessidades básicas de familiares nos países de origem. Conforme abordado nesta pesquisa, entre essas necessidades encontram-se motivos como pagamento de dívidas ou investimentos em educação - seja para as crianças, seja como tentativa de custear um curso superior. Nesse caso, a busca por soluções para garantir a manutenção econômica advém de uma estratégia familiar.

¹⁴⁹ Entrevista concedida por E. **Entrevista V**, [março, 2013]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

Conclusão

Ao longo do presente trabalho, procurou-se captar as trajetórias de mulheres imigrantes e suas famílias, vindas de países como Bolívia, Paraguai e Peru, as quais mantêm laços afetivos, econômicos e culturais entre os países de origem e destino – nesse caso, o Brasil. Por entender as migrações internacionais como um fenômeno que não é autônomo ou isolado, os discursos analisados revelam diversas experiências a partir de um processo de migração internacional. Não é possível estabelecer o momento de início dessa dinâmica, isto é, o exato momento da decisão de partir e o encerramento da migração. As falas se mesclam, os atores envolvidos são múltiplos, e uma linearidade cronológica passa a ter pouco sentido. Portanto, os relatos dos entrevistados inserem-se no texto da maneira como se relacionam com outros fenômenos sociais que impactam as migrações internacionais, tais como: relações sociais de sexo; presença das mulheres no mercado de trabalho na região da América Latina; organização produtiva da indústria da confecção; legislação sobre migrações internacionais; e fluxos midiáticos e financeiros em um contexto de globalização.

Foi possível detectar que as migrações internacionais e as experiências dos sujeitos envolvidos nesse processo oferecem um campo de análise que desafiam conceitos das Ciências Sociais, em especial aqueles conceitos que vinculam identidade a um único território. No contexto de globalização – entendida aqui como intensificação dos fluxos de informação, transporte e circulação de mercadorias –, é possível identificar o cenário que estrutura as relações sociais desenvolvidas na migração internacional. Esse fenômeno tem contestado o controle e o poder do Estado nacional sobre seu território. A partir das migrações internacionais, torna-se possível analisar o impacto que as transformações decorrentes da globalização têm a nível local. Existe uma emergência da diversidade e da multiplicidade de informação e de repertórios culturais que são construídos a partir das conexões midiáticas que transcendem os territórios nacionais. Entretanto, é possível afirmar que, no caso das migrações internacionais, ainda são poucas as experiências que realizam um real processo de integração social. O Acordo de Livre Residência do Mercosul é um mecanismo de integração regional que entrou em vigor recentemente. Os efeitos da livre circulação de pessoas na região – ainda que institucional – começam apenas agora a ser captados.

Para dar conta da explicação do fenômeno das migrações internacionais recentes entre países como Brasil, Bolívia, Paraguai e Peru, foi necessário incorporar a ideia do transnacionalismo, que perpassa tanto as redes migratórias como o grupo doméstico, no país

de origem e no de destino. As relações sociais que persistem entre sujeitos localizados em mais de um país são parte de todas as trajetórias dos imigrantes analisadas. São muitos os vínculos que puderam ser captados, em especial aquele que se expressa pelo compromisso econômico, realizado por meio do envio de remessas para as famílias. Também é marcante a manutenção de práticas culturais, como a participação nas festas cívicas e religiosas da comunidade de origem e o entendimento de que é necessário transmitir a língua e a culinária do país de origem aos filhos e parentes no país de destino.

A migração internacional pode ser tratada como uma estratégia ou uma tentativa de modificar a estrutura de oportunidades existentes em um dado momento. No caso dos entrevistados nesta pesquisa, a busca por trabalho, a ausência de perspectivas no país de origem, o pagamento de dívidas, além de situações de conflito familiar, violência e da necessidade de garantir o sustento da família são os principais fatores apontados pelos imigrantes para saírem de seus países. Ainda que os relatos descrevam experiências individuais, não se tratam de trajetórias aleatórias. A migração internacional emerge como uma alternativa que envolve um empreendimento familiar na busca de melhores condições de vida, e de transformações da realidade na qual esses sujeitos estão inseridos. Por meio dos relatos das mulheres imigrantes, foi possível detectar a maneira como a decisão por migrar está relacionada com a busca de um trabalho que lhes garanta uma renda maior, permitindo assegurar a manutenção de seu grupo doméstico, esteja ele no país de origem ou de destino.

Foi possível identificar que o aumento da circulação de pessoas na região vem sendo acompanhado de um fluxo financeiro de remessas com destino aos países de origem dos imigrantes. Podemos dizer que esse aspecto é uma faceta da transnacionalidade, pois revela a interconexão dos imigrantes com seus países e lares de origem, superando os limites geográficos e as fronteiras tradicionais. Por trás de cada dólar enviado e contabilizado pelos bancos e organizações financeiras, está a decisão de um indivíduo em ajudar sua família e o laço afetivo de um ou uma imigrante com sua família e sua comunidade. O destino desse recurso também demonstra o impacto que a imigração internacional pode ter nas comunidades de origem, uma vez que as remessas podem aliviar situações de dificuldade financeira e pobreza imediata. Entretanto, não há evidências suficientes de que essas remessas terão efeitos positivos capazes de superar as dificuldades estruturais características das comunidades de origem. Questões sobre onde aplicar esse recurso ou quem deve tomar essa decisão aparecem, claramente, nas entrevistas com imigrantes na cidade de São Paulo.

As metrópoles latino-americanas, enquanto cenário das grandes transformações em

inovações organizacionais e em produção, emergem como principal destino de imigrantes bolivianos, peruanos e paraguaios. Seja para a inserção no emprego doméstico ou para o trabalho no setor da costura, as cidades de Santiago (Chile), Buenos Aires (Argentina) e São Paulo (Brasil) são os locais prioritários onde é possível encontrar a articulação entre trabalhos precários e a presença de imigrantes dispostos a realizá-los. Para tanto, as redes familiares, de amizade ou de agenciamento de empregos são fundamentais para que a migração aconteça, pois dessas redes depende a conquista de um emprego e de um local de moradia no país de origem.

No Brasil, existem poucas fontes de informação sobre o número de imigrantes em seu território. Essa responsabilidade é, em parte, do poder público, ainda incapaz de construir mecanismos institucionais (legais e administrativos) para o reconhecimento desses trabalhadores e de suas famílias. A maioria dos imigrantes de países como Bolívia, Paraguai e Peru inserem-se em setores em que prevalece a informalidade, como o emprego doméstico e as oficinas de costura ligadas à cadeia produtiva da indústria da confecção. Eles permanecem, assim, não abarcados pela legislação trabalhista local, e desprovidos de benefícios sociais. Ainda que almejem realizar sua regularização migratória, os altos custos são um fator que atrapalham e retardam essa possibilidade para os imigrantes mais pobres, deixando-os impossibilitados de desfrutar de seus direitos fundamentais. Invisíveis para as estatísticas, também se tornam invisíveis políticos, na medida em que a legislação atual lhes impede de organizarem-se coletivamente para apresentar suas demandas ao poder público.

A entrada de trabalhadores imigrantes no Brasil está relacionada com o intenso processo de reestruturação produtiva por qual passou a indústria da confecção, e que resultou na precarização das relações de trabalho e na externalização dos custos e riscos envolvidos da produção. As encomendas demandadas pelas grandes empresas confeccionistas são repassadas a inúmeras oficinas de costura, nas quais a presença do trabalho sem carteira-assinada e por conta própria é abundante, assim como a presença da mão-de-obra feminina. No caso do setor da costura, procurou-se aqui relatar como o espaço doméstico torna-se o local prioritário do uso da mão-de-obra familiar e imigrante, a fim de garantir a diminuição dos custos com a produção de mercadorias.

As transformações recentes na indústria da confecção têm estreita relação com a presença de imigrantes no setor. A intensificação do uso da mão-de-obra de imigrantes bolivianos e paraguaios no setor da costura está relacionada com a entrada de inovações gerenciais e de produção, introduzidas por imigrantes coreanos que chegaram ao Brasil no

final dos anos de 1970. As peças de roupas costuradas por imigrantes localizados nos bairros tradicionais da cidade de São Paulo são produzidas a partir de um planejamento e organização que ocorre em nível global.

Os dados revelam que a divisão sexual do trabalho também é estruturante para o processo das migrações internacionais, assim como da globalização, na medida em que homens e mulheres experimentam de maneira desigual seus efeitos, acirrando relações de poder no mercado de trabalho e na família. Na América Latina, a entrada das mulheres no mercado de trabalho ocorreu de maneira desigual: elas inseriram-se em postos de trabalho de menor remuneração e com maior precariedade. Uma das estratégias das mulheres para enfrentar as dificuldades econômicas – aumento do preço de alimentos e redução dos investimentos do Estado em políticas sociais – foram o aumento de sua carga de trabalho no espaço doméstico e sua entrada no mercado informal.

Ainda que muitas mulheres tenham ascendido profissionalmente na América Latina, ocupando cargos de responsabilidade e ganhando altos salários, as tarefas domésticas continuam sendo uma atribuição tipicamente feminina, as quais não são repartida igualmente com os homens. Desse modo, os lares mais abastados têm capacidade para contratar empregadas domésticas advindas dos estratos sociais mais pobres e menos escolarizados. No Brasil, o trabalho doméstico tem rosto de mulher, negra ou parda. Com a diminuição da migração interna, a entrada de imigrantes advindas de países como Bolívia, Paraguai e Peru para a inserção no emprego doméstico tem se colocado como uma nova realidade, que desafia tanto as políticas migratórias como desafia o fato de nossa sociedade não assumir a necessidade do compartilhamento das responsabilidades domésticas e familiares.

A pesquisa realizada não oferece subsídios para afirmar que a inserção das mulheres em um processo de migração internacional pode diminuir as desigualdades existentes fruto das relações sociais de sexo - este seria mais um desejo da pesquisadora do que um fato. É possível afirmar que as migrações internacionais estão vinculadas a um processo de globalização que teve na reestruturação produtiva uma de suas principais consequências. Da mesma forma, a ausência ou a diminuição de investimentos do Estado em políticas sociais tornam as mulheres as principais responsáveis por garantir o bem-estar dos membros de seu grupo doméstico.

O protagonismo cada vez maior das mulheres nas migrações internacionais parece revelar a existência de uma maior independência e autonomia. No entanto, as entrevistas demonstraram que a migração internacional é uma alternativa diante das situações de pobreza

e conflito no país de origem, em casos nos quais as mulheres não encontram mais possibilidades de negociação ou apoio dos serviços sociais e de sua comunidade. As mulheres relatadas neste texto não são vítimas ou heroínas, mas, sobretudo, são cada vez mais responsabilizadas pela manutenção econômica dos membros de suas famílias, pelas quais elas se submetem a inúmeras situações de risco e incertezas que envolvem o processo de migração internacional. Também não é possível afirmar que no Brasil as possibilidades para alterar as relações de poder entre homens e mulheres ou exploradores e explorados são maiores. Os relatos demonstram que a realidade de vida e trabalho no país envolvem grandes limitações e dificuldades, e os ganhos (que variam de acordo com as expectativas de cada imigrante) tardam a acontecer.

Referências

ABRAMO, Laís; VALENZUELA, María Elena. Inserción laboral y brechas de equidad de género en América Latina. In: **Trabajo decente y equidad de género en América Latina**. ABRAMO, Laís (org.) Oficina Internacional del Trabajo, OIT, Santiago, 2006, p. 29-62.

_____. A situação da mulher latino-americana – o mercado de trabalho no contexto de reestruturação. In: **Mulher e trabalho experiências de ação afirmativa**. Boitempo Editorial, São Paulo, 2000, p.76-93.

ALLENDES, Claudia; SOLIMANO, Andrés. **Migraciones internacionales, remesas y el desarrollo económico: la experiencia Latinoamericana**. División de Desarrollo Económico, CEPAL, 2007.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large**. University of Minnesota Press. Minneapolis, London, 1996.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Cia. Das Letras, São Paulo, 2004.

ATAL, Juan Pablo; ÑOPO, Hugo; WINDER Natalia. **New Century, Old Disparities. Gender and Ethnic Wage Gaps in Latin America**. IDB Working Paper Series No. 109. Inter-American Development Bank, 2009.

BARALDI, Camila; VENTURA, Deisy. Políticas migratórias e tráfico de pessoas: quando a árvore esconde a floresta. In: **Tráfico de Pessoas: uma abordagem para os Direitos Humanos**, Daniela Scacchetti, Gustavo Seferian e Inês Virginia P Soares (coordenadores), 2013, no prelo.

BAENINGER, Rosana. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: **Imigração Boliviana no Brasil**. BAENINGER, Rosana (org.) Núcleo de Estudos de População – NEPO/Unicamp; FAPESP; CNPQ; Unfpa, 2012, p. 9-18.

BASCH, Linda; GLICK SCHILLER, Nina; SZANTON BLANC, Cristina. **Nations Unbound – Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation – States**. Gordon and Breach Publishers, 1994.

BECK, Ulrich. **O que é globalização? Equívocos do globalismo respostas à globalização**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998, p. 183-191.

_____. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek, 1998. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p.9-23.

CACCIAMALI, Maria Cristina; TATEI, Fábio. **Crise Econômica Mundial, mudanças nas características do desemprego no mercado de trabalho brasileiro?** In: MORETTO, Amilton.

KREIN, José Dari; POCHMANN, Márcio; MACAMBIRA, Júnior. **Economia regional, desenvolvimento regional e mercado de trabalho no Brasil**. Fortaleza, 2010, p. 53-77.

ÇAGLAR, Ayse; SCHILLER, Nina Glick. **Locating migrants. Rascaling cities and migrants**. Ithaca and London: Cornell University Press, 2011.

CANALES, Alejandro. **Migración, remesas y desarrollo. Mitos y realidades**. In: Encuentro Iberoamericano sobre Migración y Desarrollo. Secretaria General Iberoamericana, Madrid, 2006, p.109- 121.

CARRASCO, Cristina. **Hacia nuevos indicadores de trabajo y gênero**. In: VILLOTA, Paloma (org). *Globalización y Desigualdad de Género*. Editorial Síntesis. Madrid, 2004, p. 103-127.

_____. **A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres**. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (orgs). *A Produção do Viver*. São Paulo: SOF, 2003, p 11- 49. .

CASTELLANOS, Patricia Cortés. **Mujeres migrantes de América Latina y el Caribe: derechos humanos, mitos y duras realidades**. Serie Población y Desarrollo. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE). CEPAL. Santiago de Chile, 2005.

CDHIC. **Brasil- Informe sobre a legislação migratória e a realidade dos imigrantes**. Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante, 2011.

COURTIS, Corina; PACECCA, María Inés. **Género y trayectoria migratoria: mujeres migrantes y trabajo doméstico en el Área Metropolitana de Buenos Aires**. Papeles de Población nº 63, CIEAP/UAEM, 2010, p. 155- 185.

CUNHA, Gabriela; FUENTES, Renata. **Mulheres, Trabalho e Globalização: Gênero como determinante nos padrões globais de desigualdade.** *Revista Ártemis*, nº 4. UFPB, 2006.

DIAS, Guilherme Mansur, SPRANDEL, Márcia Anita. **Reflexões sobre políticas para migrações e tráfico de pessoas no Brasil.** *Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana*, Brasília, nº 37, jul/dez, 2011, p. 59-77.

EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie Russell. **Global Woman – Nannies, Maids and Sex Workers in the New Economy.** Metropolitan Books, New York, 2002.

FREITAS, Patrícia Tavares de. **Imigração e Trabalho: Determinantes históricas da formação de um circuito de subcontratação de imigrantes bolivianos para o trabalho em oficinas de costura na cidade de São Paulo.** Trabalho apresentando no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole – o que a globalização está fazendo de nós.** Record, Rio de Janeiro, 2000.

GREGORIO GIL, Carmen. **Migración femenina. Su impacto en las relaciones de género.** Narcea, s.a. de ediciones, 1998.

GLICK SCHILLER, Nina. **Teorização Feminista sobre Nação e Estado.** Caderno CRH UFBA, Salvador, n 33, 2000, p 113-142.

HIRATA, Helena. **Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero.** *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, ano 4, nº 7, 2008, p. 5-27.

HIRATA, Helena (2009). **A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho.** In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº21, p 24-41.

_____. **Gênero, trabalho e migrações internacionais.** In: *Seminário Internacional Migrações e Identidades: Conflitos e Novos Horizontes*, São Paulo, 2008.

_____. Por quem os sinos dobram? Globalização e divisão sexual do trabalho. In: EMÍLIO, Marli; TEIXEIRA, Marilane; NOBRE, Miriam; GODINHO, Tatau (orgs). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres – Desafios para as políticas públicas.** São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003, p.15-30.

IANNI, Octavio. **Globalização: Novo paradigma das ciências sociais**. In: Revista de Estudos Avançados 8 (21), 1994, p. 147 – 163.

ILLES, Paulo; TIMÓTEO, Gabrielle Louise Soares; FIORUCCI, Elaine da Silva. **Tráfico de Pessoas para fins de exploração do trabalho na cidade de São Paulo**. Cadernos Pagu (31), julho-dezembro, 2008, p.199-217.

KEARNY, Michael. **From the invisible hand to visible feet: Anthropological Studies of Migration and Development**. Annual Review of Anthropology, Vol. 15, p. 1986, 331-361.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli; TEIXEIRA, Marilane; NOBRE, Miriam; GODINHO, Tatau (orgs). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres – Desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher/ Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003, p. 55-63.

LEITE, Marcia de Paula. **Tecendo a Precarização: Trabalho a Domicílio e Estratégias Sindicais na Indústria da Confecção em São Paulo**. In: Trabalho, Educação e Saúde, 2(1), 2004, p. 239-265.

LEONE, Eugenia Troncoso. **O perfil dos trabalhadores e trabalhadoras na economia informal**. Escritório da OIT no Brasil. – Brasília, OIT, 2010.

LEVITT, Peggy; GLICK SCHILLER, Nina. **Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society**. In: International Migration Review, vol. 38, nº3, 2004, p. 1002-1039.

MILESI, Rosita. **Regularização de Imigrantes no Brasil, pelo sistema do Registro Provisório – Anistias de 1981, 1988 e 1988**. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2009.

MOCTEZUMA, Miguel. Entusiasmo estatal por La inversión productiva de los mexicanos que residen en el extranjero. In: **Nueva Época. Revista Digital de la Universidad Autónoma de Zacatecas**. Volumen 3, nº1, 2007, p. 91-111.

MOROKVASIC, Mirjana: Migration, Gender, Empowerment. In: Lenz, Ilse; Ullrich, Charlotte; Fersch, Barbara (eds.): **Gender Orders Unbound. Globalisation, Restructuring and Reciprocity**. Barbara Budrich Publishers. Opladen; Farmington Hills: 2007, p. 69-97.

OIM. **Perfil Migratório do Brasil 2009**. Organização Internacional para as Migrações, 2009.

OIT. **Domestic workers across the world: global and regional statistics and the extent of legal protection.** International Labour Organization , Genev, 2013.

ONU-INSTRAW. **Cruzando Fronteras: Migración y desarrollo desde una perspectiva de género.** Instituto Internacional de Investigaciones y Capacitación de las Naciones Unidas para la Promoción de la Mujer, 2008.

PAJNIK, Mojca; BAJT, Veronika. Migrant Women's Transnationalism: Family Patterns and Policies. In: **International Migration**. Vol 50(5), 2012, p. 153-167.

PERROT, Michele. **As Mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: EDUSC, 2005.

PIZARRO, Jorge Martínez. **El mapa migratorio de America Latina y el Caribe, las mujeres y el género.** Serie Población y Desarrollo. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE). CEPAL. Santiago de Chile, 2003.

PORTES, Alejandro, WALTON, John. **Labor, Class and the International System.** Academic Press. Orlando, 1981.

QUIMINAL, Catherine. Migrações. In: HIRATA, Helena...[et al] (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 138-143.

RIZEK, Cibele Saliba; GEORGES, Isabel; SILVA, Carlos Freire. Trabalho e Imigração: Uma Comparação Brasil- Argentina. In: **Lua Nova**, 79: 111-142, 2010, São Paulo.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SADIK, Nafis. **Gender and Migration.** In: Encuentro Iberoamericano sobre Migración y Desarrollo. Secretaria General Iberoamericana, Madrid, 2006, p. 301-305.

SASSEN, Saskia. Foundational Subjects for Political Membership- Today's Changed Relation to the National State. In: **Territory, Authority, Rights – From Medieval to Global Assemblages.** Princeton University Press, 2008, p. 277- 321

_____. **Una sociología de la globalización.** Katz Editores: Buenos Aires, 2007.

_____. **Contrageografías de la globalización – Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos.** Editora, Madrid, 2003.

_____. Global cities and survival circuits. In: **Global Woman – Nannies, Maids and Sex Workers in the New Economy.** EHRENREICH, Barbara, HOCHSCHILD, Arlie. Metropolitan Books, New York, 2002, p. 254- 274.

SCHILLER, Nina Glick, BASCH, Linda, BLANC, Cristina Szanton. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. In: **Anthropological Quarterly**, Vol. 68, No. 1, 1995, pp. 48-63

SCHILLER, Nina Glick, WIMMER, Andreas. Methodological Nationalism and Beyond: Nation-State Building, Migration and the Social Sciences. In: **Global Networks**, 2002, p.301-334.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: **Educação e Realidade**, editora, cidade, 20(2), 1995, pp.71-100.

_____. A mulher trabalhadora. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir). **A história das mulheres: o século XIX** (vol.4). Porto: Edições Afrontamento e São Paulo: Ebradil, 1994, p. 443- 475.

SILVA, Carlos Freire. Terceirização e trabalho informal: o caso da indústria de confecção. In: DAU, Denise Motta, RODRIGUES, Iram Jácomo, CONCEIÇÃO, Jefferson José (orgs.) **Terceirização no Brasil. Do discurso da inovação à precarização do trabalho (atualização do debate e perspectivas.** Editora Annablume, São Paulo, CUT, 2009, p. 29-47.

_____. (2008). **Trabalho Informal e Redes de Subcontratação: Dinâmicas Urbanas da Indústria de Confecções em São Paulo.** Mestrado em Sociologia. Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Sidney Antônio. **Costurando Sonhos: Etnografia de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo.** Dissertação de Mestrado. PROLAM – USP, 1995.

STEFONI, Carolina. **Migración, remesas y desarrollo. Estado del arte de la discusión y perspectivas.** In: Polis. Revista de la Universidad Bolivariana, Volume 10, nº 30, 2011, p. 495- 521.

TALAHITE, Fatiha. Mundialização. In: HIRATA, Helena...[et al] (orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 154- 158.

TERRY, Donald. **Las remesas como instrumento de desarrollo**. In: Encuentro Iberoamericano sobre Migración y Desarrollo. Secretaria General Iberoamericana, Madrid, 2006, p. 91- 106. .

TRUZZI, Oswaldo Serra; SACOMANO NETO, Mário. Economia e Empreendedorismo Étnico: Balanço Histórico da Experiência Paulista. In: **Redes e Sociologia Econômica**. São Carlos, Brasil, 2009, p. 241- 261.

TOKMAN, Victor. Domestic Workers in Latin America: Statistics for New Policies. In: **Women in Informal Employment Globalizing and Organizing (WIEGO)**, Working Paper (Statistics), nº 17, 2010.

URRY, John. **Sociology beyond Societies – Mobilities for the twenty – first century**. Routledge, 2000.

WALLERSTEIN, Immanuel. A world-system perspective on the social science. In: **The capitalist world-economy Essays by Immanuel Wallerstein**. Cambridge University Press & Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris, 1995.

ZOLBERG, Aristide. Changing Sovereignty Games and International Migration. In: **Indiana Journal of Global Legal Studies**. Volume 2, 1994, p. 153- 170.

Referências eletrônicas

ESTADO DE S. PAULO <http://blogs.estadao.com.br/jt-seu-bolso/mp-da-%E2%80%98desconto%E2%80%99-de-80-na-multa-da-zara-por-trabalho-escravo/>
Acesso em 29 de março de 2012

REPÓRTER BRASIL

<http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=1714>. Acesso em 29 de março de 2012.

<http://reporterbrasil.org.br/2013/03/comunicado-a-imprensa-do-grupo-gep>. Acesso em 31 de março de 2013

<http://reporterbrasil.org.br/2013/03/fiscais-flagram-escravidao-envolvendo-grupo-que->

[representa-a-gap-no-brasil/#comment-7305](#) Acesso em 31 de março de 2013.

<http://www.reporterbrasil.com.br/exibe.php?id=2017> Acesso em 02 de abril de 2012.

<http://www.reporterbrasil.org.br/conteudo.php?id=153> Acesso em em 03 de abril de 2012

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={111A299A-4524-4047-9BD0-01B44350785E}&BrowserType=NN&LangID=pt-br¶ms=itemID%3D%7BF7ED4597-F5CD-4066-B5E4-BE46126DEAE6%7D%3B&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D> Acesso em 16 de junho de 2013.

UOL NOTÍCIAS <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/08/17/flagrantes-mostram-roupas-da-zara-sendo-fabricadas-por-escravos.htm> Acesso em 29 de março de 2012.

WESTERN UNION http://corporate.westernunion.com/About_Us.html. Acesso em 29 de março de 2012.

Entrevistas

Entrevista concedida por A. **Entrevista I**, [março, 2013]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

Entrevista concedida por D.J. **Entrevista II**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Entrevista concedida por D.M. **Entrevista III**, [abril, 2012]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Entrevista concedida por M.E. **Entrevista IV**, [março, 2012]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Entrevista concedida por E. **Entrevista V**, [março, 2013]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

Entrevista concedida por M. **Entrevista VI**, [março, 2012]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São

Paulo, 2012.

Entrevista concedida por G. **Entrevista VII**, [março, 2012]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2012.

Entrevista concedida por N. **Entrevista VIII**, [março, 2013]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

Entrevista concedida por V. **Entrevista IX**, [março, 2013]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2013.

Entrevista concedida por S. **Entrevista X**, [março, 2013]. Entrevistadora, Tali Pires de Almeida. São Paulo, 2013.